



O CAMINHO *até você*

JÉSSICA DRIELY



O CAMINHO *até você*

JÉSSICA DRIELY

O Caminho Até Você ©Copyright 2020 — Jéssica Driely

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorizações por escrito da autora.

Está é uma obra de ficção qualquer semelhança, com nome, pessoas, locais ou fatos será mera coincidência.

Revisão: Bia Carvalho

Capa: Bia Carvalho

Sumário

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Epílogo](#)

Playlist



O Caminho Até Você: [link aqui.](#)

- 1 – Lovely – Billie Eilish, Khalid;
- 2- Warmness On The Soul – Avenged Sevenfold
- 3 – My Guardian Angel – Place Vendome
- 4 – Zzyzx Ed. – Stone Sour
- 5 – Lost It All – Birdy
- 6 – Something to Remind You – Staind
- 7 – Careless Whisper – Seether
- 8 – When Time Doesn't Heal – Allen Lande
- 9 – The Word – Christina Perri
- 10 – Til Kingdom Come – Pop Evil
- 11 – Calendário – ANAVITÓRIA
- 12 – Nothing Compares 2U – Sinéad O'Connor

Prólogo

Nathalie



Correr nunca foi tão necessário para a minha sobrevivência; no entanto, neste momento, esta era a única coisa que poderia fazer. Ou morrer, pois tinha certeza de que se Eric me pegasse ele simplesmente me mataria.

Nunca deveria ter permitido que minha vida perdesse todo o sentido dessa forma. Ninguém nunca deu a mínima importância ao saber que aquela não era minha vontade. E este foi o erro deles, afinal, eu não deixaria que me manipulassem como bem queriam.

Eu poderia ter deixado mais claro que aos vinte e dois anos não aceitaria ser dominada por mais ninguém. Mas pelo visto não fui tão clara como queria. Agora, precisava fugir, porém nenhum empenho seria suficiente quando se está quase que completamente impossibilitada de correr.

O peso do vestido atrapalhava meus movimentos, mas, ao menos, o tênis que escolhi para o dia que deveria ser tão especial para a minha vida foi o ideal para ajudar a me locomover.

Saí da mata densa depois de horas percorrendo-a desesperadamente para encontrar uma cidade que não sei nem o nome, mas que deveria servir para que eu me escondesse por um tempo. Esperava que alguém pudesse me ajudar e que não houvesse boatos de uma noiva – totalmente descabelada e suja – perambulando por aí. Senão, eu estaria muito ferrada, ou melhor,

assassinada.



Capítulo 1

Nathalie

Lembro-me como se fosse ontem quando tudo começou. Eu tinha dezessete anos, minha mãe havia acabado de morrer devido a um AVC e meu pai decidiu que era o melhor momento para virar um alcoólatra, saindo todas as noites e apostando as nossas economias.

Eu era jovem, tinha o sonho de cursar administração de empresas, mas isso foi destruído quando o meu pai perdeu tudo o que tínhamos para o pior grupo criminoso de Vila Nova, uma pequena cidade no interior de São Paulo. Que ninguém visitava; aliás, nem no mapa aparecia.

Foi naquele período que o resto da minha vida foi destruído. Meu pai, para pagar a dívida que fizera com os irmãos Scheidemann – dois alemães que coordenavam a facção criminosa –, me vendeu ao mais novo, que já tinha quarenta e três anos na época.

Hoje eu sou a protegida da cidade, se é que posso me considerar assim. Por onde passo, todos sabem que sou propriedade de Eric Scheidemann e nem se aproximam de mim. Nunca tive amigos, muito menos namorados e todos os garotos que tentaram alguma coisa foram espancados e alguns mortos na minha frente, e cada morte recaía sobre meus ombros, funcionando como uma lição para que eu nem tentasse de novo.

Saí dos meus devaneios assim que entrei no lugar que ao menos me

deixava um pouco contente: o único café de Vila Nova. Infelizmente para ter esses momentos de “paz”, longe daquela maldita mansão, eu precisava estar sempre acompanhada dos seguranças de Eric.

— Oi, Nathalie. O que vai ser hoje? — Carina, a garçonete do café, perguntou.

— Um frapê de chocolate — sussurrei.

Após anotar o meu pedido, ela caminhou para o balcão para começar a preparar minha bebida.

Abri pela milésima vez a revista que foi me dada esta manhã, assim que fui acordada um pouco depois do nascer do sol, para comparecer ao escritório de Eric. Parei por um momento, pensando em tudo o que foi me dito:

— Que honra ter sua ilustre presença aqui, Nathalie — Eric disse com sua língua presa devido ao sotaque que nunca perdera de seu país natal.

— Quando você solicita minha presença às seis da manhã, deve ser por um motivo muito sério, não é, Eric?

Olhei ao redor, para os vinte homens que estavam no seu escritório, onde eu me encontrava em pé, esperando a ordem que o ser abominável à minha frente tinha a me dar.

Quando fui vendida a ele, fui obrigada a deixar a minha casa e morar na mansão que eu mais odiava. Eric, ao menos, teve a decência de respeitar a minha idade e nunca tentar nada sexual comigo. Mas, infelizmente, às vezes obrigava-me a beijá-lo. Sentir aquela boca nojenta na minha, com aquele hálito repugnante, era uma das coisas mais tristes que fui obrigada a fazer desde os meus dezessete anos.

Agora, com vinte e dois, eu temia que ele tentasse se aproveitar de mim. Por isso, desde que completei esta idade – que ele sempre prometera uma surpresa quando chegasse nela –, fiquei meio apreensiva. Porém haviam se passado sete meses, desde o meu aniversário, e ele nunca falou nada.

Acabei esquecendo; só que, olhando para ele, sentado em sua cadeira de couro, analisando-me, sabia que a bomba seria jogada sobre mim.

Ele pegou uma revista de marca conhecida, pois era uma das mais renomadas do país, que tinha como tema “casamento”, e a jogou em minha direção. Devido ao susto tomado, deixei-a cair no chão, escutando, em seguida, um suspiro raivoso. Abaixei-me para apanhá-la o mais rápido possível, sabia que se não o fizesse seria pior para mim.

Afinal, ele poderia até não ter tentado fazer nada sexual comigo, mas os diversos tapas que já levei em meu rosto por desobedecê-lo fizeram com que eu aprendesse a ser uma garota que controlava todas as suas vontades de expressar o ódio que havia dentro da minha mente.

Ao pegá-la, olhei para a capa, onde um lindo vestido de noiva estava estampado sobre o corpo de uma modelo. Voltei minha visão ao homem, sentado à minha frente. Ele ainda não havia permitido que eu me sentasse em uma cadeira, então, permanecia em pé, encarando-o sem entender.

Arqueei uma sobrancelha, expressando o meu desentendimento, e ele novamente bufou, o que fez meu coração disparar. Eu o estava desagradando, sabia que se houvesse outro suspiro as consequências poderiam ser piores.

— Desculpa, Eric, mas eu não entendi muito bem por que me deu esta revista — sussurrei, abaixando meus olhos para o chão. Era melhor olhar o piso escuro do que aqueles olhos avaliadores do alemão à minha frente.

Não que eu fosse muito diferente dele, com meus cabelos loiros e olhos azuis, além da pele clara como neve, mas ao menos eu não era da Alemanha... odiava aquele país. Não, eu odiava *aquele* homem. Mas também odiava Armin, o irmão de Eric, que tinha exatamente setenta anos e era ainda pior do que ele.

— Lembra-se de quando disse que quando fizesse vinte e dois anos eu teria uma surpresa para você? — continuou em seu tom contido, fazendo com que eu só assentisse.

Percebendo que não manifestaria nenhuma reação além daquela, Eric

levantou-se da cadeira, mas não antes de dar um comando aos seus homens:

— Saiam todos.

Assim que o último saiu, fechando a porta em um baque surdo, Eric voltou-se para mim.

— Jurei que você era inteligente, *puppe*. — Odiava quando me chamava de boneca em sua língua, parecia que eu era um objeto sujo para aquele homem. — Você é minha e agora compartilharei meu sobrenome com você. — Segurando meu rosto com suas mãos asquerosas, prosseguiu: — Vai se casar comigo, e eu permitirei que escolha um vestido e até mesmo uma decoração de sua vontade, estamos entendidos?!

Meu coração disparou com sua declaração, mas consegui manter meus ânimos contidos dentro do meu corpo. Já que queria berrar que não iria me casar com ele, quando finalizou sua frase, puxou meu rosto de encontro ao seu e beijou-me com aqueles lábios odiosos, forçando sua língua em minha boca. Não retribuí, isso era uma das coisas que ainda não dava conta de controlar: o meu nojo por ele, e acho que nunca seria capaz. Ainda mais agora com essa invenção de casamento.

Assim que se afastou, olhou-me com ódio. Eu realmente não entendia o motivo de ainda estar viva depois de tanto tempo, afinal, eu o desobedecia e sabia que quem cometia tal ato sempre acabava a sete palmos abaixo da terra.

— Saia da minha frente e procure algo que goste neste catálogo. Não me irrite, Nathalie. Daqui a um mês nos casaremos.

Senti as lágrimas encherem meus olhos, mas não me deixei demonstrar essa fraqueza em sua frente. Eric não merecia que eu derramasse uma lágrima em sua presença. Saí em um rompante de seu escritório, enquanto era seguida por seus capangas que sempre estavam em minha cola. Eu queria sumir, no entanto, como desapareceria se nem tempo para respirar em um ambiente sozinha eu tinha?

O único lugar onde eles não entravam era no meu quarto, porém,

havia câmeras de vigilância nas janelas da minha sacada. Se eu resolvesse pular, eles já estariam me esperando lá em baixo.

E foi para lá que fui, jogando-me em minha cama e chorando tudo o que podia com a minha cabeça enterrada no travesseiro. Joguei a revista no chão, com ódio, só que eu sabia que teria que pegá-la uma hora ou outra para começar a pesquisa que Eric queria, pois, se não fizesse, seria pior para mim.

Foi com esse pensamento que levantei-me depois de algum tempo e procurei uma roupa em meu armário. Vesti o primeiro vestido preto que encontrei, coloquei um casaco de couro e uma bota cano longo. Depois de ajeitar meu cabelo, que já estava grande demais, peguei a revista do chão. Quando puxei minha bolsa do aparador que ficava em minha parede, saí para o corredor e todos os quatro seguranças que me perseguiram estavam lá, com suas tatuagens que formavam um triângulo – símbolo da facção –, em seus pescoços. Pelo que eu tinha ouvido, Eric e Armin – seu irmão repugnante – eram traficantes de metanfetamina, cocaína e já tinha ouvido pelos corredores algo sobre tráfico de pessoas. Eram realmente homens que não deveriam existir no mundo.

Nem olhei para os seguranças assim que comecei a andar, afinal, já sabia que eles iriam começar a me seguir. Caminhei lentamente pelas ruas, até chegar onde queria, e assim parti, à procura de meu pai. Sabia que ele estaria na porcaria do cassino clandestino dos irmãos Scheidemann, devendo ainda mais a eles e terminando de foder com a minha vida.

Assim que entrei no cassino, nem tentaram me barrar – a pessoa que fizesse qualquer coisa comigo morreria, essa sempre foi a mensagem de Eric. Ele comprara até a polícia da cidade. Sim, eu havia tentado denunciar o cárcere "privado" no qual era obrigada a viver, mas eles riram da minha cara quando tentei denunciar os irmãos e foi aí que eu soube que estava sozinha em Vila Nova. Nem o meu pai me defendia.

Enquanto pensava, encontrei-o em uma das mesas de aposta e caminhei, decidida, até ele.

— Podemos conversar, pai?

Ele olhou para mim, com seus olhos representando o quanto estava bêbado.

— Claro, *querida* — disse, de forma arrastada e com desprezo – o normal de seu tratamento para mim.

Assim que saiu da roda de jogo, caminhou para o reservado que havia no cassino, e eu o acompanhei.

— Como você pôde, papai? — Esbravejei assim que entramos e ele me olhou sem entender. — Além de me vender, prometeu um casamento para Eric. O senhor não podia ter um pouco de decência comigo?

Sorrindo com escárnio em minha direção, ele se pronunciou:

— Você foi um estorvo em minha vida, então, esta foi a maneira que achei de me libertar de você. O combinado sempre foi que ao completar vinte e dois anos você se casaria com ele. Acho que Eric até esperou muito para te avisar.

Senti o impacto da revelação atingir-me, e todo o resto de sentimentos que nutria por aquele homem tinha acabado de se desvencilhar do meu coração, corpo e mente. Pela primeira vez eu desejei algo que não deveria – senti uma vontade insana de matá-lo.

— Vai ser uma noiva muito bonita. — Ele ainda teve a coragem de dizer.

Senti uma vontade insana de chorar, mas não derramaria mais nenhuma lágrima naquele dia, por isso, achei por bem sair daquele lugar asqueroso, deixando para trás o homem que deveria me proteger e fui para o único ambiente onde me sentia bem: *o café da cidade*.

Agora estava aqui, olhando as fotos da revista, fiquei encantada com vários vestidos, mas não queria usar nenhum para me casar com o homem que eu mais odiava na vida.

No entanto, sabia que se não o fizesse, estaria morta mais rápido do

que imaginara.

Por isso, escolhi um modelo retrô, o que menos gostei, estilo princesa, com ombreiras ridículas e um véu espesso, todo trabalhado em pedrarias enormes. Era muito feio, mas era o que Eric merecia de mim.

A decoração, escolhi a verde musgo. Um casamento tão ruim deveria ter cores horrorosas também.

Ao voltar para a mansão, encontrei-a vazia. Ou melhor, repleta de seguranças, mas ao menos os irmãos repugnantes não estavam no recinto.

Deixando a revista na mesa de centro da sala de estar, caminhei para o meu quarto. Tranquei a porta e coloquei uma cadeira segurando a fechadura – como sempre fazia –, por medo de o cômodo ser invadido e tentarem fazer algo ruim para mim – ou melhor, algo ainda pior do que já faziam.

Tomei um banho demorado, quebrando a minha promessa já que as malditas lágrimas estavam caindo por meu rosto. Depois de vestir meu pijama no banheiro mesmo, deitei sobre a minha cama e olhei para o relógio do criado mudo, que marcava cinco da tarde. Era cedo, mas a carga do meu dia fora tão pesada que resolvi dormir e tentar esquecer a vida ruim que sobrara para mim no mundo.

Tinha fé que conseguiria sair dessa, pois não suportaria me casar com um homem como Eric, que seria capaz de tudo para que suas ordens não fossem desobedecidas. Mas nem era tanto isso que doía em meu peito; eram as palavras do meu pai que martelavam em meus pensamentos.

Queria minha mãe de volta, pois ela nunca permitiria que eu passasse por isso. Para dona Maria Clara, eu era a maior preciosidade. Quando ela morreu em meus braços todo o meu mundo desabou.

Eu não poderia imaginar que depois de sofrer tanto ao ver minha mãe morrer à minha frente, eu ainda teria que sofrer mais com um pai que deixou de viver e vingou uma morte da qual não tive culpa. Mas pelo visto ele sempre me culpara, mesmo anos depois.

Se eu tivesse ao menos uma chance de poder fugir.

Eu a pegaria sem titubear.

Sumiria de Vila Nova sem olhar para trás.

E tentaria viver escondida em um lugar que não sofreria tanto.

Se tivesse ao menos uma chance... Esse foi o último pensamento que tive antes de deixar o sono me levar para o descanso emocional que eu merecia.



Capítulo 2

Ricardo

O cheiro do tempero tinha batido diretamente no meu nariz. Sabia que havia algo errado com a receita que eu conheci aos onze anos, ainda lá na Itália, na casa da minha amada – e falecida – *nonna* Micaela.

— Eva, tem certeza de que tá tudo certo com essa receita? — questionei com calma, pois Eva – um ser baixinho, magro e de cabelos curtos e castanhos –, tinha um temperamento um tanto quanto revoltado com todos, inclusive comigo, que era seu chefe. Nunca me esquecia da época em que a conheci e caí na besteira de falar que uma receita estava errada... e fui ameaçado com um rolo de macarrão. Cristo! Foi hilário, e ela ganhou meu coração. Ainda não havia conhecido uma pessoa tão prestativa quanto Eva aqui no Brasil. E era a minha melhor funcionária, então, tinha que preservá-la.

— Sim, coloquei aí na panela tudo que está naquele papel velho que você me passou, conforme era seu tempo.

Assenti e senti o cheiro novamente perto da panela. Não estava certo, faltava acidez. Então eu já sabia o que era.

— E o toque de limão?

Vi sua testa franzir. Depois de um tempo sua sobrancelha se ergueu e sei que talvez ela pudesse gritar comigo, no entanto, simplesmente abriu seu

sorriso fofo e disse:

— Você está certo, como sempre, Rick. — Caminhou para perto da panela e despejou o caldo do limão que estava próximo ao fogão. — Esqueci.

— Acontece sempre comigo, quando tento aprender uma receita nova — disse para que ela percebesse que não a estava julgando. Assim que assentiu, me afastei.

Olhei em volta da cozinha e estava uma loucura. O dia era sábado e sempre costumava ser uma correria danada na hora do almoço, horário em que estávamos.

Fazia dezesseis anos que morava no Brasil. Saí da Itália aos quinze, depois de a minha vida ter perdido um pouco de sentido assim que minha mãe resolveu nos deixar para o suicídio. Então não vi mais motivos para continuar no meu país de origem. Não tinha parentes relevantes, éramos somente meu pai e eu contra o mundo. Possuíamos um pequeno restaurante familiar em Veneza, que fechamos e deixamos tudo para trás.

Quando chegamos ao Brasil nos estabelecemos em Rancheiro, uma cidade no interior de São Paulo que tinha um pouco mais de 120 mil habitantes. Era muito acolhedora, não tão pequena, mas parecia que todos nos conheciam. Seu Giovanni e eu montamos um novo restaurante e vínhamos sendo muito felizes com o nosso Grinani Gastrobar, que era um sucesso.

Saí pela porta vai e vem que ligava a cozinha à área de mesas, olhei para o caixa e meu pai estava todo sorridente cumprimentando os clientes que já conhecíamos há anos e até alguns novos que vinham para Rancheiro. Afinal, a cidade recebia muitas visitas, pois era um local dormitório, de ligação com a grande São Paulo e até mesmo algumas cidadezinhas que ficavam ao redor.

— Está tudo ok, *papà*? — questionei ao me aproximar, até mesmo com o avental, que tinha me esquecido de tirar e deixar na cozinha.

— Sim, *bambino*. — Papai podia morar mais dezesseis anos no Brasil que nunca perderia o sotaque.

Sorri para ele vendo mais alguns clientes entrarem pela porta do restaurante. Realmente hoje teríamos que trabalhar em dobro. Sabendo disso, dei um beijo em sua testa e parti para a cozinha novamente.

— Pessoal, hoje como em todos os finais de semana, está lotado. Então, vamos caprichar.

E foi isso que fizemos, afinal, eu nunca desagradava meus clientes. A culinária estava em minha família há anos, e eu herdei a mão boa para a cozinha. Meu pai, por outro lado, era um ótimo administrador, pois sua comida não era muito aceitável pelo paladar de ninguém.

Enquanto cortava os ingredientes para preparar um nhoque de ricota com espinafre, Eva se aproximou.

— Ricardo, preciso conversar com você. — Olhei em seus olhos e, pela apreensão que enxerguei neles, soube que não podia ser algo bom.

Deixei de lado o preparo da comida, tirei o avental e caminhei com Eva para o pequeno escritório que ficava paralelo à cozinha.

— Pode falar.

— Ana Elisa avisou que não virá novamente para o turno da noite.

Sentei-me em minha cadeira, que ficava disposta atrás da mesa de madeira de carvalho, e observei a minha funcionária de anos. Eva era parceira para tudo. Esquentada, estressada, mas cozinhava que era uma maravilha. E quando parava para falar de algum funcionário, eu sabia que tinha um problema.

Por isso, há dois meses, quando quis demitir Ana Elisa, ela se meteu e me contou o motivo de tantas faltas da minha funcionária mais recente. E eu fiquei transtornado assim que soube que o motivo eram os abusos que ela sofria do namorado, que hoje era ex, afinal, conversei com Ana Elisa, ela desabafou e me contou tudo, pedindo ajuda, pois não sabia mais o que fazer. Nessa oportunidade acompanhei-a até a polícia, e ela denunciou o ser inescrupuloso. Estava tudo bem, até este exato momento em que Eva me

chamou ao escritório.

Passei a mão por meu rosto, sentindo os fios da minha barba cerrada, e foquei meus olhos em Eva. Eu não admitia abusos, principalmente depois de perder a primeira pessoa que conheci aqui no Brasil para um agressor de mulheres.

Odiava me lembrar dessa época; eu era jovem, meio apaixonado pela garota mais linda que já havia entrado em nosso restaurante, mas ela tinha um ex-namorado – na verdade nunca me explicou direito o que acontecera em seu passado – violento. Janaina, então, fugiu da cidade onde morava e veio para Rancheiro, onde nos conhecemos, alguns meses depois de ela ter se instalado aqui.

Naquela época eu pensava que tudo ainda era lindo, por isso, jurei que Janaina estava bem, no entanto, depois de me apaixonar, de ouvir pela primeira vez de sua boca que ela me amava, a encontramos morta. Fora espancada e deixada na rua para ser encontrada. Quando soube o que havia acontecido, meu mundo, que já não era muito estruturado, perdeu um pouco mais do sentido.

Depois disso, jurei que nunca mais deixaria mulher alguma que eu conhecesse sofrer algum tipo de abuso, que iria lutar com todas as minhas forças para deixá-las a salvo. E era isso que eu fazia.

— Vou até a casa dela, pois se aquele homem... Não, homens não agredem mulheres... Se aquele idiota tiver feito alguma coisa com ela, dessa vez ele vai se ver comigo.

— Você não pode ir lá sozinho, Ricardo.

— Por que não?

— Não sei se você daria conta de uma luta corpo a corpo. — Mesmo que o clima estivesse tenso, Eva levantou a sobrancelha em desdém. Ela sempre teve um humor muito ácido.

— Minha querida Eva, posso não ser o Vin Diesel, mas sei dar um

murro certo — gargalhando, respondi.

— Ok! Então toma cuidado, porque você até que é um patrão legalzinho. — Olhei para ela, tão pequena, mas com um sarcasmo gigantesco, e só pude rir.

— Cuida da cozinha, responsabilidade sua. — Apontei o indicador em sua direção, começando a caminhar até o caixa, onde avisei ao meu pai que teria que dar uma saída e que Eva estaria no comando da cozinha.

Ao sair para o estacionamento do restaurante, entrei em meu carro, após destravar o alarme, partindo em seguida para a casa da minha funcionária que não ficava tão longe de onde estava.

Assim que cheguei, desci rapidamente do carro, atravessei a rua, parando na calçada e tocando o interfone. Demorou alguns minutos para que Ana aparecesse em minha frente, com um coque frouxo desganhado, uma roupa meio amarrotada, mas, ao menos até onde os meus olhos podiam ver, ela não estava com nenhuma marca de agressão.

— Você está bem, Ana? — questionei, e, assim que o fiz, sua bochecha ficou corada.

— Desculpa, Ricardo, ter falado que não ia para o turno da noite, mas eu não queria gerar um alarde maior.

— Alarde do quê? — voltei a perguntar, pois não estava entendendo nada.

— Resolvi me mudar para São Paulo, um lugar enorme, onde não serei perseguida por um louco que fica madrugadas aqui na porta da minha casa, mesmo com a liminar que o proíbe de chegar perto de mim. — Ela soltou um suspiro e voltou a dizer: — Sei que deveria ter avisado antes, para não te deixar na mão, mas nem pensei, só comecei arrumar minhas malas e lembrei depois de avisar a Eva que não iria hoje. Só que eu ia passar no restaurante para te avisar do meu pedido de demissão.

Olhei para aquela mulher à minha frente e senti ódio desse país, onde

uma mulher não podia se sentir segura nem em sua própria casa. E eu não a culpava; não existia ninguém que pudesse defendê-la. Fiz o que pude, mas uma pessoa contra o mundo não costumava salvar ninguém. Por isso, eu a apoiei.

— Quer ajuda com alguma coisa? — Ela abriu um sorriso gentil. — Posso ajudar a arrumar as malas, te dar carona para a rodoviária... o que você precisar, Ana. Até em economias, eu posso te dar...

— Acho que só a carona já me ajuda, Ricardo.

Assentindo, entrei em sua casa com sua permissão. E depois de ajudá-la a finalizar sua arrumação, partimos para a rodoviária. Ana Elisa, no banco do carona do meu carro, demonstrava uma expressão de contentamento, como se aquele momento fosse o ápice de sua vida. Assim que nos despedimos, disse a ela:

— Qualquer coisa que você precisar, pode me ligar que parto para a capital para te ajudar, ok?

— Pode deixar, tenho o seu telefone. — Ana me abraçou, e eu retribui o gesto, passando a mão por seus cabelos cacheados. — Desculpa por tudo, e obrigada também pelo que fez por mim — disse, assim que se afastou.

— Eu não fiz mais que a minha obrigação.

— Não era responsabilidade sua, e mesmo assim você me ajudou.

— Só fiz o que era necessário. Qualquer pessoa que perceba que uma mulher está sofrendo agressão deve se meter, para que nada de pior aconteça com ela.

Passei a mão por sua bochecha, limpando a lágrima teimosa que resolveu sair de seus olhos claros.

Logo o ônibus de Ana partiu para São Paulo, e eu fiquei estático, no mesmo lugar por muito tempo, só desejando que ela encontrasse a felicidade para onde estava indo. Ela merecia ser feliz. Mesmo que eu a conhecesse

somente há seis meses, sabia que ela tinha o direito de encontrar algo bom em sua vida.

Voltei para o restaurante, pois já era tarde, e o turno da noite iria começar. Assim que cheguei, percebi que tudo ia conforme o planejado. E era isso que importava. Mais uma pessoa seguiu suas vontades, e eu torcia para tudo dar certo.

Eu, por minha vez, continuaria no restaurante, que era o meu grande sonho e onde não acontecia nada muito de diferente. Amava fazer comida, e era isso que iria fazer neste momento depois de ajudar uma mulher linda a se salvar de um criminoso.

Cumprimentei meus funcionários do turno da noite. Eva ainda estava me esperando para saber notícias sobre Ana Elisa. Após informá-la, ela foi embora, já que sua noiva, Ângela, a estava esperando.

— Então, pessoal, vamos começar mais uma noite regada a muita comida boa!

Assim que todos responderam com entusiasmo, começamos os trabalhos para mais uma noite de sábado, completamente lotada. Muitos odiavam a rotina, mas eu amava a minha, que era cheia de cheiros e sabores totalmente diferentes todos os dias.

No entanto, mal sabia que dali a alguns dias toda a minha vida iria mudar.



Capítulo 3

Nathalie

Sobressaltei-me, voltando à tona depois de um pesadelo que me mostrava indo de encontro a Eric. Era nosso casamento. Meu Deus! Nunca senti meu coração tão disparado. Não que estivesse longe de isso acontecer, afinal, dali a dois dias iríamos nos casar, e eu não sabia mais o que fazer.

Eric não estava poupando dinheiro e ainda recusou tudo o que escolhi para o casamento. Tudo bem que era tudo horrível, e ele sabia que fiz isso de propósito, mas nem esse gostinho deu a mim.

Ainda com o coração disparado, vesti um robe e saí do quarto, precisando urgentemente de um copo de água. Odiava sair no meio da madrugada e andar pela mansão, mas desta vez não teria como, eu precisava de líquido para molhar a minha boca.

Mas assim que cheguei às escadas, desejei não ter saído do meu quarto. Armin e Eric estavam na sala, conversando. Odiava encontrar com os dois juntos, pois se um era ruim, juntos eram piores.

— Que belíssima noite para a nossa querida Nathalie nos fazer companhia — Armin murmurou.

Eu o odiava. Eric já havia me ameaçado sobremaneira e me batido também. Mas Armin já colocara armas em várias partes do meu corpo e

sempre falava em atirar caso eu desobedecesse ao seu irmão novamente.

Todas as vezes que eu descumpria algo que Eric ordenava, depois que me encontrava com Armin a pressão psicológica era muito pior.

— Aproxime-se, querida — Eric murmurou.

— Desculpem atrapalhar, só queria um copo de água.

— Depois você toma sua maldita água. Sente-se com a gente — Armin sussurrou.

Eles tinham uma classe tão impecável que quem os visse pensaria que eram boas pessoas. Mas o que eles tinham de elegância, também tinham de crueldade. Só me manterem prisioneira já era um motivo gigante.

No entanto eu sabia que se não fizesse o que estavam mandando acabaria sendo pior para mim, por isso, acomodei-me no sofá preto, de couro, perto de Eric. Ou melhor, fui obrigada a me sentar ao seu lado, assim que ele bateu com a mão direita no assento do móvel.

Sentei-me e fiquei calada até que Armin se manifestou.

— Está ansiosa para daqui a dois dias, querida Nathalie? — Olhei em seus olhos claros como os do irmão, mas suas feições eram ainda mais velhas do que as de Eric.

— Ansiosíssima. — Se eles sentiram a mentira em minha declaração não falaram nada, pois só continuaram com aquela expressão desdenhosa.

— Que bom, minha querida. — Eric passou a mão por minha bochecha e a vontade que tive foi de sair correndo, mas ainda me mantive paralisada no sofá. Só que eu não era idiota, e assim que vi seu irmão e alguns guardas se retirando, percebi que ele havia feito algum sinal para eles.

Eric puxou-me para ainda mais perto do seu corpo. Beijando minha bochecha com sua boca nojenta, ele sussurrou:

— Espero realmente que esteja feliz com o nosso casamento, *puppe*.

— Fechei meus olhos, porque não queria ver seu rosto tão perto do meu. — Responda, você está feliz?

— Você sabe muito bem que não estou — gritei desvencilhando-me de seus braços, assim que sua mão avançou por entre a abertura do meu robe.

Caí no chão da sala de estar, no entanto, levantei-me rapidamente. O olhar de ódio direcionado a mim fez com que meu corpo todo se arrepiasse de medo. Antes que Eric pudesse ordenar alguma coisa aos seguranças, corri em direção às escadas. Ouvi quando disse algo, mas nem dei atenção. Só corri e me tranquei no meu refúgio, que eu sabia que poderia ser rompido quando eles bem quisessem.

Mas por sorte ninguém tentou nada. Sabia que precisava fugir, porém não tinha a mínima ideia do que fazer. Sentei-me no chão e observei, da janela do meu quarto, o céu escuro da madrugada, sem estrelas. Estava tão mórbido quanto meus sentimentos conflitantes.

Como iria escapar daquele casamento?

Não consegui pregar meus olhos, vi quando o amanhecer chegou e até quando o sol radiante apareceu no céu. Eu meio que não quis sair de onde estava, continuei sentada por horas e horas no mesmo lugar. Só fui arrancada dos meus devaneios quando uma batida forte soou na porta.

— Senhorita Nathalie, se arrume, o pessoal que cuidará de tudo para o casamento, chegou e está querendo te conhecer. — Uma das muitas funcionárias que rondavam pela casa avisou.

Levantei-me meio sem opção e tomei um banho bem demorado, logo após escolher um vestido de tecido leve, com cores claras. Amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo e saí para o corredor. Pelo visto minha segurança estava redobrada, devido à minha cena de horas atrás, já que tinha mais três seguranças do lado de fora do meu quarto, além dos habituais.

Não deveria ter deixado ficar tão evidente a minha ojeriza por esse casamento. Agora o meu espaço pessoal estava ainda mais invadido, com tantos seguranças. Desci as escadas e encontrei cinco pessoas, todas muito

formais, como mandava o profissionalismo.

Eram três mulheres, muito bonitas e elegantes, juntamente com dois homens que não estavam nem um pouco diferente. Eles se apresentaram, mas, pela primeira vez, fui mesquinha, já que não me interessava nada que vinham deles. Afinal, estavam encarregados de me deixarem impecável para o grande dia.

— Querida — Eric me chamou todo doce, para demonstrar, na frente dos estranhos, que ele era um noivo amoroso e não um monstro horripilante —, venha até o meu escritório.

O olhar gélido que me direcionou fez com que os pelos dos meus braços se eriçarem. Sabia que eu tinha passado dos limites nos últimos dias, porém não poderia ser julgada. Desde os meus dezessete anos era prisioneira de um homem que não me deixou viver minha adolescência em paz e agora, além de tomar posse de todo o meu futuro, estava me obrigando a me casar com ele. Isso não podia ser levado na boa; se uma pessoa na minha situação fosse conivente com tudo isso eu iria achar, no mínimo, que ela estava pirada ou com uso extremo de drogas por seu organismo.

Não tinha como ser conivente com abuso em nenhuma de suas formas.

Assim que entrei no escritório de Eric e a porta foi fechada atrás de mim – por um dos seus capangas –, ele fez um gesto para que eu me sentasse na cadeira à sua frente. Mesmo não querendo, sentei-me, pois sabia que dentro daquele escritório já havia ficado com vários hematomas em meu corpo.

— O que pensa que está fazendo, Nathalie? — foi com esse questionamento que ele me recebeu, assim que me sentei na poltrona de couro.

— Não sei do que está falando — respondi petulante. Por dentro minha mente gritava para eu ser a pessoa comportada de sempre, só que não estava mais aguentando aquela prisão.

A batida forte de suas mãos sobre a madeira da mesa de seu escritório fez com que eu me sobressaltasse. Até ele soltar suas palavras cortantes, enquanto caminhava em minha direção para confrontar-me.

— Acho que você está muito rebelde nesses últimos dias, Nathalie. Por acaso estou te privando de algo, está faltando comida ou limite no seu cartão de crédito? — E foi aí que perdi o resto da paciência que eu tentava ter todos os malditos dias confinada nessa vida miserável.

— Não ouse dizer que sou ingrata. — Apontei meu dedo em sua direção encostando-o em seu peito, assim que tomei a atitude de levantar da poltrona. — Se utilizo do seu cartão é para comprar coisas essenciais para a minha vida. Pois nem ao menos trabalhar você permite que eu faça. Não me deixa estudar, me obriga a fazer tudo que quer. E ainda vamos nos casar, contra a minha vontade. Eric, você é um doente, manipulador, abusador de menores, pois quando começou com esse cárcere privado eu tinha apenas 17 anos. Me bate deste então. **POR ISSO, NÃO OUSE FALAR QUE SOU REBELDE, OU TENTAR ME FAZER SENTIR INGRATA** — gritei a última parte, mas toda ação gera uma reação, e o tapa forte que levei no rosto fez com que eu me desequilibrasse e caísse no chão.

— Talvez tenha te batido pouco, Nathalie — Eric não mudou o seu timbre para pronunciar a ameaça. — Deveria ter te castigado mais, deixado sem comer, sem aproveitar o bom da vida. Talvez só assim você aprendesse a me respeitar. — Sorrindo como um psicopata, continuou. — Agora vá fazer o que aquela equipe caríssima que estou pagando, para te dar o melhor casamento do mundo, quer fazer com você. Suma da minha frente.

Ainda com a mão sobre o local do tapa, levantei-me e caminhei para fora do seu escritório. Os meus olhos queriam transbordar todas as lágrimas possíveis que lhe fossem permitidas, mas eu não deixei que uma gota sequer caísse.

Fiz tudo o que foi me pedido – teve última prova do vestido, mostraram-me como estava ficando a decoração de todo o ambiente e muito mais. Mas a vergonha maior foi quando foram fazer o teste de maquiagem, e o maquiador ficou um pouco constrangido na hora que teve que esconder a marca que o tapa havia deixado em meu rosto. Ele não falou nada, e nem

precisava, só estava fazendo o seu trabalho. Tinha observado tudo, eu seria uma noiva muito bonita, mas uma das mais infelizes. Quando os testes foram finalizados, eram mais de dez da noite, e eu estava exausta.

Subi os degraus quase me arrastando, pois estava sem forças. Era cansaço demais, não só pelo dia agitado, mas por tudo o que estava me prestando a fazer. Não... que estava sendo *obrigada* a fazer. Não foram meses, não foram semanas, foram anos, anos da minha vida. E agora eu seria esposa de um homem por quem nem ao menos sentia carinho.

Cheguei ao meu quarto, tomada por uma dor constante em meu peito que se expandia cada vez mais. Fui em direção ao banheiro, liguei o chuveiro e, com a roupa mesmo, sentei-me contra os ladrilhos, deixando a água cair por meu corpo. Abracei meus joelhos e deixei minha alma ser lavada.

Não sei por quanto tempo fiquei assim, mas quando percebi que estava encharcada, tirei a roupa, e me ensaboei. Não podia deixar me vencer tão fácil... Eu tinha que lutar, como as mocinhas fortes dos livros que lia ou até mesmo das séries e filmes. Só não sabia como, já que a ficção não tinha nada a ver com o mundo real.

Com o corpo enrolado no roupão de banho, deitei-me e me deixei apagar, acordando novamente em um sobressalto, com as batidas na porta às quatro da manhã. Era o pessoal que me arrumaria para o casamento, que aconteceria dali a seis horas.

Abri a porta com um humor péssimo e, depois de fazer minha higiene matinal e de tomar outro banho, eles começaram a organização. Sabia que Maria ficaria com meu cabelo, Olivia com minhas unhas, Vicente com a maquiagem, Lilian era a cerimonialista e Hélio era o fotógrafo.

— Nossa, você está com uma carinha de enterro, nem parece que é seu grande dia, docinho — Hélio comentou.

— É o pior dia — sussurrei, com medo de estar sendo observada por algum segurança.

— Credo, docinho. — Ele deu um aperto carinhoso em meu rosto e disse:

— Sorria para suas fotos, senão ficarão horríveis.

Mas eu não sorri e várias – mesmo assim – foram tiradas. Recusei ver algumas que foram mostradas a mim, recusei-me até a me olhar no espelho.

E chegou o momento. Estava na ponta da escada, pronta para descer e encarar o meu futuro.

Desci o primeiro, segundo, terceiro... e assim sucessivamente, até chegar próximo ao lugar que me levaria ao jardim onde aconteceria a cerimônia. Eric havia ao menos atendido a um pedido meu e não deixado meu pai me conduzir até o altar, seria muita ousadia da parte dele se quisesse isso.

Vi, por minha visão periférica, algumas pessoas do bufê meio desesperadas. Olhei para a cerimonialista, e ela falava algo de o bolo ainda não ter chegado. Voltei meu olhar para os cinco seguranças que me observavam. Parecia tudo em câmera lenta, como se estivesse em outra dimensão.

Puxei o ar, e este não veio. Eu sabia que precisava de um tempo antes de prosseguir, além de um copo de água.

— Vamos, querida? — Lilian questionou.

— Não. — Comecei a caminhar em direção à cozinha, no entanto, meu braço foi puxado. Olhei para quem estava cometendo tal ato, e era Carlos, um dos meus guardas.

— Aonde pensa que vai? — questionou, com o azedume evidente em sua voz.

— Só vou tomar um copo de água, já volto.

Ele ponderou por um momento, porém deixou que eu seguisse meu caminho. Evitei olhar todos os espelhos e vidros que refletiam minha imagem, pois não queria me ver pronta para o meu enterro.

A cozinha estava uma loucura, todos muito desesperados. Lembrei-me de que haviam dito que o bolo não havia chegado.

Deixei o buquê de tulipas cor de rosa em cima do balcão, enquanto pegava o copo com água pelo qual tanto ansiava. Tomei um gole, dois... até que meu olhar foi direcionado para a porta dos fundos que estava aberta.

— Henrique, vá buscar o bolo, você precisa chegar antes da hora do almoço, que é quando o casamento será finalizado e os noivos vão para a ala de festas. — Ouvi uma senhora, que aparentava uns quarenta anos, dizendo. Ela devia ser a chefe do bufê.

— Tudo bem, volto já, mas antes vou pegar as formas, que eram para terem levado de volta. — O rapaz que estava com o uniforme do bufê voltou para o lado da dispensa e eu vi, pela porta aberta que levava a parte de trás da mansão, o caminhão “baú” que eles usavam para transportar as comidas.

Estava com as portas traseiras abertas, não tinha nenhuma refrigeração lá dentro, era todo tampado. E uma ideia insana passou por minha mente. Olhei para trás, e nenhum segurança havia me acompanhado até a cozinha.

Os funcionários estavam todos desesperados para deixarem a comida do casamento pronta a tempo. Coitados deles se não deixassem, Eric acabaria com todos.

A senhora, que parecia ser a chefe do serviço, sorriu para mim e eu retribuí. Olhei para as câmeras de vigilância, mas nenhuma me pegava pelo caminho que dava até a porta. Por isso, vagarosamente, caminhei até a saída. Havia dois seguranças conversando embaixo de uma cerejeira ali perto, mas nenhum olhava em minha direção.

Olhei novamente para trás, e de novo para os dois seguranças embaixo da árvore. *Ninguém me via.*

Era sorte demais para esperar que o azar tomasse minha vida de novo, por isso, nem pensei. Só corri da forma que podia com aquele vestido extremamente pesado.

O que tinha a perder?

Nada!

Entrei no cargueiro do caminhão e me encolhi atrás de um amontoado de caixas que estavam espalhadas pelo ambiente. Tapei minha boca, para que minha respiração não me entregasse. Ouvi alguém se aproximando e fechei os olhos com medo de ser descoberta. Mas era só o motorista que foi fechar a porta.

O caminhão entrou em movimento. Senti o sacolejar leve, o portão elétrico foi aberto, saímos... Estava fora da mansão Scheidemann.

Mal podia acreditar que estava livre de Eric. Não queria cantar vitória antes da hora, pois, assim que percebessem que eu não estava mais na mansão, eles iriam atrás de mim, mas neste momento nada importava. Eu havia conseguido sair da mansão sem os seguranças e iria fazer de tudo para continuar livre das mãos daqueles alemães malditos.

Sorri com o pensamento.

Estava livre do meu cativeiro.



Capítulo 4

Nathalie

Não sei quantos minutos haviam passado, mas, pelo tamanho de Vila Nova, nós não estávamos mais na minha pequena cidade.

A quantidade de pano do vestido não ajudava em nada no calor, e o caminhão, revestido em zinco, esquentava ainda mais. Sentia-me meio tonta, só que não podia perder a batalha logo agora. Ok! Minha falta de alimentação desde a noite anterior poderia estar ajudando nesta fadiga, mas como eu ia saber que iria fugir do meu casamento em um rompante?

Não tinha nem ao menos noção de que pararia no bagageiro de um caminhão, com uma rota desconhecida. Então, como iria me alimentar sem querer, só por ter tomado uma decisão de última hora? Queria água a desidratação estava me dominando.

Ainda bem que o vestido era tomara que caia, e os meus braços podiam ficar livres. E graças aos céus eu não estava de salto, senão não conseguiria ter escapado da minha prisão.

Será que Eric já estava desesperado com o meu sumiço?

Sorri, mas o medo tomou conta do meu corpo. Eles já deveriam estar atrás de mim, ou, até mesmo, rastreando o caminhão, caso já tivessem percebido que eu havia fugido nele.

Depois do que pareceu mais uma meia hora de viagem, o veículo

parou em um sacolejo brusco. Meu coração disparou, a porta do motorista foi aberta e fechada. Houve alguma comunicação lá fora. Até que o do bagageiro foi aberto, olhei por entre as caixas e estávamos em um lugar que não reconhecia.

Levantei-me com dificuldade, por causa da dormência nas pernas. Olhei para fora e vi a logo do bufê. Não tinha tempo a perder. O motorista, pelo visto, tinha colocado o caminhão no estacionamento e logo voltaria com o bolo. Pulei sem jeito no chão, sentindo uma fígada em meu joelho – provavelmente era o sedentarismo gritando mais alto –, mas não era o momento para sentir dor.

Olhei ao redor e não tinha a mínima ideia de onde estava, mas só podia ser ainda no estado de São Paulo. Havia centros comerciais e alguma movimentação na manhã de sábado. Mais à frente, do outro lado da rua, também tinha uma mata e era para lá que meu coração gritava para eu ir.

Nem pensei muito e saí caminhando. Quando cheguei à rua, ouvi uma buzina alta e sobressaltei-me.

— Olha por onde anda, noiva maluca — o motorista gritou e eu não tinha nem mais forças para responder com alguma ofensa.

Saí da rua, esgueirando-me entre a mata alta, que não sabia para onde iria me levar. A cada passo que dava por entre aquelas árvores, sentia-me ainda mais fraca, o sol da tarde foi me deixando ainda mais tonta. Sabia que não podia parar, senão eles me encontrariam.

O vestido suado pesava ainda mais. Prendi a calda bufante em um galho e acabei rasgando boa parte da peça.

Caminhei por horas e, quando estava anoitecendo, consegui ver uma luz no fim do túnel. Mas o clima de São Paulo, como sempre, estava em sua bipolaridade habitual, com um dia regado a um sol escaldante e quando a noite caía, o frio vinha junto.

Assim que consegui sair da mata e ver uma cidade mais ao longe, dei graças a Deus pelo milagre. Parecia que havia caminhado por dias, mas tinha

certeza de que foram poucas horas. A falta de alimento, o calor e a temperatura que estava esfriando rapidamente, deviam ter acabado com meu corpo e baixado a minha imunidade.

Olhei para os dois lados da rodovia que separava a mata da cidade e percebi que não havia carros. Eu não podia parar agora, pois Eric não era burro, e muito menos seus capangas, que já deveriam estar à minha busca. Sem dúvidas, a mata seria sua primeira opção para me procurarem quando soubessem que fugi no caminhão do bufê.

Novamente fui, sem pensar nas consequências de aparecer no meio de uma cidade, com um vestido de noiva todo rasgado e sujo, além de ter a certeza de que minha fisionomia não estaria em seus melhores dias. Senti-me tonta depois da pequena corrida que dei para atravessar a pista. O vento frio cortou meu corpo, fazendo-me imediatamente começar a bater queixo. A mata meio que amenizava a temperatura, mas, sem ela para me proteger, tudo piorou.

Caminhei por mais meia hora, até ver os primeiros resquícios de população. Algumas pessoas me olharam de forma estranha, mas eu não as julgava, afinal, quem sairia na rua parecendo a noiva cadáver?

De repente, um cheiro de comida fez com que meu estômago protestasse. Mais de vinte quatro horas sem me alimentar; não sei como ainda estava em pé. E minha última dose de água foi antes de fugir, por isso, sentia a aridez da minha garganta. Estava a ponto de despencar, faminta e desidratada.

Sem pensar, já que o raciocínio havia me abandonado há algum tempo, segui o cheiro delicioso e nem importei que aquilo pudesse me trazer as piores consequências...

∞∞∞∞



Ricardo

Faltava meia hora para abrimos o período noturno. Os sábados costumavam ser badalados também na parte da noite, ainda mais que tínhamos várias bebidas artesanais que o pessoal apreciava.

Mas enquanto não abríamos, parei para conversar com meu pai. Adorava os nossos momentos descontraídos.

— E aí, *papà*, o que tá fazendo? — questionei assim que o vi encarando a tela do celular com o cenho franzido.

— Conheci aquela moça pelo tal aplicativo do Tinder, que você instalou, agora quero marcar um encontro com ela, mas estou pensando se é bom fazer isso, *bambino*. — Retirou seus óculos e me encarou com aquele olhar confuso.

Admirava meu pai pela lealdade. Depois da morte de minha mãe ele não quis se envolver com ninguém, mas instalei o aplicativo de relacionamento para ele, para ver se ele escapava um pouco de sua rotina. Estava dando certo, pois ele conheceu a dona Carmem há dois meses, porém, sempre vinha prolongando a saída com ela.

— Seu Giovanni, marque o encontro com a Carmem, tenho certeza de que o senhor não vai se arrepender. — Dei uma leve piscadinha para ele.

— E você? Quando vai parar de dar suas escapadas e arrumar uma moça para se casar, *bambino*? Já tem 31 anos, acho que está passando da hora

de se aquietar com uma só. — Gargalhei alto, pois meu pai sempre dava um jeito de voltar à conversa de relacionamento para o meu lado.

— *Papà*, quando aparecer a mulher certa, o senhor será o primeiro a saber, pode ter certeza. — Assim que fechei minha boca, ouvi a porta do restaurante sendo aberta. Como os funcionários ficavam indo e vindo, não a trancávamos próximo à hora de abertura, mas ainda não havíamos virado a placa de ABERTO.

Meu pai voltou a franzir o cenho, e eu girei o corpo pra ver o que havia chamado sua atenção. E puta que pariu! O que era aquilo? Uma festa à fantasia? Mas porra, era a noiva mais descabelada, suja e *linda* que já tinha visto.

— Parece que seus pedidos foram atendidos, *papà* — dei continuidade ao assunto anterior. — Vai lá pegar o meu smoking. — Pisquei para ele, que fechou a expressão para a minha brincadeira.

— Vá avisar à moça que ainda estamos fechados e pare de fazer piadas com tudo, Ricardo.

— Ok! — Andei em direção à garota, mas antes de começar a dizer algo, vi que ela simplesmente perdeu as forças de suas pernas. Apressei meus passos, conseguindo segurá-la antes que caísse no chão.

Apertei-a mais em meus braços, enquanto ela se mantinha desfalecida. E se eu já achei linda de longe, de perto era a perfeição. Mesmo com o rosto arranhado e a pele suja, dava para ver a beleza de longe. No entanto, naquele momento, eu deveria me preocupar com outras coisas, como: ela estar tremendo de frio.

— Papai, me ajuda. — Mais que depressa, meu pai se aproximou.

— O que aconteceu com ela? — questionou.

— Não tenho ideia, mas vou levá-la para o escritório, para colocá-la no sofá, tenho certeza de que será melhor. Me ajuda abrir a porta?

— Sim, claro.

Aconcheguei-a melhor nos meus braços, levando-a em direção ao escritório. Os funcionários olharam assim que passei com ela pela porta vai e vem, mas ainda bem que não perguntaram nada, pois nem saberia explicar.

Assim que a coloquei no sofá, seus olhos se abriram vagarosamente em minha direção. E aquele mundo azul tomou os meus de uma forma assustadora. Sussurrou algo que não consegui ouvir, por isso, aproximei ainda mais dela.

— Água... — Consegui ouvir, quando meu ouvido estava próximo a sua boca.

— *Papà*, me dá um copo de água — meio que ordenei sem querer. Eu poderia muito bem sair de perto da noiva, mas sentia que deveria ficar observando-a.

— Aqui. — Mais que depressa, meu pai entregou-me o copo.

Segurei levemente a cabeça da moça, pois parecia que até esse esforço era demais para ela. Só que ela estava desesperada por aquele copo de água que até se engasgou.

— Vai com calma — disse, afastando o copo de sua boca, mas ela o puxou de minha mão e tomou o resto da água. Meio atônito, perguntei. — Mais?

Assentiu uma vez e deitou-se novamente no sofá. Daquela vez, para não abusar, eu mesmo fui buscar a água, mas antes preferi preparar um macarrão para ela. Como dizia minha falecida *nonna*, “não a nada nesse mundo que não melhore com um bom macarrão” e digamos que eu era um mestre das massas.

Como já deixávamos as massas pré-prontas, foi extremamente rápido preparar um espaguete com molho vermelho, para ela, sem nada muito a acrescentar. Só que pela sede que sentia, deveria também estar com fome. Assim que preparei, em quinze minutos, voltei para o escritório, com uma

jarra de água, o prato com a massa, distribuídos sobre uma bandeja.

Coloquei-a sob a mesinha de centro, e logo a ajudei a sentar-se.

— Aqui está a sua água. — Entreguei o copo a ela, oferecendo um sorriso gentil. A moça não retribuiu, mas aceitou de bom grado a bebida, tomando-a de uma vez só. — Aproveitei e preparei um espaguete para você. — Ofereci o prato com a massa e desta vez fui apreciado por sua voz em alto e bom som.

— Obrigada — disse ao pegar o prato e começar a devorá-lo.

Afastei-me para dar o espaço necessário que ela precisava. Olhei para o meu pai que estava calado demais, o que não era do seu feitio. Ele estava com os braços cruzados encarando a moça, que se deliciava com a massa preparada, e eu consegui até ouvir um ronronar de prazer saindo dos seus lábios quando colocou a primeira garfada na boca.

Meu pai e eu éramos melhores amigos, desde sempre, por isso eu sempre embarcava em seus sonhos, pois em sua maioria eram os meus. Então o conhecia como um livro, como se ele fosse o diário do qual eu sabia todos os segredos, por isso, tinha certeza que ele havia ficado intrigado com a situação e preocupado. Não, muito preocupado. Afinal, eu me deixava levar muito fácil por garotas em risco, e ele sabia disso. E aquela moça gritava por socorro. Já estava na cara que não vinha de uma festa à fantasia, mas que fugia de algo. Assim como o meu pai, eu também queria saber do que.

Ela estendeu o copo vazio de água em minha direção, cabisbaixa, e eu prontamente peguei a jarra que estava na mesinha de centro servindo mais um copo para ela. Assim que o pegou tomou por completo e logo finalizou o prato de comida. Eu a observava, encostado na mesa do escritório, com os braços cruzados, assim como meu pai, e foi ele que quebrou o silêncio.

— Cuida da moça, Ricardo. Vou abrir o restaurante, e o pessoal irá me ajudar. Só cuida dela. — Na última parte encarou meus olhos, e eles quase gritavam: “não deixe essa moça sozinha aqui”.

— Sim, senhor.

Ouvi a porta fechar, e a noiva, que acabara de finalizar o prato de comida, voltou os olhos em minha direção.

Eram irreais os olhos daquela mulher. Eram como o mar, mas demonstravam apenas sofrimento, piedade, e falta de carinho. Porra! Eu nem sabia o que estava acontecendo, mas já queria cuidar dela. Já estava atingindo o meu ponto mais fraco e nem sabia disso.

— Tudo bem? Melhorou a sede e a fome? — questionei.

— Sim, estava ótimo. — respondeu meio acanhada. — Obrigada, parece que realmente seus cozinheiros são ótimos. — Direcionou os seus olhos – incríveis, nunca ia me cansar de dizer isso – para suas mãos.

— Não quero me gabar, mas fui eu que preparei a massa. — Sorri, meio de lado, mas ela nem percebeu.

— Estava deliciosa.

Puxei uma das cadeiras do escritório e a coloquei diante do sofá para poder saber mais sobre a noiva desconhecida. Ela observou todos os meus movimentos, sem fazer alarde. Mas assim que me sentei em sua frente, ela disse.

— Estava tudo maravilhoso, só que preciso ir embora. — Tentou se levantar, mas acabou caindo sentada novamente.

— Não vamos lhe fazer mal aqui, no entanto, você não está se aguentando em pé. Então acho que podemos conversar. Posso te ajudar, é só me falar o que precisa. — Soltei um pequeno sorriso — Talvez possa começar me dizendo seu nome.

Levantei a sobrancelha para ela, que olhou para mim, e no mesmo momento seus olhos ficaram marejados. Ah, merda! Mulheres não podiam chorar perto de mim.

— Não posso ficar aqui, eles vão me achar. — Não sabia quem eram eles, mas estava disposto a enfrentá-los para proteger aquela mulher linda e

desamparada que estava à minha frente.

— Primeiro me conta, quem são eles que aí eu descubro como posso te ajudar.

Senti que com aquela sentença a garota dos olhos lindos poderia se abrir comigo. Eu queria isso, e acho que ela também. Sentia que que ia me meter em algum problema, meu pai odiaria, porém, ninguém sofreria abusos perto de mim.

— Você pode correr perigo se souber — foi o que ela disse, e eu sorri de canto para suas palavras.

— Então, que venha o perigo. — E pela primeira vez na noite, a noiva linda e descabelada, dos olhos encantadores, sorriu. Eu faria mais mil piadas se fosse para ela sorrir daquele jeito, ou eu não me chamava Ricardo Grinani.



Capítulo 5

Nathalie

Capítulo 5

Estava me sentindo esquisita, ainda mais que me encontrava em um ambiente que não conhecia e com dois estranhos. Ou melhor, neste momento encontrava-me somente com o homem que vi correr em minha direção, assim que perdi meus sentidos. Sei que a culpa foi minha por entrar em um local que não deveria ser frequentado por noivas em fuga, mas o cheiro da comida e o frio fizeram com que eu tomasse mais uma vez uma decisão sem pensar nas consequências. Só não esperava apagar do nada na frente dos desconhecidos que pareciam ser os donos do local que escolhi para me refugiar.

Olhei novamente para o homem à minha frente. Ele havia dito que encararia o perigo, no entanto, eu não confiava em ninguém. E não podia ser culpada por isso, fui enganada pela pessoa que deveria me proteger de tudo e todos. Meu próprio pai me vendeu aos dezessete anos, então eu não tinha culpa de não confiar em ninguém.

Ouvi alguns barulhos de talheres e vozes do lado de fora da porta. Direcionei rapidamente meu olhar para lá, com medo de já ter sido descoberta pelos capangas de Eric. Estava assustada, com um pouco de frio – embora dentro do ambiente, que parecia ser um restaurante, o frio tivesse amenizado bastante. Ao menos a fome e a sede tinham sido contidas pelo que me foi oferecido pelo homem que parecia ser gentil demais para ser real.

— Ei, moça, não precisa ter medo, são só meus funcionários trabalhando, já que acabamos de abrir e hoje está cheio de clientes.

Voltei meu olhar para ele, que se mantinha sentado na cadeira à minha frente. Olhei ao redor, e tudo parecia simples, mas aconchegante. Havia uma estante repleta de livros, alguns com títulos que eu desconhecia, pois pareciam ser em outra língua. Os móveis tinham uma cor escura, mas não demonstravam tristeza, somente seriedade.

Isso ia contra a personalidade do rapaz que me fazia companhia, pois ele sorria o tempo todo. Um sorriso gentil, que já até havia arrancado outro dos meus lábios. Parei um momento para observá-lo e... Uau! Aqueles olhos pareciam um oceano à noite, de um azul tão escuro que continha tanto mistério... Seu cabelo, com um corte baixo, era um charme a mais, que combinava com a barba cerrada perfeita.

— E então, posso saber o seu nome? — perguntou mais uma vez.

Porém eu não me sentia bem para revelar o que queria saber, só queria sair dali e deixar aquele pessoal em paz, mais cedo ou mais tarde, eles poderiam sofrer alguma consequência por eu ter entrado na vida deles.

— Mesmo que você esteja disposto a enfrentar o perigo, não quero te colocar nele. Só me mostra o caminho para eu ir para longe daqui — tentei persuadi-lo.

— Não vou deixar você sair nesta noite fria, desse jeito. — Apontou para meu estado lamentável. — Desculpa, não quero te prender aqui, *moça*, mas pelo que mostrou na meteorologia hoje, será mais uma madrugada maluca aqui no estado de São Paulo. Não sei o que aconteceu com você, só que quero ajudar, não te farei mal.

— É meio difícil confiar em um estranho — murmurei. Não queria ser mal agradecida, depois de toda a sua ajuda, porém ele precisava entender que o mundo não era perfeito como ele queria me mostrar.

— Sei que é. — Passou a mão por seus cabelos, olhou em meus olhos e abriu outro sorriso acolhedor. — Me chamo Ricardo, sou dono deste

restaurante. Sou italiano e moro aqui no Brasil há bastante tempo. E você?

Entendi o que ele estava fazendo; sabia que queria que eu me abrisse com ele, para assim tentar me ajudar. No fim, ele até parecia legal, só não podia confiar plenamente em um desconhecido.

— Vou te contar meu nome, mas se alguém vier procurando por mim, por favor, não fale que me viu. Por favor — supliquei com minhas mãos unidas, como se orasse. Vi seus olhos cerrarem, e o medo estava me dominando, só que, pelo visto, teria que confiar, ao menos um pouco, em outra pessoa. — Eles vão me matar, Ricardo, se souberem onde estou, por isso, preciso ir embora.

Ele ficou petrificado, mas nada me preparou para a batida forte que a porta recebeu. Sobressaltei-me sobre o sofá e comecei a tremer. Mais que depressa Ricardo levantou-se da sua cadeira e foi em direção à porta. Eu estava morrendo de medo que fossem algum dos meus perseguidores, sendo assim, não sei de onde tirei as forças, mas levantei-me do sofá e segurei o braço do meu “salvador”.

— Por favor, não abra, podem ser eles... por favor. — Do nada comecei a chorar e só percebi, porque Ricardo colocou suas mãos, uma de cada lado das minhas bochechas, começando a enxugar minhas lágrimas. Tive que levantar um pouco a cabeça para fixar meus olhos nos dele. Era, ao menos, uns vinte centímetros mais alto do que eu, o que não facilitava nosso contato visual.

— Fica calma. Como eu disse, ninguém vai te machucar aqui, deve ser um dos meus funcionários. Nenhum deles entra no meu escritório sem permissão. Confia em mim, não é ninguém para te fazer mal.

E enfim eu confiei, pois vi verdade em seus olhos. Uma verdade que nunca enxerguei nos de ninguém que rodeava a minha vida. Assenti, ele afagou minhas bochechas por mais um tempo e logo se voltou em direção à porta. Fiquei apreensiva, até que esta foi aberta e era realmente só um dos funcionários que precisava de ajuda com uma receita. No entanto, Ricardo não me deixou para ajudá-lo, apenas explicou tudo ao rapaz e aproximou-se de mim minutos depois.

— Mais calma? — perguntou assim que voltou a sentar-se na cadeira na qual estava minutos atrás, e eu já havia retornado ao sofá que fora disposto para mim.

— Sim, me desculpa por esse constrangimento.

— Tudo bem, você está assustada — sussurrou de uma forma tão acolhedora que fez com que eu revelasse o que tanto queria saber.

— Nathalie, me chamo, Nathalie. — Olhei para ele depois da revelação, e ele abriu mais um sorriso. Era um homem sorridente, afinal.

— É um grande prazer, Nathalie. — Estendeu sua mão em minha direção, e eu aceitei de bom grado. O aperto firme me deixou estranhamente envergonhada. — E agora, o que vamos fazer?

— Preciso ir embora daqui — sussurrei novamente.

— Já disse que isso não é uma opção. Não sou um louco que vai deixar você sair por aí, sem eira nem beira. Ainda mais que, pelo visto, tem pessoas te perseguindo. E está frio lá fora. — Ele encarou meus olhos e continuou. — Você não precisa confiar em mim, mas pode dormir aqui. Este sofá vira cama, posso te emprestar alguma roupa e comprar algumas outras para você vestir no dia a dia. — Soltando mais um suspiro, prosseguiu: — Te convidaria para dormir na minha casa, mas acho meio ofensivo. Quero que entenda, Nathalie, que estou confiando em você sem saber de quem está fugindo, sem saber se é uma boa pessoa, então, podemos ficar quites, não? Se ficar aqui por alguns dias, estará em segurança. Nada vai te acontecer, eu nunca deixaria.

E aquilo tocou meu coração de uma forma que me vi assentindo sem contestar nada a respeito. Ele estava estendendo a mão para uma desconhecida sem mesmo saber de tudo o que acontecera comigo, então, eu podia dar um voto de confiança a Ricardo, que novamente abriu um sorriso. Acho que eles faziam parte da sua essência. Diferente de mim, que não tinha motivos para sorrir.

— Ufa! Pensei que teria que implorar por mais algum tempo. —

Levantou-se e colocou a cadeira no lugar. — Bom, Nathalie, vou até a minha casa, pegar alguma roupa limpa para você. Fica aqui, meu pai não vai gostar nada da ideia, mas eu me entendo com ele, tudo bem?

Eu não queria criar problemas para ele.

— Não, eu não quero ficar aqui! E se aparecer alguém e ele falar de mim? Não, Ricardo, me leva com você. Não me deixa aqui sozinha, eu prefiro ir embora do que ficar aqui com o seu pai.

— Ei, Nathalie! Meu pai não te entregaria a ninguém. Ele é meio desconfiado, mas nunca faria mal a você. Estou falando sério. — Via verdade em seus olhos, mas o meu medo deixava-me desorientada. — Ainda assim, se você quiser, não tem problema, pode vir comigo.

— Quero ir, por favor. — Levantei-me do sofá, percebendo que já tinha estabelecido a força das minhas pernas.

Pegando um casaco de couro no aparador do escritório, estendeu-o a mim.

— Toma, vista-se. Lá fora deve estar ainda mais frio.

Vesti o casaco e senti o cheiro amadeirado do perfume que reverberava da peça. Um aroma que demonstrava toda a masculinidade do homem à minha frente. Ele abriu a porta do escritório, e eu vi a loucura que era o interior de uma cozinha de um restaurante. Pessoas corriam de um lado para outro. Observei aquilo com afinho, pois achei extremamente interessante.

Alguns, que estavam mais tranquilos, pararam para me observar, e eu abaixei meu rosto, deixando que meus cabelos longos cobrissem um pouco da minha fisionomia para que não me reconhecessem.

— Espera aqui que vou avisar ao meu pai que estou indo pra casa. — Assenti e aguardei onde estava, mas não se passaram nem dois minutos e Ricardo estava de volta. — Pronto, vamos. — Estendeu a mão em minha direção, e eu a olhei por um tempo até que aceitei. Era calejada, o que

mostrava que a vida de um dono de restaurante não era tão fácil assim.

Não sabia onde estava me metendo. Deveria negar qualquer tipo de ajuda de pessoas que eu não conhecia, mas sentia, dentro do meu coração, que Ricardo não era como Eric. Ele não me agrediria e nem me prenderia em algum lugar contra a minha vontade. Pelo menos ele passava essa convicção para mim. Parecia realmente preocupado comigo. Mas mesmo sentindo que deveria confiar continuei me mantendo em alerta. Não podia ser tão boba e ingênua para acreditar em tudo que me falavam, no entanto, neste momento, estava sem opção.

Passei por entre as pessoas da cozinha com a cabeça baixa, e saímos por uma porta dos fundos, que levava a um corredor escuro, o que me fez estremecer. Ricardo olhou em minha direção e logo percebeu o que estava acontecendo.

— Fica calma, o estacionamento é bem ali, está tudo bem. — Consegui assentir, mesmo estremecendo de medo. Realmente, ao sair para a rua, percebi o quanto o clima havia mudado. O frio crescia a cada segundo.

Caminhamos cerca de três minutos e chegamos ao estacionamento. Havia alguns carros nas vagas, e Ricardo encaminhou-se para um preto, de vidros escuros, modelo sedan, que eu não sabia a marca, mas parecia ser chique. Destravou o alarme e abriu a porta do carona para mim.

Olhei para a rua, que tinha um movimento considerável para uma noite de sábado, mas, ao contrário de mais cedo, ninguém me encarava estranho. Na verdade, eles nem pareciam estar me vendo entrar no carro de Ricardo, e isso era bom.

Assim que ele se sentou ao meu lado, disse:

— Bom, já veio em Rancheiro alguma vez? — Olhei para ele, que novamente sorria para mim, e neguei, sorrindo levemente. — Então seja bem-vinda a esta humilde cidade que torna os seus sonhos realidade.

Sabia que talvez ele estivesse brincando para fazer me sentir bem, mas foram essas palavras que me deram mais confiança em minha fuga.

Peguei-me abrindo outro sorriso para ele, um bem gigantesco, pois se tinha uma coisa que eu queria no mundo era poder realizar ao menos um sonho em minha vida.

— Acho que esse comentário não é apropriado — foi dizendo ao dar partida no carro e ganhar a rua. — Mas pretendo te fazer sorrir mais vezes, você fica linda.

Percebendo que fiquei sem graça com o que disse, Ricardo completou:

— Melhor do que triste e com medo.

O caminho foi permeado por uma música que tocava na rádio, mas eu nem prestei muita atenção, estava focada no que via de diferente. Nunca havia saído de Vila Nova e agora me encontrava em uma cidade que parecia ter até um shopping. Era incrível.

O carro diminuiu o movimento, e eu voltei a prestar atenção à minha frente. Estávamos parados em uma guarita, que logo teve os portões abertos, pois Ricardo apertou o controle para acioná-los. Parecia que ele morava em um condomínio fechado. Avançamos mais e logo estacionamos em frente a uma casa bem bonita.

Tinha uma parede de vidro enorme e parecia ser bem chique. Acho que Ricardo não era um homem simples, como pensei.

— Linda a sua casa — comentei assim que ele me deu passagem para entrar. Observei os móveis muito bem colocados, chiques e sofisticados. Havia um quadro enorme na sala, com uma foto de Ricardo e seu pai, de quem eu ainda não sabia o nome. Ambos estavam acompanhados por uma mulher tão linda que até invejei sua beleza. Tinha os cabelos escuros e os mesmos olhos de Ricardo.

Que família linda!

— Sua mãe? — Sinalizei com meu queixo para o quadro.

— Sim, minha falecida *mamma*. — Seu sorriso morreu por um momento, mas logo retornou. — Vamos, tenho um quarto de hóspedes e vou pegar uma roupa minha até conseguirmos algo de *menina* para você.

Resolvi deixar o assunto para lá, pois eu sabia como era a dor de perder uma mãe. Assenti e o segui pelas escadas da casa. Chegamos ao segundo andar e Ricardo me acompanhou até um quarto que provavelmente seria onde ele me hospedaria.

— Pode ir conhecendo o lugar, vou pegar uma roupa ali no meu quarto. — Apontando para uma porta em frente ao cômodo onde eu ficaria, disse: — Que é esse aqui.

Sorri com sua brincadeira. Passou pela porta e a deixou aberta. Pelo pouco que pude ver, percebi que era um ambiente comum, neutro e sem muita cor. Não parecia em nada com o Ricardo alegre que estava demonstrando ser.

— Pronto. — Voltou com um moletom que eu tinha certeza que ficaria enorme para mim, mas não importava. Ele estava sendo gentil. — Aqui. — Estendeu em minha direção, e eu o peguei.

— Obrigada! — disse verdadeiramente, olhando em seus olhos.

— Se precisar de alguma coisa, estarei aqui no meu quarto é só chamar. Pode ir tomar o seu banho, tem tudo que você precisa aí dentro.

— Mas você disse que o restaurante estava cheio, não terá problema ficar aqui? — Questionei, afinal, não queria estragar a rotina do homem que estava sendo tão prestativo para mim.

— Fica tranquila, meu pai ia dar um jeito em tudo, e meus funcionários dão conta daquela loucura sozinhos.

— Sério? — Voltei a perguntar.

— De verdade. — Deu uma leve piscadinha para mim. O que fez com que desviasse os olhos dele, meio constrangida.

Aproveitei para observar o interior do quarto, no qual eu ainda não havia entrado, virei em sua direção e assenti.

— Qualquer coisa eu te grito. — Comentei.

Entrei no quarto e olhei novamente para aqueles olhos que pareciam muito um oceano de uma noite estrelada. Ele sorriu, eu sorri e quebrei o nosso contato visual fechando a porta. Não sabia o que o futuro estava me reservando, mas parecia que, pela primeira vez, o destino havia colocado alguém legal em minha vida. Esperava que não estivesse julgando errado. Não merecia mais uma decepção.

Deixei os pensamentos deprimentes para lá, tirei o vestido pesado e fui para o chuveiro diminuir todo o cansaço do meu corpo. Logo vesti as roupas enormes de Ricardo. Ele tinha se preocupado até em me emprestar uma cueca, que parecia nova, mas evitei usar, pois achei íntimo demais.

Pensei em desejar boa noite a ele, mesmo que não fosse tão tarde, mas eu estava exausta, então, só queria dormir. Por isso, só me joguei na cama confortável e deixei o sono me levar para uma noite tranquila, coisa que eu não tinha há anos. Esperava que no outro dia eu não me arrependesse da decisão de ir para casa de um estranho.

Eu esperava...



Capítulo 6

Ricardo

O barulho no quarto ao lado parou há exatamente quarenta minutos. Não que estivesse olhando desesperadamente a cada segundo para o relógio que estava em meu pulso, ou para o que ficava na parede oposta à qual eu me encontrava. Por mais que ela não me devesse nada, juro que fiquei esperando um “boa noite” da tão misteriosa Nathalie. Patético.

Olhei novamente a programação do Discovery Channel e, realmente, assistir programas de sobrevivência não estava me agradando – e olha que este era o tipo de coisa que me entretinha nas minhas horas vagas –, mas a inquietude me matava. Desliguei a TV e decidi que o melhor que poderia fazer era tomar um banho. Sem pensar em todas as consequências de ter uma estranha no quarto ao lado.

Meu pai me recriminou por trazê-la para a nossa casa. Mas nem pensei, era uma mulher, cujos olhos – maravilhosos, da cor de um céu com sol radiante – deixavam bem claro que sofrera abusos. Era uma pena que eles não transmitissem tanta felicidade, que a tristeza sobressaísse de uma forma que dava vontade de cuidar da garota, mesmo sem conhecê-la.

Assim que a água morna caiu sob meus músculos, eu os senti relaxarem. Ter um restaurante era maravilhoso, no entanto, toda a carga às vezes não compensava. Porém não podia reclamar; trabalhar com o que amava tinha seus sacrifícios. Nunca daria conta de ser um engomadinho que

fica em uma parte administrativa de alguma empresa. Nasci para levar os bons sabores da vida a muitas pessoas, e isso nunca mudaria. Vê-las ronronando de prazer por um prato preparado por mim era a forma mais linda de agradecimento que já recebi.

Desliguei a água, logo enxugando as gotas espalhadas por meu corpo. Caminhei da forma que vim ao mundo para o meu quarto, abrindo meu armário e procurando uma calça de tãtel para dormir, costumava ficar sem camisa em casa, só que por ter uma visita em casa eu não andaria sem camisa para cima e para baixo.

Mas nada me preparou para o grito que ouvi, naquele exato momento, e que me apavorou ao ponto de me fazer vestir a calça e sair correndo do meu quarto. Só que o som doloroso vinha do fundo da alma de alguém que eu sabia muito bem quem era; exatamente da mulher que jurei que protegeria.

Tentei abrir a porta do seu quarto, no entanto fui impedido assim que percebi que ela estava trancada. Comecei a esmurrá-la e gritar mais alto que Nathalie, mas nada diminuía seus gritos. Por isso, resolvi agir sem pensar duas vezes – arrebentei a porta com um chute e a vi se contorcendo na cama, provavelmente tendo um pesadelo.

Corri até Nathalie e segurei seus braços para que parasse de se debater, logo chamando-a:

— Nathalie, está tudo bem. — Depois de algumas tentativas de acordá-la, ela abriu os olhos.

— Ricardo — sussurrou de uma forma tão aliviada por me ver que senti ainda mais pena e ódio do que aquela garota havia sofrido.

— Ei, tá tudo bem. Você está segura — tentei acalmá-la, pois percebi que ainda estava assustada.

Só que não estava preparado para o que ela fez a seguir. Nathalie se jogou em meus braços e chorou, um choro que parecia libertar sua alma. Envolvei seus ombros com um dos meus braços, afagando seu cabelo, enquanto a outra mão acariciava suas costas de forma gentil.

— Eu não vou deixar que façam mal a você — comentei perto do seu ouvido, para que ela entendesse que estava falando sério. Mesmo que não a conhecesse, não importava. Naquele momento Nathalie estava se tornando minha prioridade.

Ela se afastou do meu corpo, após o seu momento de choro descontrolado. Olhou para a porta e a viu arrebatada, franzindo o cenho, voltou seus olhos em minha direção e ergueu sua sobrancelha direita de uma forma totalmente sexy. *Que droga eu estava pensando?*

— A porta estava trancada, mas você gritou tanto por conta do seu pesadelo que só pensei em te salvar. — Mas ela não continuou olhando em meus olhos, pois eles desceram por meu peito reparando na parte nua do meu corpo, que não tive tempo de cobrir. — Desculpa, eu realmente fiquei preocupado.

— Tudo bem. — Vi suas bochechas corarem, e ela começou a focar em suas mãos, que pareciam muito mais interessantes que qualquer coisa ao redor. — Obrigada por ter me acordado do pesadelo.

— Não precisa agradecer. — Comecei a me levantar da cama para sair, mas Nathalie me chamou.

— Desculpa ter feito você quebrar a sua porta.

Voltei meus olhos em sua direção, só agora parando para observá-la com o moleto que emprestei para ela, que, aliás, estava enorme. Sorri, do modo mais cínico – uma artimanha que eu usava para disfarçar o quanto estava afetado com algo – e respondi.

— Não precisa se desculpar, amanhã mando arrumar. Tenha uma boa noite — disse, assim que puxei a porta, encostando-a da melhor forma que pude.

Voltei para o meu quarto, com os ânimos mais calmos, jogando-me sobre a cama. Mal deitei e senti meus olhos pesarem pela exaustão do dia. Só esperava que nada de ruim acontecesse no meio da noite.

E não aconteceu. Acordei com os mesmos pássaros de todo dia cantando na árvore que ficava do lado de fora do meu quarto. Saí da cama, fazendo todo o processo de todo dia: higiene pessoal, banho, roupa casual. Desci as escadas e fui preparar alguma coisa para o café da manhã.

Sempre acordava antes de todo mundo, afinal, meu pai dormia até umas nove da manhã, e eu já havia acostumado com a rotina de seis horas estar de pé. Só que nada me preparara para o que encontrei: uma garota baixinha, de cabelos ondulados e loiros, na minha cozinha. Olhava para a cafeteira, parecendo querer desvendar o segredo que ela escondia da humanidade.

— Tá tentando fazer o quê, Nathalie? — Arrependi-me no momento em que fiz a pergunta, pois ela se sobressaltou, deixando a caneca que estava em sua mão se espatifar no chão.

Voltou seus olhos arregalados em minha direção, mas logo os fechou, expressando dor.

— Aí... — Olhou para seus pés, e eu segui a sua visão. Um dos cacos da caneca quebrada parecia ter furado a sua pele, já que estava descalça.

— Fique quieta, para não se machucar mais — ordenei de forma gentil e me aproximei. — Posso? — Gesticulei em sua direção, e ela, mesmo com o cenho franzido, assentiu, sem entender muito bem o meu pedido.

Porém quando viu o que fiz, soltou um suspiro audível. Já que do nada a peguei em meu colo e a levei a um dos bancos que ficava perto do balcão da cozinha. Assim que a sentei no banco, ela murmurou.

— Não foi nada, Ricardo.

— Vamos descobrir depois que eu verificar — comentei, mesmo que tivesse visto que o corte não tinha sido nada grave.

— Droga, estou fazendo uma mancada atrás de outra com vocês. Primeiro você destruiu a porta do quarto da sua casa por minha causa, agora quebrei a sua caneca... Desculpa, Ricardo. Você está sendo tão gentil... —

Coloquei meu indicador em seus lábios para calá-la e assim que encarou meus olhos, eu sorri.

— Calma, não é como se eu fosse te culpar por algo assim. Está tudo bem. Agora fica quietinha enquanto pego o kit de primeiros socorros e cuido do seu pé.

— Mas foi um corte mínimo, não precisa de nada disso.

— São cortes assim que infeccionam e depois dão o maior problema futuramente.

Antes que ela pudesse falar algo, fui o mais rápido que pude à dispensa pegar o kit em questão. Quando voltei, Nathalie se encontrava do mesmo jeito, meio envergonhada, olhando para baixo.

Aproximei-me cuidadosamente dela e só assim que Nathalie voltou aqueles olhos – maravilhosos – em minha direção.

— Deixa eu ver o que aconteceu com esse pé. — Depois de seu consentimento, eu o ergui e deparei-me com um corte que parecia ser somente superficial. — Acho que não é nada grave. — Olhei em sua direção e percebi que ela sorriu.

— Eu falei que não era nada.

— Mesmo assim...

Peguei o iodo para desinfetar a ferida e assim que passei sobre o machucado, Nathalie deu uma leve gemidinha de dor.

— Desculpa — sussurrei ao mesmo tempo em que meu pai surgiu, questionando:

— O que é isto, *bambino*? — Estranhei ele estar de pé tão cedo, mas imaginava o motivo.

Ele estava intrigado com Nathalie, queria saber de onde ela veio e de quem estava fugindo. Seu Giovanni não era como eu, que confiava em uma

pessoa com cinco minutos de conversa.

— *Papà*, Nathalie se machucou — respondi

Ele me avaliou, olhou em direção a Nathalie, comentando em seguida:

— Então irei chamar Emanuel.

Emanuel era um médico que morava a duas quadras da minha casa, no meu condomínio. Éramos amigos desde que me mudei para o Brasil. Se existe amor à primeira vista, existe também amizade à primeira vista, e a minha e de Emanuel foi instantânea.

— Acho que não será necessário, *papà*.

— Chamarei mesmo assim. — Ele sempre foi cabeça dura, então, saiu da cozinha, deixando minha convidada ainda mais constrangida.

— Logo ele vai se acostumar com tudo isso — disse a Nathalie, e esperei que Emanuel chegasse para ver se estava tudo ok.

— Não quero que um desconhecido examine meu pé, Ricardo. — Ela começou a respirar mais forte, o que me mostrou que talvez estivesse tendo um ataque de pânico.

— Ei, Nathalie, não precisa ter medo, conheço Emanuel há anos, ele não é perigoso. — Tentando acalmá-la, levantei da posição em que estava e logo tomei seu rosto em minhas mãos, continuando: — Pode confiar nele. Tudo bem?

— Mas...

— Eu confio nele, acredita na minha palavra.

Nós nos encaramos por um tempo, até que sua respiração começou a voltar para normalidade e logo ela assentiu, e um silêncio recaiu sobre a cozinha, enquanto aguardávamos. Alguns minutos se passaram até que ela disse:

— Compreendo a atitude do seu pai. — comentou a respeito do assunto anterior a seu pequeno ataque de pânico. — Sou uma estranha, por isso, devo ir embora...

— De novo essa ladainha? — Levantei minha sobrancelha, cortando Nathalie para que ela não continuasse.

— Mas, Ricardo...

— Sem mas.

Sorri mais uma vez e mal tive tempo de falar mais alguma coisa, pois a campainha tocou, e eu já sabia que seria o meu amigo. Os olhos assustados da garota que parecia tão desamparada me olharam e a cada gesto seu, eu ficava ainda mais intrigado com toda sua situação.

— Vai ficar tudo bem. — Passei minhas mãos mais uma vez por suas bochechas e ela chegou a fechar seus olhos.

Afastei-me para abrir a porta, e, assim que vi ser Emanuel, sorri.

— Só com um acidente para alguém daqui me ligar nesses últimos dias, já que o restaurante anda consumindo todo o seu tempo e o do seu pai — meu amigo foi falando enquanto andava pela sala. — E a Carla anda perguntando de você. Disse que sente saudade das vezes que saímos juntos...

Sempre que nos encontrávamos ele dava um jeito de lembrar-me da Carla, uma amiga em comum do nosso círculo e com quem eu tive um pequeno envolvimento, há alguns meses. Contudo resolvi que não queria dar continuidade no relacionamento, quando percebi que ela queria algo mais sério, e eu só não sentia nada demais por ela, por isso, preferi não fazê-la sofrer.

Emanuel parou de falar assim que chegou entre o corredor que ligava a cozinha à sala e viu que a minha convidada nos observava. Voltei meus olhos em sua direção, e ela nos encarava, mostrando que ouvira tudo.

— Quem é essa? — meu amigo questionou.

— Ela cortou o pé, foi por isso que meu pai te ligou — desviei o assunto, pois nem eu mesmo sabia quem era Nathalie.

— Pensei que havia sido um de vocês. — Não sabia o que meu pai tinha falado a ele, por isso, só o encarei, sem responder, até que ele pronunciou: — Vou dar uma olhada — afirmou, sem mais perguntas.

Caminhou até a minha cozinha e olhou para a garota que o encarava, demonstrando o medo que direcionava a todos.

— Está tudo bem, Nathalie. — Tentei acalmá-la novamente. — Emanuel é meu amigo de longa data, confio plenamente nele. — A moça que demonstrava ser tão desamparada assentiu brevemente e olhou para baixo.

Emanuel me avaliou, e eu só fiz um meneio de cabeça, deixando claro que depois me explicaria com ele. No momento em que começou os procedimentos, Nathalie soltou um suspiro nervoso e segurou minha mão que estava próxima a ela. E mesmo que eu já tivesse soando repetitivo com aquela conexão eu tive uma certeza, faria tudo para proteger Nathalie do que ela fugia, pois não deixaria que nada lhe acontecesse. Eu não aguentaria ter mais uma perda sobre minhas costas.



Capítulo 7

Nathalie

O amigo de Ricardo olhou mais um pouco para o meu pé e depois de passar algo que fez dar um leve ardor, só colocou um band-aid. Estava tão concentrada nele, com medo de ser algum capanga de Eric, que nem vi quando entrelacei meus dedos nos de Ricardo.

Assim que percebi, minha bochecha esquentou. Olhei para ele de soslaio, reparando que me encarava como se eu fosse uma missão que precisava cumprir.

— Pronto... Nathalie, não é mesmo? — questionou e eu concordei. — Não foi nada, e como Ricardo já havia passado iodo, só apliquei um cicatrizador que fará com que esse arranhão não te incomode mais. — Assenti sem pronunciar sequer uma palavra, ainda me sentia retraída perto dos estranhos. — Que bom, então. — Sorriu de forma acolhedora para mim, mas desviei meu olhar e encarei Ricardo. Eu não sabia o motivo, só sentia que podia confiar nele.

Depois do meu pesadelo de ontem, quando ele arrebentou a porta para me defender do que estava me afligindo, passei a sentir que era alguém especial.

— Viu, vai melhorar — disse, sorrindo, ainda segurando a minha mão.

— Ricardo, preciso conversar com você — Emanuel pronunciou, cortando o nosso contato.

— Claro. — Mas antes de sair, ele se voltou para mim. — Você vai ficar bem?

— Sim! — respondi, sorrindo levemente. Ele se mostrava muito mais prestativo do que eu podia imaginar de uma pessoa.

Os dois saíram da cozinha e eu me levantei do pequeno banco onde que estava. O corte nem estava doendo mais, fizeram só um monte de tempestade em um copo d'água. Comecei a procurar lentamente alguma vassoura para limpar a sujeira que eu mesma havia feito e assim que encontrei, em um cômodo que eu imaginava ser a despensa, voltei para a cozinha juntando todos os cacos com cuidado.

Assim que terminei de limpar tudo, Ricardo voltou para a cozinha, com um sorriso nos lábios.

— Você não precisava ter arrumado nada, eu ia dar um jeito.

— Até parece que eu ia ficar aqui parada sem fazer nada.

— Já percebi que você é uma cabeça dura — comentou.

— Não acho. — Ele sorriu por um momento, que era o que ele mais fazia. Depois olhou para o nada por um tempo, até que questionou.

— Aposto que você não tomou café da manhã, certo?

E mesmo que eu quisesse negar, não tive como, pois meu estômago protestou, e sinceramente eu estava morta de fome, por isso, mesmo que sem querer eu assenti, não aguentaria ficar sem comer por muito tempo. Já bastava no dia anterior, que eu pensava que meu estômago comeria todo o meu corpo por causa da fome.

— Ótimo, vou preparar algo rápido para comermos. — Ricardo foi em direção à geladeira, mas antes de completar o seu processo, voltou-se em minha direção e disse. — O que você estava tentando fazer no momento em

que eu te assustei? — Encarou-me ao perguntar.

— Um café na cafeteira, mas acho que ela não gostou de mim — respondi e logo guardei os utensílios domésticos que eu havia pegado para me ajudar na empreitada dos cacos espalhados.

Voltei para cozinha, percebendo que a mesa já estava sendo preparada. Ricardo colocou algumas panquecas em dois pratos – havia um recipiente com mel e outro com geleia de frutas vermelhas. Não sei como haviam ficado prontas na minha ida à dispensa, mas estavam ali, sobre a mesa.

Vi uma garrafa de café sendo depositada à mesa, e uma jarra de suco foi tirada da geladeira que ficava do lado oposto da mesa.

— Pronto! — Ricardo sorriu para mim – e eu já estava soando repetitiva, mas ele fazia isso constantemente –, estendeu uma mão em direção à cadeira que estava perto dele, fazendo um convite mudo para que eu me sentasse. Caminhei lentamente enquanto ele falava. — Eu deixo as panquecas pré-prontas, para agilizar o processo, pois sempre amanheço cheio de fome, ainda mais depois da minha corrida matinal.

— Não vi que você tinha ido correr — comentei, afinal estava acordada desde as cinco horas.

— Hoje teve uma exceção.

Abaixei minha cabeça, envergonhada, já que eu tinha certeza de que essa exceção era eu.

Assim que parei para sentir o cheiro, quase desfaleci sobre a mesa. Estava delicioso, me enchendo ainda mais de fome. Pelo visto tudo o que Ricardo preparava ficava bom. Olhei para as panquecas e não me fiz de rogada, estava faminta. Peguei a geleia, colocando-a por cima da panqueca e despejando um pouco de mel para ficar uma meleca deliciosa. Logo cortei um pedaço generoso e comi. Sinceramente eu estava no céu e não sabia.

Que perfeição!

— Ainda estou encantada com o sabor da sua comida, parece que tudo sempre está perfeito, e eu te conheço só há menos de vinte e quatro horas — comentei com a boca cheia, nem me importando com a tal da etiqueta.

— É porque eu cozinho com amor. — Ricardo, por outro lado, só me respondeu depois de engolir o que estava em sua boca. — E minha *nonna* sempre disse que devemos cozinhar por amor, mesmo que seja a comida que mais detestamos. Eu nunca achei uma que odiasse, então tudo que preparo é com carinho.

— Se você não tivesse revelado a mim que era italiano eu não imaginaria, pois não possuí nem pouco de sotaque, somente seu pai — comentei, mais uma vez admirando os olhos que me inspecionavam.

— Sim, os anos vivendo aqui fizeram com que eu perdesse o sotaque do meu país.

— Uma pena, pois devia ser um sotaque muito bonito. — Após dizer isso percebi o tamanho da besteira que havia comentado, pois até Ricardo ficou um pouco sem graça.

Passaram-se alguns minutos e continuamos calados. Terminei de tomar o meu café da manhã e levantei-me, pronta para organizar tudo na cozinha.

— Pode deixar — Ricardo se pronunciou, levantando-se em um rompante e tomando a louça da minha mão. — Eu organizo. Se você quiser algo pra vestir, acho melhor irmos a alguma loja comprar algumas roupas para você.

— Acho que você está sendo gentil demais, não precisa comprar roupas para mim — respondi meio sem graça. — Na verdade, eu preciso ir embora daqui para não te atrapalhar.

— Nathalie, não quero que você se sinta uma prisioneira — começou com o mesmo discurso que ele já havia feito na noite anterior. Colocou a louça dentro da pia e voltou-se em minha direção. — Se for mesmo da sua

vontade ir embora, eu te ajudo, mas eu queria muito que você ficasse aqui por um tempo, sinto que precisa de alguém para te proteger. Estou errado? — E acabou me deixando ainda mais encantada por sua hospitalidade.

— Mas eu não posso ficar aqui, já te disse...

— Ah, é mesmo, você disse que é perigoso. Eu não tenho medo, Nathalie. Não sei nem ao menos o seu sobrenome, mas de uma coisa eu sei. Não vou deixar que você saia por aquela porta para ficar vagando por aí e correr ainda mais riscos. Aqui você estará segura. — Gesticulou para a sua casa, que era tão aconchegante que me senti envergonhada de insistir tanto para ir embora.

Encarei-o e resolvi tomar outra decisão em um rompante. Afinal, parecia que essas decisões eram as que mais me favoreciam na vida.

— Tudo bem, me chamo Nathalie Monteiro e você está certo, corro perigo e aqui, mesmo te conhecendo a menos de vinte quatro horas, sinto que estou mais segura. — Respirei fundo e quando ia dizer mais alguma coisa, ouvi a voz rouca com o sotaque do mais forte italiano que já havia escutado na vida. Ou melhor, este era o único que já tinha ouvido.

— Então, garota, se você sabe que está segura por que quer ir embora? — Olhei para Giovanni, parado na entrada da cozinha nos observando, e tentei responder, mas ele continuou: — Sei que sou um velho mal educado, mas saiba que você pode ficar aqui o tempo que precisar, até para meu filho se sentir bem, pois meu *bambino* adora ajudar as pessoas. Então, Nathalie, fique aqui com a gente que vamos achar uma forma de te manter a salvo do que você está fugindo. Não precisa me contar o que é, mas espero que com o tempo você possa contar a Ricardo. A gente tem que estar preparado pra tudo.

Fiquei meio atônita depois de suas palavras, só que o sorriso que direcionou a mim fez com que eu soubesse que Giovanni não seria mais um problema em minha vida. Respondi com meu melhor sorriso, assentindo em seguida. Acho que se fôssemos mais íntimos, eu o teria abraçado, no entanto, ainda não tinha essa abertura.

— Leve essa garota pra arrumar umas roupas, Ricardo. Eu vou para o meu encontro. — Sorrio discretamente para o filho, e eu sentia que aquele gesto falava muito mais do que as que ele me disse instantes antes. Achei os dois fofos, pois não tive essa intimidade com meu pai.

— Que maravilha, *papà*. Melhor notícia que o senhor poderia me dar. Divirta-se.

Logo que Giovanni saiu, Ricardo terminou de arrumar a cozinha, e eu segui para o “meu” quarto para tomar um banho e tentar dar um jeito de me vestir mais apresentável com as roupas de Ricardo.

Ele me emprestou outra camisa, mas essa serviria como uma t-shirt, que eu poderia muito bem amarrá-la, além de uma calça de moletom que ele jurou que ficaria melhor em mim e estava certo. Coloquei meu tênis e deixei meus cabelos soltos, pois era mais fácil disfarçar meu rosto com eles assim.

Quando sai para o corredor, Ricardo também cruzou a porta de seu quarto.

— Olá, moça bonita — abriu um de seus sorrisos ao brincar.

— Oi! — Respondi sorrindo da melhor forma, mas logo questionei.
— Vamos para onde?

— Ao shopping — respondeu, dando de ombros, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Ele só não sabia que eu tinha um sonho de ir ao shopping e que nunca pude. Primeiro porque em Vila Nova não existia algo do tipo e segundo porque perdi minha liberdade aos dezessete anos.

— Obrigada! — agradei sem nem explicar o motivo.

— Por nada — e ele respondeu sem me questionar, pois sabia que eu ainda estava extremamente acanhada.

Saímos do seu condomínio e não demorou muito para chegarmos ao lugar. A primeira coisa que percebi era que havia vários carros em seu estacionamento. Isso rapidamente me deixou apreensiva, pois significava que

estava lotado de gente. E se algum dos capangas de Eric estivesse lá para me reconhecer?

— Primeira coisa que faremos é comprar algumas roupas para você.
— Enquanto Ricardo falava, eu admirava o lugar – mesmo apreensiva –, conforme íamos caminhando diretamente para a porta automática. — E depois podemos andar pelo shopping para você conhecer, já que percebi que adorou o lugar.

Assim que entramos eu vi aquele amontoado de vitrines, alguns de lojas famosas, que eu conhecia pelas revistas que lia, e algumas das quais nunca tinha ouvido falar. Pelo que entendi, o shopping tinha três pisos e parecia uma mansão gigantesca sem fim.

— Uau! — exclamei, extasiada pelo que via.

— Pelo visto você nunca foi a um shopping, certo? — Ricardo tentou puxar assunto, enquanto seguíamos a uma loja que parecia vender somente roupas femininas.

— Não, fui privada de muitas coisas desde os meus dezessete anos.
— Olhei para ele, para ver sua reação, mas Ricardo somente franziu seu cenho, sem dizer nada.

Direcionou seus olhos para mim e sorriu um tempo depois, entrando comigo na loja toda sofisticada.

— Bom dia, no que posso ajudá-los? — Uma vendedora veio nos atender, analisando-me de cima a baixo.

— Queremos algumas roupas para a minha amiga. — Ricardo tomou a frente, pois fiquei extremamente constrangida pela forma que ela me olhava.

— Claro! Qual o seu tamanho, querida? — a vendedora, pelo jeito, não iria me tratar tão mal como demonstrara de início.

Depois que lhe passei a informação, ela me entregou várias peças de

roupas, e eu experimentei uma a uma, ainda me sentindo mal por ter que fazer Ricardo comprá-las. Por fim, depois de gostar de várias peças, me olhei no espelho com um vestido amarelo, que possuía alguns desenhos em formato de flores no tecido e um cinto creme. Gostei tanto dele que resolvi sair do provador já usando-o.

Assim que Ricardo me viu, abriu um de seus sorrisos encantadores. Fiquei um pouco envergonhada com seu olhar, mas tentei agir naturalmente. Após sairmos da loja, caminhamos pelo shopping, e eu continuava encantada com tudo que via.

Almoçamos por ali mesmo um fast food – mais uma das coisas que nunca pude conhecer. Ricardo estava me fazendo a mulher mais feliz naquele dia, pois ele nem imaginava realizar vários sonhos meus. Assim que terminei, ele me ofereceu uma sobremesa que se resumiu a sorvete, uma maravilha já criada.

— Quando eu era pequeno minha mãe odiava que eu comesse algum doce depois de tantas bombas de carboidrato como comemos há alguns minutos — ele comentou enquanto subíamos para o terceiro piso do shopping, que eu não imaginava o que teria ali, e logo depois de eu quase cair na escada rolante que foi algo inédito também para mim, mas que fez com que eu achasse extremamente maravilhosa a experiência.

— A minha, por outro lado, me empanturrava de besteiras — comentei, ao mesmo tempo em que visualizava a entrada de um cinema com vários filmes em cartaz.

— Por esse brilho em seu olhar sei que acertei na vinda para o cinema. — Abri um sorriso para ele, sem acreditar que um homem que me conhecera há tão pouco tempo pudesse me tratar melhor do que todos que rondaram minha vida por anos.

Logo percebi que a atenção de Ricardo voltou-se para uma parte do meu rosto, que não eram meus olhos. Ele estendeu sua mão lentamente e passou seu polegar por meu queixo. Aquilo parecia tão clichê, tão cena de filme de romance ou de livro, que me deixou espantada.

O que estava acontecendo?

Toda a minha vida dera um giro gigantesco em vinte quatro horas. Eu havia fugido de uma família extremamente perigosa, vestida de noiva e desmaiei nos braços de um homem incrível que parecia que a cada segundo demonstrava ainda mais que era um príncipe encantado.

Que medo de ter caído em um conto de fadas sem final feliz.

Ricardo quebrou nosso contato visual e murmurou:

— Estava sujo.

Murmurei um obrigada, que não foi audível nem mesmo para mim, e nos encaminhamos para a bilheteria. Ele comprou dois ingressos para assistirmos a um filme de super-herói – escolhido por mim – que estava em cartaz. E mais uma vez minha emoção foi extrema de entrar pela primeira vez em uma sala de cinema. As duas horas decorrentes do filme foram maravilhosas, e depois que ele acabou continuamos rindo e ansiosos, pois já havíamos entendido que teria continuação.

— E aí, gostou da experiência? — Ricardo questionou quando estávamos em seu carro, voltando para a casa dele.

— Foi incrível. — Suspirei extasiada de emoção e continuei: — Obrigada por tudo, Ricardo, parece até que você foi um anjo que apareceu na minha vida.

— Se pegarmos a história real, o anjo é você, porque foi quem apareceu na minha. Caiu nos meus braços e tudo. — Gargalhou ao terminar.

Só esperava que eu não fosse o motivo de aquele homem que estava ao volante sofrer alguma consequência por eu ter entrado em seu caminho. Nunca me perdoaria se algo acontecesse a ele. Mas, naquele momento, Ricardo parecia ser a minha melhor opção para continuar viva. Então eu só podia agradecer a ele e esperar o que o destino iria nos reservar.



Capítulo 8

Ricardo

Há três semanas Nathalie entrara em nossas vidas, mudando completamente a nossa monotonia. Uma mulher incrível, que mesmo demonstrando que passara por vários pesadelos no passado ainda sorria encantadoramente. Ela não aceitara muito bem ficar sem fazer nada em minha casa, por isso, implorara para que a deixássemos trabalhar no restaurante e assim fizemos.

Naquele momento eu a observava, do balcão do bar, ela indo de mesa em mesa fazer os pedidos, vestida no uniforme do estabelecimento. Sorria para os clientes com uma doçura extrema, e todos retribuía, afinal, a luz que levava às pessoas era diferente da maioria das garçonetes que já passaram por aqui. Era meio difícil não adorar Nathalie, até Eva a aprovou de primeira.

Só que ela ainda não havia me falado nada de sua vida. Sabia que corria perigo, sabia seu nome, mas só isso. Ah! Não podia esquecer que eu também corria perigo por escondê-la não sei de quem, mas Nathalie sempre deixou isso claro, e eu acreditei nela. Já que sentia que podia confiar plenamente na desconhecida mais linda que já havia cruzado a minha vida.

— *Bambino*, cuidado com a babinha que tá escorrendo aí, viu? — *Papà* chamou minha atenção enquanto ria de mim.

— Não tem nada escorrendo aqui, seu Giovanni. — Olhei para meu pai, afastando minha atenção de Nathalie, e vi sua expressão brincalhona se tornar séria.

— Te conheço, Ricardo. Não se deixe envolver demais, pois não sabemos quem ela é. — Sabia que ele não estava falando por mal e era uma verdade. Não sabíamos nada sobre Nathalie, só que era difícil me manter indiferente quando até a gargalhada daquela mulher – que nem estava sendo direcionada a mim – me fazia abrir um sorriso.

Ela era toda atrapalhada, tinha cara de anjo e era muito, muito doce – uma mistura perfeita. Quem conhecesse Nathalie e não ficasse encantado por ela seria um louco.

— Vou tentar não passar do limite, *papà*.

Assim que parei de falar, meu pai assentiu e deixou por isso mesmo, já que Nathalie caminhava decidida até nós.

— Eu queria abusar da hospitalidade de vocês comigo — ela disse assim que encostou-se ao balcão.

— Tenho até medo de perguntar o que você quer — meu pai respondeu. Rindo. Ele podia dar uma de durão, mas adorava a pequena loira à nossa frente.

— Nossa, seu Giovanni, também não é assim. — Abriu um sorriso que derreteria qualquer muralha de gelo e depois olhou para mim com aqueles olhos que eram a minha perdição. — Você me dá uma marmita de comida?

Às vezes eu jurava que Nathalie tinha um parafuso a menos, ou vários, dependendo da situação. Olhei para meu pai, ele deu de ombros e eu respirei um pouco mais forte que o necessário.

— O que você quer fazer, Nathalie? — questionei.

— É que tem um senhorzinho ali do outro lado da rua que tá com uma carinha tão triste. Eu queria levar um pouco de comida para ele. Por favor, Ricardo. — Fez um gesto com as mãos parecendo que estava rezando, e eu não pude deixar de rir. Claro, que eu faria o que me pedia e nem precisava ser duas vezes.

— O que você não me pede chorando que eu não faço sorrindo? — brinquei.

Aquela garota realmente me faria passar dos limites, e eu não sabia onde iria parar, mas nada mais importava a não ser deixá-la feliz.

— Vou pedir para arrumarem para você — continuei, o que a fez abrir um sorriso ainda maior do que o que já estava em seus lábios.

Fui à cozinha sorrindo igual um idiota. Realmente, estava muito piegas por causa dessa garota.

— A sua querida quer uma marmita — falei para Eva, que olhou para mim com uma sobrancelha erguida.

— Ela é a minha querida? — perguntou com desdém. — Pensei que quem a colocava em um pedestal era você. Eu a adoro, mas quem a mima não sou eu.

— Não a mimo — murmurei.

— Ah, tá! — continuou com sua curtição, enquanto preparava a marmita. — Eu que fico toda de “Nathalie quer isso, Nathalie quer aquilo”. — Gargalhou, assim que me direcionou o olhar. Eu tinha certeza que estava com uma expressão indignada.

— Vocês são muito implicantes — respondi sem dar mais corda para que ela parasse de me encher.

— E você é um bobo apaixonado.

— Eva... — repreendi, o que a fez se calar. Ainda bem, pois ela não estava falando coisa com coisa. Eu não estava apaixonado por ninguém, já que ninguém pode se apaixonar em tão poucos dias.

— Aqui, senhor sabe tudo. — Entregou a marmita em minhas mãos e voltou a fazer o que estava fazendo antes de eu atrapalhá-la.

Voltei pela porta vai e vem, indo em direção a Nathalie, que me

esperava no mesmo lugar onde a deixei. Coloquei a marmita em cima do balcão para que ela levasse ao morador de rua que sempre ficava por aquela região. Já tinha dado vários pratos de comida a ele. Tinha quase certeza de que ele se chamava Jorge, mas sempre preferia ser chamado de Senhor da Luz. Ninguém da região entendia o motivo.

— Você e seu Giovanni são uns anjos. — Jogou um beijinho em minha direção, então, tirou o avental e caminhou sorridente para fora do restaurante, levando consigo a marmita que tanto desejava.

Observei-a pelas vidraças. Olhou para um lado e outro até que atravessou a rua e se aproximou do homem em questão, entregando a marmita para ele. Vi que começou uma conversa amistosa com o Senhor da Luz, então, decidi voltar a fazer o meu serviço, pois admirá-la era maravilhoso, mas eu precisava manter um restaurante.

Sem contar que já estava ficando evidente demais meu interesse pela noiva misteriosa. E como meu pai me disse, não poderia me envolver tanto por uma pessoa que não conhecia. Droga! Quem eu queria enganar? Eu já estava envolvido demais.

Voltei para cozinha, e, após fazer minha higienização, continuei preparando alguns pratos.

— Você tá caidinho pela Nathalie — Eva voltou a me encher, chegando muito próxima de mim, o que favoreceu para ninguém mais ouvir.

— Não sei do que está falando — neguei mais uma vez.

— Ricardo, acho que você esqueceu com quem está falando. Eu vejo tudo ao meu redor, observo e sempre tiro conclusões, que em sua maioria estão certas. — Empinou seu nariz ao afirmar.

Resolvi, por bem, ficar calado por um tempo, enquanto finalizava um prato para a mesa vinte e dois. Depois que terminei, aproximei-me dela e disse:

— Eu acho que dessa vez você se enganou. — Mal terminei de fechar

minha boca, e a porta vai e vem foi aberta em um rompante, olhei em sua direção assustado.

Deparei-me com Nathalie totalmente pálida e com olhos cheios de lágrimas. Afastei-me de Eva rapidamente, limpando minhas mãos durante o caminho que levava até ela.

— O que foi? — questionei assim que me aproximei.

— Me tira daqui, Ricardo. — Nathalie se jogou em meus braços, começando um choro desesperado. — Por favor, me tira daqui.

Olhou em meus olhos com os dela, que estavam repletos de lágrimas. Eu nunca poderia negar um pedido daquela mulher.

— Claro! — Desamarrei meu avental, deixando-o sobre a bancada da cozinha. Logo abracei os ombros de Nathalie, indo em direção à saída dos fundos. Antes de sair, ordenei a Eva. — A cozinha é sua responsabilidade.

Ela assentiu, e eu parei de me importar com as outras coisas do mundo, pois, naquele momento, a única que importava era Nathalie.

Levei-a para meu carro, dando partida em seguida. Olhei para ela de soslaio, percebendo que estava abaixada se escondendo de algo. Queriam muito saber o motivo de estar assim tão nervosa e com medo.

Sim, medo! Eu vi o pior em seus olhos banhados de lágrimas.

Chegamos em casa, e Nathalie ainda estava meio aérea, por isso, peguei-a em meu colo, levando-a diretamente para seu quarto. Assim que a deixei na cama, ela me abraçou, voltando a chorar. Retribuí o abraço, sentindo uma necessidade ainda maior de protegê-la. Não sabia o que havia acontecido nos minutos em que a deixei sozinha, mas já poderia imaginar que era algo muito ruim por causa do seu estado.

— O que houve Nathalie? — tentei questionar, para ver no que poderia ajudá-la.

Mas mesmo assim ela continuou chorando. Acaricieei seus cabelos

sedosos, enquanto se aconchegava em meus braços para uma melhor posição. Sua cabeça estava encostada em meu peito e depois de longos minutos de desespero Nathalie conseguiu se acalmar. Seus ombros pararam de sacolejar. Ela se afastou do meu corpo e encarou meus olhos.

Sua expressão desamparada me destruiu. Porra, ela era boa demais para que as pessoas ao seu redor fizessem mal a ela. Sem conseguir resistir, coloquei uma de minhas mãos em sua bochecha. Nathalie fechou seus olhos com o contato, e isso me deu vontade de fazer algo que não era adequado para aquele momento.

Balancei minha cabeça, para afastar os pensamentos insanos que rondavam minha mente, e esperei que a mulher linda e fragilizada à minha frente se abrisse comigo. Eu via em seu olhar que estava louca para fazer isso, porém o medo ainda predominava. Por isso, resolvi me manifestar:

— Você sabe, Nathalie, que podemos nos conhecer há pouco tempo, mas que sou de confiança. Então, se abre comigo. — Respirei fundo, encarando aquele mar azul que estava direcionado para os meus olhos. — Confia em mim.

Assentiu somente uma vez, afastou-se do meu contato e, ainda encarando-me, começou a me contar a história mais insanamente triste que eu poderia escutar na minha vida.

— Sempre tive uma família como essas de propaganda de margarina. Feliz, sorridente, tudo o que a sociedade pede. Minha mãe era uma pessoa devotada, meu pai um homem honrado que nos sustentava fielmente. — Parou por um momento, enxugando uma lágrima teimosa que descia por seu rosto. — Quando eu estava com dezessete anos, tudo ficou complicado. Lembro como se fosse hoje. Eu tinha acabado de chegar do colégio, ainda estava de uniforme, minha mãe preparava nosso almoço e do nada caiu. Como eu estava perto dela, consegui ampará-la e rapidamente liguei para o socorro, mas eles demoraram demais... — Procurando minha mão, Nathalie a segurou com tanta força, tentando demonstrar, por aquele contato, o quanto de dor ainda sentia. — Ela morreu, Ricardo! Morreu nos meus braços, ali na minha frente... e quando meu pai chegou, o homem bom que eu conhecia desapareceu. Ele me culpou e culpa até hoje pela morte dela, nunca entendi o

motivo de ele ter ficado tão paranoico. Mas eu não poderia fazer nada, não sei o que teria ajudado, no caso de um AVC. Parecia que meu pai a amava tanto que o que ele pôde fazer para tentar negar a morte dela foi me culpar e me tirar da sua vida.

Nathalie fez uma pausa demorada o bastante para que eu pensasse que não iria falar mais nada, mas, no momento em que tentei retomar o assunto para confortá-la, ela fez um gesto demonstrando que ainda não havia terminado, por isso, aguardei.

— Sabe... ainda tentaram levá-la para o hospital, mas informaram pra gente que ela tivera morte cerebral no momento em que caiu e eu a amparei. Só que vou soar repetitiva, mas não entendo o motivo de o meu pai ter me culpado. Lembro que ele só assinou os papéis necessários, pois eu era menor de idade e sumiu — divagou, com um sorriso que demonstrava incredulidade. — Ele sumiu por dias, me deixou sozinha no velório da minha mãe. Quando voltou, estava bêbado. Tentou me agredir, mas consegui me proteger me escondendo no meu quarto.

— Nathalie, não precisa...

— Você quer saber, então vou contar tudo. Só me deixa respirar — cortou-me. — Meu pai aparecia em casa raramente. Comecei a passar necessidades, sem comida. Água e luz foram cortadas depois... Fui abandonada, literalmente, por aquele homem que deveria me amar. Até que do nada eu me tornei propriedade de Eric Scheidemann. Ele e seu irmão haviam se mudado para nossa cidade há uns dois anos, e meu pai me vendeu para quitar uma dívida de jogo, porque eles têm um cassino clandestino em Vila Nova, o distrito de onde vim. Mas não termina aí... só depois descobri que esses irmãos eram criminosos barra pesada, vieram da Alemanha expandir seu poder e encontraram em Vila Nova uma cidade quase não rastreável, a grande chance de nunca serem pegos. Eu sei que eles traficam e que já assassinaram algumas pessoas, não sei muita coisa mais. — Respirou por um momento e continuou: — Minha vida se tornou um inferno, Ricardo. Foram anos de puro desespero. Eu tinha apenas dezessete quando fui morar com aqueles abutres. Para onde eu ia tinha que ser cercada de seguranças, e eles ainda acham que eu sou a errada por não aceitar as condições que impuseram na minha vida. Agora com vinte dois, queriam me obrigar a casar

com um homem asqueroso, assassino e traficante... encontrei uma oportunidade no dia do casamento e fugi. Por isso, apareci no restaurante daquele jeito, me embrenhei no meio de uma mata aqui perto e quando saí estava aqui em Rancheiro. Seu restaurante foi um dos primeiros que vi quando entrei na cidade, e o cheiro da comida gritou para que eu entrasse.

Fiquei estático por um momento, ouvindo tudo o que ela dizia. Não podia ser real, não em pleno século vinte e um. Um pai não podia vender a filha para um criminoso e achar isso normal, além do mais sem motivos evidentes. Como ainda existiam pessoas assim?

— Ele te violentava? — questionei, morrendo de medo de o trauma da mulher à minha frente ser ainda pior.

— Se você estiver falando de sexo, não, mas ele me batia muitas vezes e forçava beijos que eu nunca permiti — a voz frágil de Nathalie acabara um pouco mais comigo naquele momento.

— Sinto tanto, Nathalie. — Peguei-a novamente em meus braços e voltei acarinhar seus cabelos. — Nunca mais permitirei que façam algo com você desta maneira. Está me ouvindo? — perguntei para ela perceber que eu estava falando a verdade.

— Não faça promessas que não estão ao seu alcance. Os homens dele já estão na cidade, é só uma questão de dias para me acharem.

— Foi por isso que você ficou com tanto medo hoje mais cedo? — indaguei.

— Sim, eu vi um de seus cães de guarda na rua do restaurante. Não sei se ele me viu, pois eu saí correndo. — Voltou a chorar.

— Não chora, amor. — Abracei-a com mais força do que devia, mas estava me sentindo desesperado demais para deixá-la longe dos meus braços. — Tem certeza de que era um dos homens dele? — perguntei para confirmar.

— Eles têm uma tatuagem de identificação, reconheci de longe. Fica bem no pescoço, exposta em formato de triângulo.

— Obrigada pela informação ficarei de olho nisso.

Nathalie suspirou, e eu ousei a tomar uma iniciativa inusitada. Deitei-me em sua cama e a puxei para apoiar sua cabeça em meu peito enquanto acarinhava seus cabelos.

— O que você está fazendo? — ela questionou, mas não saiu do lugar.

— Te acalmando — respondi e fiquei por longos minutos fazendo a mesma coisa, até que senti sua respiração ficar pesada.

Ela ainda me contou, antes de dormir, que sempre tentou mostrar uma força que não tinha contra o tal Eric Scheidemann, mas no fundo ela só queria chorar e perder o restante de esperança que tinha na vida.

Assim que sai da cama, fui até meu notebook, que ficava em meu quarto, para saber mais um pouco dos irmãos que a Nathalie tinha falado. Havia poucas coisas sobre eles, nada que os incriminasse, mas eu iria provar que eram pessoas ruins. Ao menos agora conhecia a face do mal que fazia com que a mulher que estava no quarto ao lado tivesse seus piores pesadelos.

Eu iria salvar Nathalie. Não deixaria que mais uma mulher que entrara em minha vida perdesse a vida ou sua liberdade por causa de homens que não sabiam se portar perante uma sociedade. Por isso, peguei o telefone de um antigo amigo investigador particular e entrei em contato. Naquele dia começava a minha missão de salvar Nathalie, e não importava o quanto de perigo eu corresse.



Capítulo 9

Nathalie

Capítulo 9

Acordei assustada, lembrando-me de tudo o que aconteceu mais cedo. Meu coração disparado, meu corpo todo arrepiado e os olhos ardendo pelo choro de horas atrás provam que não foi só um sonho ruim. O meu pesadelo chamado realidade voltou com tudo.

Olhei pela janela, constatando que já era noite. Depois, para ter certeza, verifiquei no relógio disposto na mesa de cabeceira que já passava das seis horas.

Observei o lado da cama onde deveria haver uma pessoa, afinal, tinha quase certeza de que dormi nos braços de Ricardo. Isso não podia ter sido um sonho, a única parte boa do meu dia não podia ser fruto da minha imaginação.

Droga! Não deveria desejar o único homem que foi bom comigo durante esses anos e estragar tudo por causa de uma atração boba.

Saí da cama, indo em direção ao banheiro, para um banho necessário, que tiraria o estresse do meu corpo. Assim que voltei para o quarto, escolhi um vestido azul soltinho, para passar o resto da noite. Calcei um chinelo de dedos e fui à procura de Ricardo.

Desci as escadas, percebendo que tudo estava escuro. Provavelmente seu Giovanni não havia chegado. Olhei em direção à cozinha e nada de Ricardo. Comecei a ficar um pouco nervosa, mas assim que escutei um

sussurro na direção da pequena horta que encontrava-se no fundo da casa, sorri, caminhando para lá.

Quando cheguei à calçada que levava para o caminho da horta vi Ricardo conversando com uma planta que não consegui identificar qual era da distância que me encontrava. Caminhei lentamente até ele, vendo que estava muito entrosado na sua conversa com a pequena árvore.

— Cerejinha te deixo um dia sem meus cuidados e você já fica triste, mas agora voltei, tudo bem? — Ele regou o pé da tal cerejinha e continuou batendo um papo engraçado com ela até que não consegui me conter e soltei uma leve gargalhada.

Ricardo se virou em minha direção, sorrindo em resposta à minha gargalhada.

— O que estava fazendo aí, dona Nathalie?

— Observando você cuidar da *cerejinha* — comentei enquanto me aproximava. — Parece um maluco conversando com plantas.

— Viu, cerejinha? Ela estava nos bisbilhotando — murmurou indignado para a árvore.

— Mentira, cerejinha, estava só observando o ambiente e, por incrível que pareça, vocês estavam no centro das minhas atenções — respondo, assim que me aproximo dele e da tal planta denominada cerejinha. — Isso é alguma fruta? Parece uma miniatura de tomate.

Olhei para Ricardo, e ele pareceu indignado com a minha pergunta, ou melhor, foi como se eu tivesse cometido um pecado capital ao indagar tal coisa.

— Como assim, você não conhece tomate cereja? — Seus olhos se arregalaram, e eu neguei com a cabeça. — Meu Deus, você vai magoar a cerejinha, tape os ouvidos querida — Ricardo murmurou a última parte — com um drama que lhe daria um Oscar — para a árvore, e eu não aguentei, caindo em outra gargalhada.

— Eu não conhecia essa espécie de tomate. Na verdade, eu não sou muito boa na cozinha, não sei sequer preparar um arroz decente.

— Iremos mudar isso — respondeu, olhando no fundo dos meus olhos, e, com isso, alguma coisa aconteceu dentro do meu peito, pois meu coração errou algumas batidas. — Prometo que irei te ensinar a cozinhar. — A leve piscadinha que ele me ofereceu fez que as batidas que já estavam descompassadas perdessem completamente o seu rumo.

— Eu não quero te atrapalhar — tentei responder sem gaguejar. Seria muito mocinha abandonada de livro se eu fizesse isso.

— Ensinar uma pessoa a cozinhar nunca seria um incômodo. — Afastou uma mecha alvoroçada que voou para meus olhos devido a leve brisa que bateu em meus cabelos. — Mas agora vamos corrigir esse pequeno acidente no mundo que é você não conhecer um tomate cereja.

Ele arrancou um fruto bem vermelho do pé e ofereceu a mim. Peguei entre meus dedos e senti a textura macia.

— Experimenta! — incentivou, mas eu o questionei.

— Posso comer assim, sem nenhum preparo?

— Claro, aqui não tem agrotóxico, e eu acabei de lavá-los.

Coloquei o fruto inteiro na boca – devido ao seu tamanho ser mínimo – e mordi, sentindo o gosto maravilhoso na boca.

— Humm — fiz o som de delírio e completei: — Tem o gosto mais adocicado do que o tomate normal.

— Sim, ele é delicioso e é um dos tomates que mais amo. — Vi seus olhos se direcionarem para minha boca, mas logo ele desviou para observar o ambiente e comentou: — Bom, eu já cuidei da minha pequena plantação, quer entrar ou prefere continuar conversando com a cerejinha?

— Prefiro entrar, mas adorei conhecer a cerejinha. Virei mais vezes para falar com ela.

— Que ótimo, ela vai amar. — Estendeu sua mão em minha direção, e eu, mesmo envergonhada, aceitei. Antes de irmos, ele falou para a árvore: — Boa noite, cerejinha.

— Tchau, cerejinha. — E claro que entrei na brincadeira, sentindo a sua pele na minha.

Caminhamos para dentro da casa, e assim que nos vimos sozinhos na cozinha, Ricardo questionou.

— Você está se sentindo melhor? — Parou para me olhar enquanto falava.

— Sim, o medo ainda está presente, mas ao menos agora eu tô conseguindo respirar com mais calma.

— Que ótimo. — Ele levou sua mão que não estava segurando a minha para minhas bochechas. — Quero que saiba que se precisar de qualquer coisa pode falar comigo, estou aqui para te ajudar a passar por isso. Tudo bem?

— Sim — foi a única coisa que respondi, ainda encarando os seus olhos.

Depois de ele abrir um sorriso, fez uma proposta tentadora:

— Que tal arrebentarmos uma pipoca e vermos um filme?

— Se não for de terror, eu aceito.

— Sem terror, senhorita.

Sentamos no sofá da sala, cuja parede apresentava o quadro da mãe de Ricardo. Ele ainda não havia me contado direito o que tinha acontecido com ela, mas não queria invadir seu espaço. Ele tinha me esperado, então eu esperaria o tempo certo para ele. Depois de acomodados, começamos a ver um filme nacional de comédia.

Este me fez rir tanto que cheguei a engasgar uma vez com a pipoca. Era maravilhoso poder se sentir livre. Eu meio que pressentia, no fundo do meu coração, que meus dias de felicidade estavam contados, mas queria parar de pensar nisso e focar no presente... Focar no que a vida estava me oferecendo... Focar no homem sentado ao meu lado, com aquela boca linda, aquela barba que o deixava sexy e a sua gargalhada que fazia com que eu tivesse vontade de sorrir também.

Infelizmente fui pega no flagra o encarando, enquanto gargalhava de Dona Hermínia no filme “Minha mãe é uma peça”.

— Tudo bem? — perguntou, olhando em meus olhos.

— Sim, desculpa. — Voltei minha atenção para a TV, só que Ricardo não deixou por isso mesmo, ele se aproximou de mim e encostou seu braço no meu ombro. Engoli em seco, mas continuei prestando atenção no filme, meio petrificada com o contato.

— Não precisa se desculpar — sussurrou no meu ouvido, fazendo minha pele se arrepiar, porém, afastou-se mais rápido do que eu esperava e também voltou a prestar atenção no filme. Sua mão continuou em meu ombro, e uma hora ou outra fazia um pequeno carinho com seus dedos.

Assim que o filme terminou, eu me levantei do sofá rapidamente, deixando a mão de Ricardo cair do meu ombro. Olhei para ele, que me encarou espantado.

— Vou dormir... é... boa noite — sussurrei, mas, Ricardo foi rápido em levantar do sofá e se aproximar de mim.

Sem querer senti minha respiração acelerar. Não sei se ele percebeu, porém, assim que se aproximou de mim, olhou em meus olhos e, mesmo comigo arfante, ele levou seus lábios a minha testa, depois beijou a minha bochecha e, deixando seus lábios bem próximos aos meus, respondeu:

— Boa noite! — Se eu aproximasse minha cabeça uns cinco centímetros, nossos lábios se chocariam, no entanto, não fiz isso e nem ele.

Ricardo sorriu com aquela boca e dentes perfeitos que deveriam ser considerados proibidos, e eu só saí o mais rápido em direção ao quarto que tinha sido oferecido a mim.

Era uma covarde!

Entrei dentro do cômodo. Ao fechar a porta, encostei-me à mesma e deixei-me escorregar até o chão. Haviam se passado três semanas que estava vivendo com essa família que eu conhecia muito pouco, só que já os consideravam as melhores pessoas com quem já convivi. E não sei se foi por Ricardo ser gentil demais, educado demais, carinhoso demais... Eu estava morrendo de vontade de beijá-lo... Droga!

Eu sonhava todas as noites com ele e não eram sonhos inocentes.

Que mente pervertida eu tinha.

Alguns minutos se passaram, e eu escutei seus passos. A porta do seu quarto foi aberta, mas antes de fechá-la houve uma pausa, os passos se aproximaram da minha, mas nada aconteceu. Ouvi através dela quando ele soltou o ar dos seus pulmões e logo a sua porta foi fechada.

Eu acho que estava desejando muito o homem que me salvou e tinha certeza de que isso me daria problemas futuros. Será que eu estava disposta a enfrentá-los?



Capítulo 10

Ricardo

No que estava pensando?

Eu havia a abraçado, onde estava com a cabeça?

Ok! Foi mais forte do que eu, mas porra... Com aqueles olhos me encarando e com os meus pensamentos gritando para que eu a beijasse, foi inevitável tomar tal atitude.

Só que eu era um idiota, a garota acabara de passar por outro trauma, e eu querendo me aproveitar do seu estado. Não acredito que fiz isso.

Rolei na cama até umas duas horas da manhã, quando escutei a porta da sala se abrir. Tinha certeza de que era o meu pai voltando do restaurante, apesar de estar mais tarde que o seu costume. Saí do meu quarto e desci as escadas rapidamente, encontrando-o ainda colocando seu casaco no aparador.

— *Papà*, desculpe ter saído tão cedo do restaurante e não ter o ajudado a fechá-lo — pedi, enquanto ele me encarava com seu semblante cansado. — E por que demorou tanto?

— Tudo bem, *bambino*, demorei mais porque tinha um compromisso depois de sair do restaurante. — Sorri, pois sabia bem que o seu

compromisso se chamava Dona Carmem – que eu ainda não conhecia –, no entanto estava muito feliz que eles estavam dando certo. E ainda tinha gente que falava que relacionamento por aplicativo não dava em nada.

— Mas precisamos conversar. — Ele se encaminhou para o mesmo sofá onde, mais cedo, Nathalie e eu estávamos. — Sente-se aqui.

Meio apreensivo, eu o acompanhei, sentando-se ao seu lado.

— Pode falar, *papà*.

— Eu sei que você está gostando dessa garota, Ricardo, não sou idiota. — Pausou por um momento para respirar e prosseguiu. — Ela é um doce, gentil e tudo o que eu poderia querer para você filho, só que temos um problema sério. Depois que você foi embora, alguns homens passaram no restaurante e me perguntaram se eu a havia visto. Claro que eu neguei, só que estão por aí, filho, e eles não me parecem boa coisa.

Fiquei ainda mais preocupado com a confissão de meu pai. Se os perseguidores de Nathalie estavam por aí, ela não permaneceria segura em Rancheiro. E eu não sabia o que fazer.

— Ela me contou tudo o que aconteceu com ela, *papà*. Não posso permitir que a encontrem — murmurei, pensativo.

— E se você correr riscos, *bambino*? — pergunta preocupado, no entanto eu só tinha algo a responder.

— *Papà*, o senhor sabe que nunca vou deixar uma mulher, ao menos as que vivem perto de mim, sofrer abuso, muito menos uma que me interessa tanto. — Passei as mãos pelo cabelo curto, tomando um tempo para continuar, enquanto meu pai me encarava. — Eu correria risco por qualquer uma, mas desde que Nathalie apareceu, e eu senti uma conexão inexplicável com ela, soube que a defenderia de todos, até do senhor, caso não a aceitasse em nossas vidas.

— Mas nós nem a conhecemos direito, Ricardo. — Mudou o tom de sua voz, para mostrar que não concordava com a minha decisão.

— Não precisamos viver por anos com uma pessoa para enxergar sua índole, papà. Às vezes as pessoas que ficam ao nosso redor por anos são as que mais nos decepcionam. — Direcionei o olhar para o quadro com a foto enorme de minha mãe que tínhamos em nossa sala.

Meu pai sempre quis que ela ficasse onde pudéssemos nos lembrar de sua essência; uma pena que ela fora uma das pessoas que mais me decepcionara na vida.

— Filho...

— Não precisa dizer nada, eu vou me deitar, boa noite para o senhor.

Saí de perto, pois sabia que tanto ele quanto eu lamentaríamos que nossa conversa tivesse parado em um assunto que considero proibido. Eu tentava parecer forte e alegre na frente de todos. Porém era só um cara que já sofreu um bom bocado da vida.

Voltei para o meu quarto e acabei dormindo assim que deitei na cama novamente. Acordei cedo como todos os outros dias e já sabia o que ia encontrar assim que descesse para correr. Nathalie estaria sentada no chão da varanda da minha casa, observando o raiar do sol, e eu não estava errado. Assim que abri a porta da sala, lá estava ela, com um de seus moletons que nós havíamos comprado há alguns dias.

O dia estava um pouco mais frio do que de costume, então entendia o motivo de estar mais agasalhada. Ela não havia reparado que eu já a estava observando, por isso, resolvi agir como sempre e deixar a preocupação da noite anterior para outro momento. Não podia ficar estranho com ela só porque a desejava desesperadamente.

— Buuu — disse ao enfiar meus dois dedos indicadores em suas costelas, fazendo-a soltar um leve gritinho e dar um pulo do chão. — Bom dia, Nathalie!

— Uma hora você ainda vai fazer com que eu enfarte, Ricardo.

— Não é a minha intenção, sério — respondi, sorrindo para ela que

retribuiu com um dos seus sorrisos encantadores.

— Vai correr? — questionou.

— Sim, quer ir? — perguntei, como todos os dias, mas ela negou com a cabeça. No entanto, antes de eu sair, comentou.

— Quer saber, eu vou caminhar pelo condomínio enquanto você corre.

— Ótimo.

Ela saiu junto comigo para a calçada. Do outro lado do quarteirão, vi Emanuel me esperando.

— Vou ter que te abandonar, vai se sentir muito sozinha? — indaguei.

— Não, pode ir, eu vou ficar bem.

Olhei em seu rosto e percebi que ela estava meio triste.

— Ainda está abalada com tudo o que aconteceu, Nathalie? — perguntei, querendo fazer algo para que o brilho que se instaurara em seus olhos – nestes dias em que estava em minha casa –, voltasse.

— Vai passar, Ricardo, é só que está recente — respondeu, meio cabisbaixa.

Aproximei-me o mais rápido que pude dela, invadindo seu espaço pessoal sem me importar muito com o que ia achar. Ergui seu queixo com meus dedos e fiz com que encarasse meus olhos.

— Vai ficar mesmo, pois não vou deixar nada acontecer com você. Palavra de escoteiro. — Fiz com que abrisse um sorriso, e isso já bastava para o meu dia. — Sobre a noite passada...

— Deixa para lá — cortou-me, fazendo com que suas bochechas corassem.

Logo escutei passos se aproximando, e meu amigo estraga prazeres se pronunciou:

— O casazinho vai ficar plantado aí? — Emanuel sabia ser uma pedra no sapato quando queria.

Nathalie o olhou e voltou a abaixar a cabeça. Ela era meio receosa com Emanuel, e eu entendia, ainda mais depois de descobrir sua verdadeira história. Só não sabia o motivo de ela confiar tão fielmente em mim.

— Desculpa atrapalhar vocês — Nathalie sussurrou, afastando-se um pouco de nós dois.

Olhei para Emanuel, e ele mais que depressa entendeu o meu olhar de repreensão, fazendo o que eu esperava que fizesse.

— Claro que você não atrapalha, Nathalie — respondeu.

— Vão correr, vou andar por aqui. — Apontou com o queixo para uma das ruas do condomínio que levavam direto para o lago e o parque que ficava no centro dele.

— Logo eu volto — comuniquei antes de sair. Ela ficou me olhando, e eu também não tirei meus olhos dela até que virei em uma das ruas que não me deixavam ter mais a visão da mulher que não saía dos meus pensamentos.

— Você continua de quatro por essa garota — Emanuel comentou ao meu lado, enquanto começávamos a aumentar nossa velocidade. — Nem parece o Ricardo de antigamente.

— Já te disse que não sei o que Nathalie tem, mas faz com que eu me interesse por ela.

— Só me sinto meio abandonado. Não tenho nada contra você se interessar por ela, mas tudo contra quando você começar a sumir dos lugares que costumávamos frequentar. Todo mundo está perguntando de você, e eu não sei mais o que dizer.

— Agora você deu pra ter ciúme? — brinquei com ele.

— Não é ciúme, Ricardo. Só não quero que mude por causa de uma garota que nem sabemos se é de confiança.

Parei abruptamente a corrida, soltando uma lufada de ar. Estavam conseguindo me irritar, e isso era muito difícil de acontecer, pois eu sempre prezei pela paz.

— Não sei qual a porra do seu problema e o do meu pai. Acho Nathalie confiável, eu a conheço, sei pelo que passou. Se vocês não fossem tão retraídos poderiam enxergar a mulher incrível que ela é.

— Ricardo... se ouve! Você não a conhece, está deixando essa mulher tomar posse de todo o seu tempo livre. Antes éramos inseparáveis e agora você fica só dando atenção para essa garota.

— Emanuel, você não precisa de mim tanto quanto a Nathalie precisa. — Parei, respirei, mas logo explodi: — E não preciso provar nada para ninguém sobre o que acho de Nathalie. Se não querem aceitá-la, o problema é de vocês.

— Cara, eu não quis...

— Não importa — respondi, cortando-o. — Estou voltando para casa, acho que perdi o pique por hoje.

Voltei correndo os poucos quarteirões que percorri, com raiva, ódio e tudo o mais. Eu sei que ela surgira do nada, mas bastava entenderem que precisava de apoio...

Inferno! Custava me deixarem tomar minhas próprias decisões sem darem palpites?

Assim que entrei na rua da minha casa, percebi que Nathalie voltou para a área. Ela me olhou com o semblante sério, e logo questionou:

— Você não completou sua corrida, hoje. Costuma demorar bem mais.

— E você não foi caminhar, como disse — respondi meio grosso, mas logo tentei soar melhor. — Estou cansado de quererem mandar em minha vida. — Suspirei sentando-me ao seu lado.

— Eles só te amam demais, e isso faz com que se preocupem com você. — Uma brisa nos atingiu fazendo alguns fios dos cabelos de Nathalie ficarem alvoroçados.

Uma coisa que eu já havia percebido era que odiava quando o cabelo voava em seu rosto, por isso, observando-a neste momento, vi quando franziu o cenho com raiva do que estava acontecendo e prendeu seu próprio cabelo em um coque frouxo.

Após o seu momento, eu murmurei.

— Talvez eu quisesse que se preocupassem menos. Não tenho mais quinze anos. — Nathalie pegou minha mão e a acariciou com seus dedos. Olhando para ela, disse:

— Não seja tão malvado. Eu gostaria que alguém se importasse comigo como eles se importam com você.

— Nath... — tentei falar, contudo, ela me impediu.

— Não, Ricardo, não precisa dizer nada.

Depois disso permanecemos calados por algum tempo, até que tive uma ideia que ela iria adorar.

— Vou tomar banho e vamos para o restaurante. — Soltei minha mão da dela, no entanto, assim que me afastei, arrependi-me, já que o nosso contato era algo mágico.

— Hoje é domingo, o restaurante não abre.

— Por isso mesmo, vou te ensinar a cozinhar.

O brilho que havia sumido voltou aos seus olhos de imediato. Ela se

levantou em um pulo e questionou:

— Você tá falando sério?

— Claro!

Nathalie soltou um pequeno gritinho e pulou em meus braços, abraçando-me fortemente. Eu, mais que depressa, retribui o gesto, pois nunca ansiei tanto por um contato como aquele. Talvez eu estivesse mesmo abandonando um pouco a minha rotina por ela, mas não importava. Se fosse para ver o mesmo sorriso que vi há alguns segundos eu faria mais coisas fora do padrão.

Afinal, Nathalie, em poucas semanas, conseguiu tomar um espaço em minha vida que poucas pessoas conseguiram. E já que ela tinha tomado esse espaço, ela merecia toda minha atenção.

E eu lhe daria.



Estava ansiosa. Desde que Ricardo disse que íamos ao restaurante para me ensinar a cozinhar, fiquei saltitante. Trocamos um pequeno abraço na área da porta da sala, que ficou extremamente constrangedor assim que nos afastamos. Eu e meus momentos de rompantes ainda me colocariam em uma fria.

Vim para o meu quarto, e ele foi para o dele. Depois que tomei meu banho, vesti uma calça e uma blusa de manga, pois o clima estava meio frio, depois calcei os meus fiéis tênis. Deixei meus cabelos soltos, mas sabia que assim que chegasse ao restaurante teria que prendê-los.

Fui em direção à porta para esperar Ricardo na sala, e claro que as coincidências sempre aconteciam quando planejávamos algo, pois a porta do seu quarto se abriu no mesmo instante em que a minha, e saímos juntos.

— Pronta? — questionou, mas eu estava muito concentrada nele todo, já que Ricardo escolheu a pior combinação de roupas para me fazer companhia naquele domingo. E quando digo pior, me refiro a ser algo pecaminoso, que fez minha mente parar por um momento de raciocinar. Jeans escuro, com uma blusa branca e uma jaqueta de couro... Tudo isso somado a Ricardo... seria difícil de me concentrar em alguma coisa vendo-o daquele jeito. — Nathalie?

— Sim, pronta — tentei responder sem gaguejar, no entanto, meus olhos ainda ficaram por alguns belos segundos o admirando.

— Vou avisar ao meu pai que estamos saindo. — Vi quando aquele maldito sorriso apareceu em seus lábios.

— Eu vou te esperar lá embaixo. — Apontei para a direção da escada.

Assentindo, ele caminhou em direção ao quarto de seu Giovanni, balançando aqueles quadris que... Ah, Nathalie, para de admirar o homem!

Mas era impossível, por isso, observei até que ele saiu do meu campo de visão... Droga! Aquela mão em meu ombro da noite passada me deixara com ainda mais vontade de tê-lo... Mil vezes droga!

Desci as escadas e fiquei esperando até que Ricardo retornou, sorridente, como sempre. Poderia estar acontecendo uma guerra que ele sempre estaria com um sorriso no rosto, mostrando que várias coisas poderiam ser ruins, mas que daríamos conta de enfrentar.

— Vamos, futura cozinheira? — brincou ao se aproximar de mim.

— Acho que quando você vir o desastre que sou na cozinha, vai perder esse sorrisinho rapidamente.

— Eu sou um mestre da gastronomia, nunca desistiria de te ensinar até você aprender.

Ricardo sabia mesmo deixar alguém encantado por ele, e comigo não era diferente. Todas as vezes que falava algo fofo eu ficava toda boba, e nem precisava ser alguma coisa que remetia a romance.

Assim que ele estacionou o carro, eu demorei alguns segundos para sair, pois observei tudo ao meu redor para ver se não encontrava alguém que eu não desejava ver. Depois de descobrir que os homens de Eric estavam por Rancheiro eu não poderia vacilar; tinha que tomar todo o cuidado do mundo para não ter que voltar para aquele inferno que chamavam de lar.

— Você está segura comigo, pode sair daí — Ricardo falou, assim que percebeu que eu não havia saído por medo. Ele, como sempre um cavalheiro, abriu a porta para mim e estendeu sua mão que peguei prontamente.

— Se eles me acharem... eu... — Não consegui terminar de falar.

Ele segurou meu rosto entre suas mãos e fez com que eu encarasse aqueles olhos tão magníficos que estavam me conquistando cada vez mais. Sabia que por estar sendo tão bem tratada, meu carinho aumentara em proporções gritantes, ainda mais que nunca havia recebido tanta atenção. E a forma como outra pessoa te tratava valia mais do que mil presentes. Ricardo, com toda certeza, era uma pessoa que devíamos apreciar. Não era fácil achar alguém como ele por nosso caminho.

— Eu vou te proteger, Nathalie. Não fica com medo. — Assenti uma única vez, mas não consegui me concentrar muito bem, pois meus olhos foram direcionados para a boca rosada de Ricardo.

Que droga de desejo absurdo foi esse que surgiu em questão de dias?

Com um suspiro ele retirou as mãos do meu rosto lentamente, e, assim, meu foco saiu de seus lábios, indo em direção à sua mão que estava estendida para mim. Peguei-a, e caminhamos para o restaurante.

Entramos pela porta dos fundos, sem fazer muito alarde, e assim que Ricardo trancou a porta, tirou sua jaqueta de couro e foi em direção ao escritório para deixá-la longe da cozinha. Eu, por outro lado, amarrei meu cabelo e coloquei a touca descartável que ficava em um dos recipientes próprios para a higienização do restaurante.

— Pronta?

— Quase me sentindo na primeira prova do masterchef — brinquei ao lavar minhas mãos.

— Eu não sou tão rígido quanto eles, e juro que não vou gritar com você por fazer algo errado e nem falar *tômpero*. Mas tenho que confessar que se der tudo errado, a comida vai demorar pra sair e vamos ficar com fome. — Deu uma leve piscadinha para mim.

— O que vamos fazer?

— Antes, vamos ligar o som, pois você sabe que eu sempre funciono melhor com música.

Ricardo era a pessoa mais animada que eu já havia conhecido. Ele amava que em sua cozinha tocasse música enquanto trabalhava, e isso me alegrava, já que tornava o ambiente um pouco mais acolhedor.

— Pronto! — dizendo isso, ao ligar o dispositivo que acessava sua playlist, ele se aprontou e fez um sinal para eu me aproximar da mesa. — Primeiro de tudo vamos pegar o que precisaremos para fazer nossa refeição.

— E qual seria a nossa refeição de hoje, *chef*?

— Algo muito fácil de fazer, por ser sua primeira tentativa, nhoque de batata com carne.

— Humm, já quero comer. Tem certeza de que você não pode fazer? — tentei fazer a minha melhor cara de cachorrinho pidão. — Até a minha barriga já protestou com vontade.

— Não, senhorita, vamos fazer juntos.

Ricardo foi falando o que iria utilizar na receita, e eu fui auxiliando-o. Assim que as batatas estavam cozidas e descascadas, começamos a preparar a massa do nhoque, que deveria ficar no ponto certo. Fomos jogando o trigo com cuidado para deixá-la consistente, e, quando estava homogênea, Ricardo pediu que eu jogasse a farinha sobre a bancada, para que pudéssemos fazer os pequenos rolinhos.

Com um pequeno descuido, deixei um pouco de farinha cair a mais sobre o mármore.

— Ops! — Sorri, meio sem graça para Ricardo.

— Desastrada — Ricardo comentou ao se aproximar, vestido em seu dólma de *chef*, que o deixava ainda mais atraente. Como dizia a expressão: um belo pedaço de mau caminho.

Ele passou a mão pela farinha, e eu nem percebi o que fazia até que senti

a sua palma passando por meu rosto, deixando-o repleto de trigo.

— Ricardo...!

— Tá uma gracinha agora, Nathalie. — Gargalhou, e eu franzi meu cenho. Iria matá-lo com doses de crueldade.

Ele até tentou se afastar, mas o atingi antes com um punhado de farinha, que pegou em seus cabelos e rosto, fazendo com que eu gargalhasse dessa vez. E foi assim que uma guerra de farinha começou na cozinha de um dos restaurantes mais amados de Rancheiro. Só pensaria na bagunça que teríamos que limpar depois. No momento, a única coisa que importava era atingir o inimigo.

Tentei correr, para não ser atingida novamente, pois eu estava perdendo horrorosamente, mas meus sapatos não me ajudaram, fazendo com que escorregasse. Por sorte Ricardo estava próximo o suficiente para me segurar, senão eu teria me estatelado no chão. Um de seus braços enlaçou minha cintura, prendendo-me ao seu corpo. Eu estava de costas para ele, mas podia sentir muito bem o seu coração retumbando; podia sentir a sua respiração em minha nuca, fazendo os pelos dos meus braços se arrepiarem.

Senti a conexão mesmo que não olhássemos um nos olhos do outro. Senti quando a corrente elétrica nos atingiu e quando o nosso momento se tornou ainda mais único e íntimo. A respiração de Ricardo ficou mais evidente, e ele aproximou sua boca do meu pescoço, dando um leve beijinho na curva próxima à minha orelha, o que me fez respirar mais fundo.

— Não estou conseguindo me controlar — sussurrou no meu ouvido, e minhas pernas perderam as forças. Por sorte ele ainda estava me apertando em seus braços.

— Eu queria que você perdesse o controle, pois nunca teria coragem de tomar a iniciativa — sussurrei de volta, com os olhos fechados pela revelação.

Senti quando seu braço soltou minha cintura, me peguei arrependida, pois pensei que ele ia desistir, no entanto, só fez o gesto para me virar para

ele. E, assim, voltou a enlaçar a minha cintura. Então, cara a cara, pude encarar seus olhos, que estavam cheios de desejo, e o sorrisinho leve em seus lábios, que me deixou com ainda mais vontade de provar aqueles lábios.

— Então tomarei a iniciativa.

E ele realmente tomou. Jurei que seria um beijo simples, mas, assim que seus lábios encostaram nos meus, tudo com o que sempre sonhei aconteceu – meu coração disparou ainda mais, eu senti desejo, vontade de nunca mais desgrudar meus lábios dos dele. Ricardo forçou meu corpo para cima, fazendo com que meu braço entrelaçasse em seu pescoço e minhas pernas fossem parar em volta da sua cintura.

Seu beijo forte, ansioso e desesperado, começou a me deixar descontrolada. Senti quando se aproximou da bancada, colocando-me sobre ela, podendo, assim, usar suas mãos, que passaram por minhas costas colando mais nossos corpos, e nossos lábios não se desgrudaram.

As minhas subiram para seu cabelo, e eu soltei um leve gemido quando Ricardo mordeu meu lábio inferior... Porra! Eu nunca fora beijada assim; na verdade, fora beijada poucas vezes nesses anos, e nenhum deles chegava nem aos pés do beijo de Ricardo.

Sua língua avançou sobre a minha, deixando-me inebriada por aquela sensação de prazer que foi se apossando do meu corpo. Enquanto o nosso contato aumentava e nossas línguas dançavam uma melodia única, só conseguia repetir em minha mente que: *eu queria receber mais beijos assim todos os dias, pois eram perfeitos.*

Suas mãos se prenderam em meu quadril e deram um aperto que me deixou ansiosa por mais, muito mais, do que eu estava recebendo, mas, naquele momento, Ricardo resolveu se afastar.

Olhei em seus olhos e vi somente fogo, puro e desejoso. Tinha certeza de que os meus demonstravam as mesmas coisas. Estava louca por aquele homem e não adiantava esconder, já que a necessidade de prová-lo me perseguia para onde eu ia.

— Acho que preciso me controlar.

— Acho que adorei a sua perda de controle — respondi meio sem ar, enquanto um sorrisinho bobo brincava em meus lábios.

Estávamos sujos de farinha, mas nada estragou nosso momento. Ele se aproximou de mim novamente e, dando-me um leve selinho, disse:

— Podemos continuar depois que terminarmos de preparar o nosso almoço. — E voltou a me beijar de novo. Acho que tanto ele quanto eu não estávamos preparados para cortar esse contato, que, pelo visto, era ansiado por nós dois.

Mas infelizmente tivemos mesmo que terminar o almoço, pois nossos estômagos estavam necessitados por comida. Finalizamos o nosso nhoque com carne, que ficou divinamente maravilhoso.

— Viu? Eu disse que você ia aprender — comentou sobre os meus *zero* dotes culinários.

— Você fez a maioria das coisas, Ricardo.

— Não precisamos entrar nesse detalhe agora — respondeu, sorrindo.

Desviei minha atenção para minhas mãos, meio sem graça pelo que havia ocorrido momentos antes. Não que tivesse sido ruim, mas eu não sabia como me portar com Ricardo agora. Tínhamos compartilhado um momento íntimo demais para duas pessoas que estavam vivendo sob o mesmo teto.

— Vamos ficar estranhos agora? — sussurrei.

— Só se você ficar; eu estou disposto a te beijar muitas vezes mais e não mudar nada com você. Só te fazer feliz.

Eu não precisei ouvir mais nada. Tomando a iniciativa pela primeira vez naquela tarde quando me levantei de minha cadeira e me aproximei dele. Ricardo fez sinal de que ia se levantar-se, mas eu neguei. Sentei-me em seu colo, coloquei meus braços em volta de seu pescoço e aproximei meus lábios

lentamente dos dele.

Assim que fechei meus olhos e senti o contato dos nossos lábios, tudo começou a pegar fogo novamente. Beijar Ricardo foi uma das experiências que eu mais aguardei em toda minha vida – mesmo que não soubesse antes o quanto precisava dela –, e eu não iria perder nenhuma oportunidade de prová-lo quando pudesse. Que a vergonha viesse em outro momento, já que agora eu só queria mais um pouco dos seus lábios sobre os meus.



Girei mais uma vez o fio do meu cabelo em meus dedos e observei o ambiente do restaurante. Meio de semana era sempre mais devagar, com pouca gente. Porém, quando chegava a quinta-feira, tudo ficava um caos. Eu não tinha tempo nem para respirar. Mas amava essa nova fase da minha vida.

Estava adorando todas as experiências que vivenciava a cada dia com uma família que me acolheu tão bem. Já me sentia em casa.

— Tudo bem, *bambina*? — Seu Giovanni questionou assim que se aproximou de mim.

— Tudo ótimo, seu Giovanni, nunca estive melhor. — Sorri ao responder.

E realmente não estava mentindo, nunca estive melhor. Há quatro meses eu vinha vivendo uma experiência incrível ao receber vários beijos roubados, e outros consentidos, de Ricardo. Não sabia como podia estar tão encantada e apaixonada por ele, mas era a verdade. O meu coração palpitava mais rápido quando o via, minha respiração ficava mais descontrolada ao perceber que ele se aproximava.

Quando me beijava... nossa! Aquilo era único. Meu corpo todo perdia suas forças.

Balancei minha cabeça para fugir dos devaneios, afinal, estava no

meu ambiente de trabalho, com meu "sogro" ao lado, me analisando. No entanto eu não conseguia esconder o quanto estava apaixonada, mesmo naquele dia, que Ricardo estava com um humor péssimo. E eu nem sabia o motivo.

— Sabe, Nathalie... Quando você apareceu por aquela porta vestida de noiva eu me desesperei, mas tudo deu certo. Gosto de você, menina, só que não posso deixar de ter medo, pois é a felicidade do meu filho que está em jogo.

Olhei para seu Giovanni e sorri compadecida. Eu o entendia. Mesmo estando há alguns meses com eles, ainda não tinha sua total confiança, e ele era o pai coruja que amava o filho com todas as forças... Nem todos eram como o meu, que vendera a própria filha ao diabo.

— Sei que ainda não mereço sua total confiança, mas eu juro, seu Giovanni, que só quero o bem do Ricardo. — Respirei profundamente e continuei: — Ele é muito importante para mim.

— Eu sei. — Colocou uma de suas mãos rechonchudas em meu ombro e disse: — Vá conversar com ele. Hoje não é um dia bom. Espero que desabafe com você.

— Como assim? — questionei sem entender.

— Só vá lá ao escritório e tente fazer com que ele fale, sei que ainda sente muito a data de hoje.

Com o cenho franzido, assenti. Mesmo sem entender nada, afastei-me de Giovanni e fui em direção à cozinha. Ao passar pela porta vai e vem, vi Eva passando algumas ordens para os funcionários e sabia que se ela estava mandando ali, Ricardo não queria contato com nada.

No entanto, se ele precisava desabafar, eu iria tirá-lo de seu casulo para falar comigo. Aproximei-me da porta do escritório e dei duas batidinhas.

— Pode entrar. — Ouvi sua voz baixa, abri a porta lentamente e

coloquei a cabeça no vão de acesso.

— Oi! — disse, abrindo um leve sorriso para ele.

Desde quando conheci Ricardo, percebi que ele era o cara mais feliz do mundo. Seus olhos transpareciam felicidade, ele sorria por tudo, nunca deixava nada abalar seu humor. Mas naquele dia ele amanheceu para baixo, e eu percebi isso também, pois já sabia ler todas as suas expressões. Mal me deu bom dia, trocou um leve sorriso comigo e depois não falou mais nada. Nem o meu beijo caloroso, que recebia todas as manhãs desde que começamos a ficar juntos, ganhei.

Pensei que ele só tinha acordado mal humorado, no entanto, depois de seu pai me dizer que não era um dia bom, já sabia que as coisas estavam piores do que eu imaginava.

Por isso, quando ele voltou a se concentrar nos papéis que estavam dispostos sobre a mesa, eu entrei e fechei a porta do escritório. Caminhei lentamente para perto dele e me abaixei para ficar da sua altura.

— Tudo bem? — questionei assim que coloquei a mão em sua bochecha para trazer seu olhar em direção ao meu.

— Quero ficar sozinho hoje, amor — respondeu, encarando meus olhos. Eu via a dor neles, e mesmo assim ele não queria desabafar.

— Ricardo, conversa comigo, estou aqui por você.

— Não quero conversar, Nathalie. Quero ficar sozinho. É muito difícil entender isso?

Suas palavras duras fizeram com que eu sentisse como se tivesse levado um soco bem no meio do rosto. Eu sabia que todos tinham seus momentos de isolamento, mas Ricardo nunca havia falado assim comigo.

Afastei minha mão de seu rosto e levantei-me. Percebi que ele tentou se redimir com alguma fala, porém o cortei com um gesto da mesma mão que estivera em sua pele segundos atrás. Eu preferia mesmo me manter afastada a

ser tratada mal por Ricardo; antes que isso estragasse o nosso começo de relacionamento.

Caminhei para a porta do escritório, só que antes de alcançar a maçaneta senti o aperto em meu braço impedindo-me de avançar. Voltei-me em sua direção e o que vi acabou comigo. Ricardo estava totalmente derrotado, os olhos cheios de lágrimas que teimavam em não cair.

— Desculpa, Nathalie. Por isso eu queria ficar sozinho. Não quero magoar ninguém que gosto com meu péssimo humor.

— Você não me magoou, só prefiro me afastar para não estragar nada entre a gente, mas quero que saiba que vou estar aqui para quando precisar, Ricardo, porque quando eu precisei você estava lá por mim.

Vi quando ele assentiu, só que ao invés de liberar meu braço para que eu saísse, ele me puxou e abraçou minha cintura, colocando a cabeça em meu ombro. E naquele momento ele se abriu comigo.

— Hoje completa mais um ano que minha mãe se foi, e tudo se repete em minha mente... Quando a perdi, a minha mudança para este país... Depois conheci uma mulher que eu jurava ser o amor da minha vida, mas que também me deixou... — Apertou seus braços em volta do meu corpo e continuou: — Primeiro minha mãe se matou, me fazendo perder a pessoa que mais amava nesse mundo. E depois Janaina foi assassinada. Eu a amava, Nathalie. Então, no dia de hoje, em que eu sinto ainda muita falta da minha mãe, tudo vem à minha mente. Eu fico mal e com medo, pois mais uma vez estou me sentindo feliz, estou amando uma pessoa, e eu sei que você corre perigo. Estou tentando ao máximo pensar em alguma solução para não te perder também.

Afastou-se de mim no momento em que as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto. Eu sabia o que era se sentir assim. Também me despedaçava no aniversário da morte de minha mãe. Coloquei novamente minha mão em sua bochecha, secando as lágrimas que caíam por ela. Meu príncipe estava sofrendo, e eu precisava ajudá-lo a passar por esse dia.

— Eu estou apaixonado por você, Nathalie, e não vou deixar que nada

te aconteça, mas eu tenho medo, você me entende? — sua revelação não era uma surpresa para mim, já que eu sentia o mesmo por ele.

— Entendo, pois eu me sinto inteiramente igual a você — tentei passar toda confiança que ele precisava naquele momento. — Sei que você se sente melhor sozinho, só que seria mais adequado se passássemos juntos para que esse dia seja menos doloroso, meu amor. Me deixa cuidar de você, já que cuidou tão bem de mim quando mais precisei.

Encarei aqueles olhos fascinantes, que estavam me conquistando cada dia mais. Eu me apaixonei tão rápido por ele que parecia até mentira, mas era impossível não amar Ricardo. Ele era bom demais, carinhoso demais, cuidadoso demais... eram muitos "demais" para que ele não entrasse na minha lista de pessoas que eu poderia amar. E... droga, nela só tinha minha falecida mãe e agora ele.

— Tudo bem, mas acho que não tenho condições de ficar aqui. Vamos para casa? — Ricardo perguntou, e eu gostei de sua atitude. Se ele se sentia melhor para desabafar em outro lugar, então, iríamos para onde ele quisesse.

— Vamos!

Assim que saímos do restaurante, olhei para todos os lados, porque eu sentia que ainda estava sendo perseguida pelos homens de Eric. Eles podiam estar escondidos para me pegar o mais desprevenida possível.

Só que, naquele momento, o que mais importava era Ricardo se sentir melhor, então, parei com minhas neuras e partimos para casa.

Assim que chegamos, sentei-me no sofá, e Ricardo sentou-se ao meu lado. Colocou os cotovelos apoiados em suas pernas e as mãos no rosto. Percebi que estava tomando coragem para falar algo, e eu deixei que ele se abrisse em seu tempo.

— Eu tinha dezesseis anos quando cheguei em casa e encontrei dona Antonella morta. Sei que você conhece a dor de ver sua mãe morta à sua frente, por isso, não preciso descrever o que senti naquele dia. Ela era a

pessoa mais especial da minha vida... Caralho! Amo meu pai, mas minha mãe. Porra! Ela era meu anjo, a pessoa em que eu confiava e a que mais me decepcionou, pois desistiu de tudo, até de mim. Eu a entendo, a depressão é algo difícil de lidar, e eu nem sei como a dela começou, sabe, Nathalie?! Lembro que minha *nonna* morreu e sabemos que esse foi o motivo, mas nem percebi quando ela se entregou pra essa doença que a consumiu. No começo eu a culpei por anos, por ter me deixado... Era minha mãe, que tomou todos os remédios pela frente e se matou. Só que sempre quis demonstrar que era forte, então, na frente das pessoas eu sempre sorria, mas por dentro estava quebrado. — Tirou sua cabeça das mãos e encarou meus olhos. — Meu pai parecia cada vez mais triste e foi quando eu decidi fazer a proposta para procurarmos novos ares e virmos pra cá, e foi quando tudo começou a melhorar um pouco. E aí, algum tempo depois, quando já morava aqui, eu conheci Janaina. Me apaixonei muito fácil por ela, mas ela também estava fugindo de um abusador e a encontramos morta, depois de um espancamento. Algum tempo depois um investigador particular que eu tinha contratado encontrou o assassino, e ele foi preso. Isso já tem cinco anos e desde então eu fiz uma promessa de que sempre que encontrasse alguma mulher que precisava fugir de um abusador, eu ajudaria. Então, isso tudo toma a minha mente, Nathalie... Aí você apareceu... Era tudo que eu procurava há anos, foi tomando espaço na minha vida e agora não me vejo mais sem você. Eu estou com instintos assassinos... Quem tentar se aproximar de você terá que se ver comigo.

Ao ouvir suas palavras me aproximei dele. Sentia-me devastada com tudo o que me contara. Sua vida era tão assustadora quanto a minha, no entanto, não poderia deixá-lo correr perigo, por isso, disse.

— Você não pode se colocar em risco por mim.

— Isso não é você quem tem que decidir, sou eu.

— Ricardo... — Ele colocou o dedo em minha boca, pedindo silêncio. Com seu outro braço, enlaçou minha cintura levando-me direto para seu colo.

— Nathalie, você se tornou minha prioridade, então pode até não querer, mas eu me colocaria em risco a qualquer momento para te proteger.

— Se meu coração já não fosse totalmente daquele homem à minha frente, eu o teria entregado naquele momento.

Mesmo que tivéssemos dito nossos sentimentos anteriormente no restaurante, ainda faltava aquela palavra com a qual todos expressavam o maior sentimento. E eu soube naquele momento que era a hora de falar, de revelar ao mundo e principalmente ao homem à minha frente o amor que eu tinha dentro do peito por ele.

Antes de pronunciar, senti como se fôssemos transportados para outra dimensão. Por minha visão periférica, enxergava tudo do mesmo modo, mas era como se naquele momento existisse só Ricardo e eu no mundo.

— Te amo, Ricardo! — sussurrei, pois tinha medo de falar mais alto, e o nosso momento ser quebrado.

Vi quando aquela expressão de tristeza que anuviava seus olhos deu lugar para um brilho diferente que eu nunca tinha vislumbrado, foi algo mágico. Algo que me fez sentir a mulher mais especial do mundo. A mulher que aquele homem amava.

— Você, mesmo sem querer, foi a pessoa que me salvou da tristeza que eu sempre escondi, Nathalie. Chegou com seu jeitinho doce e misterioso e tomou todo o meu coração para você. Te amo, Nathalie! — respondeu, transbordando amor por seus olhos. Aquele homem estava fazendo da minha vida a mais perfeita em pouco tempo.

A boca de Ricardo colou-se à minha com brusquidão, e mesmo que eu quisesse afastá-lo para falar que não podia fugir de seu momento de sofrimento com beijos, não pude, pois era como se eu precisasse tanto daquele beijo quanto ele.

Sua língua avançou para dentro da minha boca, juntou-se à minha em um movimento de urgência. Era isso que eu queria; suas mãos foram para minhas costas, apertando-me junto ao seu corpo.

Seus dentes grudaram em meu lábio inferior dando uma mordida que

me fez gemer, mas não era de dor, era um desejo que eu sentia crescendo por meu corpo... prazer!

As mãos cálidas de Ricardo entraram por baixo da minha blusa, passando por minhas costas e fazendo-me arrepiar; chegaram ao fecho do meu sutiã, e ele se afastou do meu beijo para pedir permissão. Assim que assenti, ele o abriu e arrancou minha blusa rapidamente, deixando-me com os seios à mostra.

Senti um pouco de vergonha, mas nada que não passasse rapidamente, pois a visão de adoração de Ricardo me deixou quente, sem que eu soubesse o motivo. Na verdade eu sabia muito bem, era puro tesão. Eu estava louca por aquele homem.

Assim que sua boca foi parar no meu mamilo esquerdo, sugando-o, mordendo com força, eu gritei. Isso era mais do que eu esperava. Droga! E eu nem sabia que ansiava tanto por esse contato. Mas nosso momento foi interrompido assim que escutamos toques na porta da frente.

— Não acredito! — sussurrou, olhando para mim.

— Ricardo, seu pai me disse que está em casa. Não vou deixar que fique se martirizando aí dentro. — Ouvimos a voz de Emanuel. Com um suspiro, Ricardo me tirou do seu colo, mas, antes de se afastar, me ajudou a vestir a blusa e disse:

— Desculpa por essa interrupção. Em outro momento voltaremos de onde paramos. Nem comecei a fazer tudo o que quero com você. — Sorriu, ainda meio tristonho, mas já melhor do que antes.

Sorri para ele, concordando que continuaríamos mesmo, pois eu estava querendo viver mais uma experiência com Ricardo, então, precisava que fizesse tudo o que tinha em mente comigo.

Eu queria tudo de Ricardo, até lhe pertencer. Na verdade, eu já era dele, agora só faltava ser por completo.



Capítulo 13

Ricardo

Eu iria matar uma pessoa; sentia que iria. Meu dia havia começado tão ruim que pensei que não melhoraria, mas como um anjo que surgiu na minha vida Nathalie fez algo que me deixou bem melhor depois do desabafo. Ela falou que me amava. Não que eu não soubesse, já que seus gestos correspondiam aos meus.

Só que ela me meu ouviu, sem julgamentos, e tudo ficou mais aceitável para aquele dia que me machucava muito. Quando a vi, olhando-me como se eu fosse a pessoa que mais importava para ela, não me contive. Eu a estava desejando há algum tempo e foi a oportunidade que precisava para apreciá-la. No entanto, o meu querido amigo escolheu aquela maldita hora para aparecer na minha casa.

Nathalie havia subido para o quarto, e eu ainda estava encarando Emanuel, que fingia que nada tinha acontecido, porém eu sabia que a minha expressão demonstrava fúria, ódio, vontade de cometer um assassinato. Poderia matá-lo, com doses de crueldade.

— Não me olhe assim, não sabia que estava atrapalhando algo. Jurei que ia te encontrar deprimido e vim te fazer companhia. — Sorriu em escárnio, e eu queria socá-lo.

— Você nunca se lembra da data de falecimento da minha mãe, porque lembrou agora? — perguntei em um azedume total.

— Seu pai me ligou e disse que você estava aqui com a Nathalie, resolvi fazer companhia. — Respirou e continuou: — Desculpa ser um péssimo amigo, nunca me lembro das datas importantes na sua vida.

— Tudo bem, mas podia ter deixado para aparecer em outro momento. — Bufeí, sentando-me no sofá.

— Como está se sentindo? — Emanuel questionou, e eu resolvi deixar a máscara de pessoa forte de novo cair por terra.

— É sempre difícil me lembrar dela no chão, fria e com os olhos vítreos — comentei ao mesmo tempo em que olhei para o quadro onde havia a foto de minha mãe, tão diferente de quando a encontrei morta.

— Sinto muito, cara. Não sei o que é sentir isso, mas quero que saiba que sempre estou aqui, mesmo que algumas coisas que eu digo te chateiem.

— Eu sei. — Respirei fundo e me mantive em silêncio até que Emanuel comentou:

— Hoje vai ter uma festa na Hype, não está a fim de ir? Talvez assim você se anime, e as garotas vão estar lá. — Meu amigo sorriu ao dizer a última parte. Eu até gostei da ideia de ir a uma festa na Hype, a pequena boate da região de Rancheiro, pois assim talvez eu me dispersasse um pouco, no entanto, nunca deixaria Nathalie em casa para curtir uma farra.

— Se eu for, levarei Nathalie.

— Claro, a boa *samaritana*. — A ênfase na palavra só me confirmava ainda mais que ele não gostava muito dela. Só que Emanuel podia ser meu amigo, mas seus problemas com ela já estavam me cansando.

— Se você continuar tratando-a mal vou ter que me afastar. Ela agora faz parte da minha vida, queira você ou não. — Levantei-me do sofá e apontei para a porta. — Se eu for à boate, te mando uma mensagem. Agora pode ir, pois vou passar o resto do meu dia com Nathalie.

— Você está afastando suas amizades por causa de um

relacionamento, Ricardo — Emanuel comentou, indignado.

— Não é por causa de um relacionamento. Estou te mandando ir embora, por você não aceitar as minhas escolhas. Não tenho dez anos, tenho mais de trinta, e sei quando uma pessoa faz mal a mim. No momento, a Nathalie só me faz bem.

Ele negou com a cabeça, mas não disse nada. Eu não entendia essa possessão comigo, parecia que mandava em mim.

Assim que vi meu *amigo* – já que eu não acreditava mais naquela amizade – sair e fechar a porta, ouvi os passos na escada. Olhei para trás e lá estava ela, com a expressão triste, e eu sabia que tinha ouvido a merda da conversa.

— Não quero que você se afaste de seus amigos, Ricardo.

Assim que ela desceu o último degrau me aproximei, enlacei sua cintura com meus braços e respondi:

— Não é nada disso. Ele está querendo controlar a minha vida, sempre foi assim. Antes eu levava na boa, só que agora você é mais importante. Entendeu? — Mesmo sem querer, ela assentiu e sorriu cabisbaixa. — Quer ir à festa? — Não precisava repetir sobre o quê me referia, pois sabia que seu lado curioso a tinha feito escutar toda a conversa.

— Nunca fui a uma boate. Mas não sei se é uma boa ideia, pois seu amigo não gosta muito de mim e ainda estou sendo perseguida...

— Ei! — cortei-a, fazendo com que me olhasse com repreensão. — Se você quiser, a gente vai. Quero que conheça tudo que perdeu até o momento. A boate é barulhenta, não é meu ambiente preferido, mas eu iria com você tranquilamente. Além do mais, o local é público, e o Emanuel não manda em nada. Sem contar que estarei lá para te proteger. O que acha?

— Se não é seu ambiente preferido, não precisamos ir.

— Mas por você eu vou.

Abrindo um sorriso, Nathalie entrelaçou seus braços em meu pescoço e aproximou seus lábios dos meus. Eu amava a forma como estávamos íntimos um do outro, ao menos naquele contato. Parecíamos dois ímãs. Se estivéssemos próximos, precisávamos ao menos de um beijo para que nossa conexão ficasse completa.

Assim que nossos lábios se tocaram, eu senti mais uma vez aquela corrente inexplicável percorrer meu corpo. O desejo aumentou, e a minha vontade de encostá-la a uma parede e fazer o que eu sabia de melhor gritava, porém, deveria ir com calma, para não assustá-la, e por isso tive que parar o nosso contato.

Um contato perfeito, onde minha boca sugava sua língua e minha mão descia para a sua bunda. Eu realmente precisava me controlar.

— Precisamos ir com calma — sussurrei em seu ouvido ao me afastar.

— Não foi isso que você me prometeu há alguns minutos. — Diabólica. Foi isso que pensei do anjo que entrara em minha vida há alguns meses. Naquele momento, ela era a perversão em pessoa.

— E eu irei cumprir, mas não agora. — Tentei mudar o foco de nossa conversa para algo menos excitante, já que uma parte do meu corpo estava muito tentada a cumprir a promessa. — Quer comprar alguma coisa para vestir. Não sei se em nossa última ida ao shopping você comprou algo pra ir à boate.

— Não precisa, tem uma calça e uma blusa que nunca usei, vou colocá-las.

Nathalie respondeu radiante. Eu não sabia o motivo, mas vê-la sorrir era um dos meus objetivos de cada dia, já que aquele sorriso deveria ser visto por todos. Não a garota amedrontada de meses atrás, muito menos a que chorou em meus braços quando me contou sua história.

Nathalie era linda e precisava ser cuidada como uma joia rara. Era isso que ela era: um pequeno diamante que foi mal lapidado por uma família

ruim.

— Você fica perfeita de qualquer jeito.

— Obrigada! — No entanto o sorriso morreu alguns segundos depois de agradecer. Logo mordeu seus lábios e continuou: — Ricardo, eu não quero mais calma. Entendo seus motivos, você é um cavalheiro, mas quero você.

Vi suas bochechas corarem, o medo em seus olhos, mas, ao mesmo tempo, um desejo extremamente grande.

Droga! A quem eu estava querendo enganar? Eu a queria tanto que chegava a doer, e saber que ela também me queria... Porra! Mudava completamente as coisas.

Aproximei-me dela, que havia se afastado após sua confissão, olhei em seus olhos e o desejo ainda continuava lá.

— Eu queria ir com mais calma, você é delicada...

— Mas posso aguentar. — Passou seu dedo indicador em meu peito, de forma inconsciente, e, ao levantar seus olhos novamente para os meus, eu vi que a minha batalha estava perdida.

— Não quero te machucar. Se eu for bruto demais, você precisa me falar. Tudo bem? — Precisava da sua confirmação. Eu só daria esse passo se tivesse certeza do que ela queria, afinal, eu sabia que ela era virgem, e isso mudava tudo.

Assentiu uma vez, e vi que engoliu em seco.

— Tem certeza? — perguntei uma última vez.

— A maior certeza da minha vida. — respondeu sorrindo.

E foi assim, mesmo com medo de deixá-la apavorada, que tomei minha decisão. Peguei ela em meu colo, o que fez com que Nathalie soltasse um pequeno gritinho de surpresa. Comecei a subir as escadas com cuidado, enquanto olhava em seus olhos, tentando passar todo tipo de confiança que

pudesse.

— A gente vai cair — sussurrou sem desgrudar os olhos dos meus.

— Se vamos compartilhar o que tanto desejamos, eu preciso que confie em mim. Nunca te deixaria cair.

Quando cheguei ao corredor que levava aos nossos quartos, direcionei-me para o meu. Vi quando Nathalie ficou meio confusa, mas não me perguntou nada.

Depois de fechar a porta, deitei-a cuidadosamente em minha cama e, antes de fazer companhia a ela, liguei o som, para deixar o ambiente mais agradável. Assim que o toque suave e a voz melodiosa de *When Time Doesn't Heal* de Allen & Lande nos embalou, eu me deitei sobre ela, tomando todo o cuidado para apoiar meus braços às laterais de seu corpo para não sobrecarregá-la com meu peso.

Sem dizer nada, somente encarando seus olhos, aproximei meus lábios dos dela e voltei a brincar com eles, de forma mais forte e rápida. Logo nosso beijo se tornou voraz. Nathalie passava as mãos por minhas costas, enquanto eu apertava sua cintura com minhas mãos.

Quando ela puxou minha camisa, eu ajudei com precisão para tirar o pedaço de pano que me impedia de sentir seu toque. Vi quando seus olhos passearam por meu peito, então, sorrindo de canto, puxei-a para ficar sentada na cama.

Segurei a barra de sua blusa, arrancando-a em seguida. O sutiã cor de rosa que tinha tirado há alguns minutos voltara para o mesmo lugar, e eu realmente comecei a odiar aquela peça que me impedia de ver seus seios lindos.

Retirei aquela peça infernal e quase arfei... Os seios pequenos com os mamilos rosados estavam ainda mais encantadores do que da última vez. Não resisti e empurrei Nathalie para deitá-la novamente, logo abocanhando seu mamilo. Não tinha como ser cuidadoso nesse momento, por isso, suguei com força, fome, desejo. Eu a queria pra mim.

Quando o primeiro gemido foi liberado pela boca de Nathalie, sorri, porém, queria mais... Não só gemidos, queria gritos, queria que o meu condomínio inteiro escutasse o que estávamos fazendo, para saberem que ela era minha por completo. *Minha!*

Fui descendo minha boca por sua barriga, e mesmo que ela quisesse conter seus gemidos não conseguiu quando cheguei com meus lábios até o botão de sua calça.

Afastei-me um pouco e olhei seu rosto; suas bochechas estavam coradas, os cabelos, meios desgrehados, e eu nem havia começado a fazer o que pretendia. Lentamente puxei o jeans que me impedia de ver aquelas lindas pernas. Não perdi muito tempo no processo, logo passando para a calcinha, e foi aí que deixei meus olhos admirarem aquela beleza, com a calma que ela precisava ser adorada.

Tinha certeza que estava vendo uma obra de arte raríssima. Nathalie tinha a pele tão macia que tive até medo de continuar tocando-a. Era uma preciosidade a ser contemplada, cuidada e usada da melhor forma, sem que a machucasse ou fosse bruto.

— Ricardo, eu quero mais — sussurrou, ofegante, quando percebeu que eu não me movi mais, mas ela não entendia que eu estava testemunhando a criação divina.

— E eu vou te dar tudo o que quer. — Assim, tomei a decisão de que não podia mais perder o tempo para torná-la minha.

E foi com isso que abri suas pernas e levei minha boca à parte que ela mais desejava. Chupei seu clitóris enquanto colocava um dedo em sua entrada. Ela estava completamente molhada, o que me deixou totalmente maluco. Tentei ir com calma, pois a sua virgindade impedia de eu deixar todo o fogo que me consumia tomar conta do meu corpo.

Quanto mais a chupava, mais ia ficando fora de controle, o que estava me deixando apreensivo. Por isso, diminui meu ritmo, indo com mais calma até que senti Nathalie gozar em minha boca e dedos. Seu grito foi alto, o que me fez sorrir. *Deliciosa!*

Enquanto ela recuperava seu fôlego, retirei minha calça juntamente com a cueca. Seus olhos azuis observavam todos os meus movimentos. Mas hoje eles eram minha perdição, pois a excitação que vi em ambos terminou de me enlouquecer.

Peguei um preservativo na mesinha próxima à cama e voltei para perto da garota mais linda que já vi.

— Se sentir muita dor me fala.

— Ok! Só me faz sentir aquilo de novo.

— O quê? — perguntei enquanto me posicionava entre suas pernas e começava a avançar dentro de seu corpo. Ela era apertada demais. *Putá que pariu!*

— Me faz gozar de novo — sussurrou e fechou os olhos, comprimindo-os, quando comecei a entrar nela.

Um gemido de dor escapou de seus lábios, e eu me amaldiçoei por estar proporcionando aquilo a ela.

— Se você quiser que eu pare... — Lógico que o meu tesão gritava que não, mas não podia fazê-la sentir tanta dor.

— Eu sei que vai passar — gemeu.

Assim que me vi completo dentro dela, comecei a me movimentar lentamente, enquanto Nathalie ainda fazia expressões de dor. Abaixei-me, deixando nossos corpos colados, continuando os movimentos leves, cheguei minha boca perto do seu ouvido e comecei a sussurrar.

— Você é especial demais para mim... Eu soube, a partir do momento em que entrou na minha vida, que ia mudá-la completamente, e estava certo, mudou para melhor. — Suas mãos foram parar em minhas costas, e suas unhas se enterraram nela. — Eu te amo. — Tinha convicção de que a amava, ela era o meu destino.

Levei meus dedos ao seu clitóris para massageá-lo e deixá-la mais

molhada para que a dor passasse. Depois de mais algumas palavras carinhosas, ela foi se entregando mais até que nossos corpos involuntariamente começaram a se mover sozinhos, rápidos, fortes, necessitados, desesperados pelo outro, procurando o orgasmo que estava próximo.

Eu chupei seus mamilos enquanto enterrava-me fundo nela, e sinceramente aquilo era o paraíso que sempre procurei. Quando Nathalie gozou novamente, ela mordeu meu ombro para conter o grito que saiu dos seus pulmões. E isso foi o que precisei para liberar-me por completo dentro dela.

Caí exausto ao seu lado, puxando-a para o meu peito, mas logo ela levantou a cabeça e olhou em meus olhos. Eles estavam lacrimejando, e eu temi tê-la a machucado.

— O que aconteceu? — sussurrei, meio desesperado.

— Nada, foi maravilhoso, completamente perfeito. — Quando as lágrimas escorreram por seu rosto, ela falou novamente. — Eu tô tão apaixonada por você, Ricardo. Nunca pensei que poderia amar alguém dessa forma.

Abri um sorriso enquanto levava minha mão à sua bochecha.

— Me sinto da mesma forma, parece até mentira.

— Espero que não seja, pois não sei se suportaria.

— Eu não suportaria. Seu caminho estava destinado a mim, então, sei que era para acontecer exatamente o que aconteceu. E vou aproveitar tudo com você, seremos felizes — abri meu coração, extasiado pelo que tínhamos feito.

Com isso, nos beijamos e eu sabia que agora não tinha volta, ela era minha e eu mataria qualquer um que tentasse lhe fazer mal.



Capítulo 14

Nathalie

Não parecia ser real, e ele também estava sentindo o mesmo que eu. Sabia que não era mentira, já que Ricardo tinha a leve mania de ser verdadeiro demais; seus olhos demonstravam isso com uma clareza irreal.

Eu estava me olhando no espelho já havia mais ou menos uns dez minutos, pois não tinha terminado de me arrumar para descer. Depois do nosso momento romântico, tomei banho com Ricardo e voltei para o meu quarto para me preparar e ir à boate.

Ele já havia descido e me esperava na sala, só que a insegurança não deixou de dar o ar de sua graça. Sempre acreditei que nunca encontraria alguém especial, e depois de isso acontecer, sentia que tudo podia ser destruído em um piscar de olhos. E querendo ou não, eu sabia que isso era possível, mesmo que Ricardo promettesse milhares de vezes que estaria lá para me proteger, eu sabia que às vezes era meio impossível ir contra criminosos alemães.

Fechei meus olhos e respirei fundo, uma, duas, três vezes... Até que os abri, sentindo que me acalmava do meu pequeno devaneio.

Olhei mais uma vez para meu visual, e não estava nada mal. Usava uma blusa colada branca, uma calça skinny preta e uma bota da mesma cor de cano curto. Os cabelos longos soltos davam um charme ainda melhor. Sentia-me pronta para encarar o homem que ganhara o meu coração em questão de pouco tempo.

Saí do quarto e caminhei em direção à sala. Chegando às escadas, vislumbrei Ricardo me esperando no final dos degraus, o que me fez sorrir. Assim que cheguei próxima a ele, estendi a minha mão, na qual ele depositou um beijo casto.

— Estamos repetindo a cena de Titanic? — questionei ao ter a cintura enlaçada por ele.

— Ah, até que poderia ser se tivesse final feliz para o casal, então, prefiro pensar que protagonizamos uma cena da nossa vida que será melhor a cada dia, já que estamos juntos, meu amor.

Se eu não estivesse tão apaixonada, com toda a certeza acharia um pouco brega o que foi me dito, mas eu estava amando Ricardo, e as coisas fofas que ele falava me deixavam ainda mais encantada por ele.

— Você já me conquistou, não precisa me falar essas palavras bonitas — brinquei com ele, enquanto colocava meus braços em volta do seu pescoço.

— Não falava só para te conquistar, e, sim, porque você merece. — E mais uma vez meu coração deu uma cambalhota devido às palavras daquele homem que sabia ser tão bom em tudo o que fazia.

— Onde pensam que vão? — Seu Giovanni perguntou assim que abriu a porta de entrada que dava a sala.

— *Papà*, vou levar Nathalie à boate. — Soltando minha cintura, Ricardo se encaminhou para perto do pai e o beijou na testa.

Seu Giovanni, por outro lado, o olhou espantado, já que, pelo que eu tinha entendido, naquele dia Ricardo ficava sempre para baixo, mas seu humor havia melhorado muito desde que voltáramos para casa.

— Aproveitem — foi a única coisa que ele disse ao se afastar do filho. Então, veio em direção à escada, à qual eu ainda estava próxima. Passando por mim, sussurrou: — Obrigado!

Com um leve sorriso, ele fez como Ricardo e beijou minha testa. Fiquei um pouco atordoada por sua demonstração de afeto, afinal, havíamos nos tornado mais próximos, no entanto não tínhamos aquela intimidade. Porém, mesmo que tivesse sido pega de surpresa, gostei do afeto recebido.

— Vamos? — Assenti uma vez e peguei sua mão, caminhando para fora, indo em direção ao seu carro.

Partimos para a boate, que não ficava tão longe da casa de Ricardo. Ao chegarmos, ele estacionou o carro um pouco distante da boate, e mesmo ao longe dava para escutar alguns resquícios das batidas das músicas.

Saímos do carro, e Ricardo fez questão de segurar minha mão, mas, antes de andarmos, ele disse.

— Quero saber de uma coisa. — Olhei em seus olhos e pela primeira vez desde que o conheci presenciei nervosismo neles.

— Tudo bem, pergunta — tentei incentivá-lo.

— Nathalie... Bom... Se você não aceitar eu vou entender. — Franzi meu cenho sem saber o que ele queria dizer. Levantei uma de minhas sobrancelhas e esperei que dissesse. — Você aceita namorar comigo?

Tenho certeza de que o choque foi perceptível em meu rosto, só que não era por eu não querer e, sim, por não imaginar que aquilo podia estar acontecendo. Encarei Ricardo por um tempo e não respondi nada.

— Entendo se você não quiser, poxa... Sou um idiota.

Consegui sair do meu momento letárgico e abri um leve sorriso, em seguida, deixei as palavras saírem por meus lábios.

— Aceito, é tudo o que mais quero. — A névoa de preocupação sumiu dos olhos lindos daquele homem perfeito e, aproximando-se de mim, ele enlaçou minha cintura e colou nossos lábios. Eu o amava, e aquele momento não tinha como ser selado de forma melhor.

Assim que nos afastamos, Ricardo voltou a tomar a iniciativa,

pegando minha mão e nos levando em direção à boate. Estava completamente ansiosa, pois a última festa que fui foi um aniversário infantil – na casa de uma amiga da minha mãe –, e minha mãe ainda estava viva. Então, eu já não sabia o que era socializar em algo do tipo há muitos anos, mesmo que a boate não tivesse nada a ver com um ambiente familiar de um aniversário infantil.

Entramos no local abafado, que possuía uma música alta demais para o meu gosto. Acho que a vontade de conhecer a tal boate se dissipou assim que percebi como era barulhenta, com gente que bebia um pouco demais, e a melodia ainda não me agradava. Nós nos aproximamos de uma rodinha de pessoas, onde percebi que Emanuel estava, por isso entendi que ali era o lugar que ficaríamos.

— Oi, pessoal — Ricardo chegou cumprimentando, o que fez todos da rodinha direcionarem o olhar para mim. Alguns de curiosidade, e outros de puro nojo. Nesse caso se tratava de Emanuel e da outra mulher que não conhecia. — Essa é Nathalie, minha namorada.

Assim que Ricardo revelou o nosso rótulo, Emanuel fechou ainda mais a expressão, e a mulher se afastou da mesa sem nem ao menos nos direcionar mais um olhar. Os outros que estavam por perto nos parabenizaram e foram educados comigo, o que gostei.

— De onde você é, Nathalie? Rancheiro não é tão grande para que eu nunca tenha te visto por esses lados — Eduarda, umas das amigas de Ricardo, perguntou.

— Sou de São Paulo — menti descaradamente, no entanto, eu nunca diria de onde vim, já que isso poderia chegar até os ouvidos de Eric, o que colocaria o homem que estava ao meu lado em risco.

Trocamos amenidades, enquanto os amigos de Ricardo queriam saber um pouco mais sobre mim. Conversamos por longos minutos. Ricardo, buscou bebidas para nós o que achei ótimo, já que estava com sede. Mas algum tempo foi passando, e eu não estava mais gostando daquele lugar.

Estava escuro demais, com luzes que me deixavam tonta, um lugar perfeito para os capangas de Eric se esconderem, além de eu estar me

sentindo um peixe fora d'água com aquelas pessoas que sempre viveram soltas, e eu a presa que nunca sabia nada da atualidade.

— Você está se sentindo bem? — Ricardo sussurrou no meu ouvido.

— Não muito, não era o que eu pensava — respondi, tomando mais um pouco do suco que Ricardo havia comprado para mim.

— Quer ir embora? — Virou-me em seus braços para que meus olhos ficassem direcionados aos dele.

— Se você não se importar, quero. Desculpa? — pedi por último, pois estava me sentindo culpada por tê-lo feito sair de casa e agora ficar tão pouco tempo no lugar e querer ir embora.

— Não tem que pedir desculpas, vou ao banheiro e a gente vai, tudo bem? — perguntou, olhando em meus olhos e afagando meu rosto com uma de suas mãos.

— Tá!

Ele se afastou, e eu fiquei o observando até que sumiu das minhas vistas.

— Onde Ricardo foi? — Emanuel, pela primeira vez na noite, direcionou a sua fala para mim.

— Ao banheiro — respondi meio acanhada, já que não sentia confiança nenhuma naquele homem à minha frente.

— Olha garota, vou dizer uma coisa para você e espero que fique claro. — Ele se aproximou de mim e segurou meu braço de forma rude. — Desejo muito que você não faça meu amigo sofrer. Eu lembro o quanto Ricardo sofreu pela Janaina, e você apareceu da mesma forma. Então, que fique claro, se fizer algo com ele terá que se ver comigo. — comentou próximo demais do meu rosto, senti o cheiro de álcool saindo de sua boca e ele apertou seus dedos em meu braço.

— Me larga, você não é ninguém para falar comigo assim. —

comentei, enfrentando o homem que tinha o dobro do meu tamanho.

— Farei muito pior se você prejudicar Ricardo. — Sabia que ele era um idiota, já tinha tirado essa própria conclusão, mas ele estava certo, eu iria machucar Ricardo mais cedo ou mais tarde.

— Emanuel, larga ela — Eduarda, que foi uma das melhores pessoas que conheci naquela noite, pediu.

— Até você essa garota já conquistou?

— Solta ela. — Ouvi um rugido ao meu lado e tive que olhar para certificar-me que era realmente Ricardo que estava próximo de mim, pois nunca o tinha visto falar de tal forma com ninguém.

— Como queira. — Emanuel me empurrou em direção a Ricardo, e eu só não caí, porque ele me amparou. Assim que me equilibrei, me soltou e disse:

— Amor, fica aqui um pouquinho. — Assenti, e assim que Ricardo avançou na direção de Emanuel eu quase gritei. Nunca o vi daquela maneira. Empurrou o peito do amigo, cuspiando as palavras: — O que você tem na cabeça? Acha que é quem para fazer isso com a Nathalie?

— Você está deixando essa garota dominar a sua vida.

— E qual o problema? — esbravejou, e eu vi os outros amigos de Ricardo se aproximando para impedir que algo pior acontecesse, mas eles não conseguiram chegar a tempo, assim que Emanuel murmurou:

— Ela é uma qualquer que apareceu só para afastar você dos seus amigos, igual à tal Janaina, que sempre foi encrenca. Eu te avisava, e você não ouvia, viu no que deu?

Vi Ricardo partindo para cima de Emanuel, e o soco foi certo, bem no nariz... Meu Deus! Emanuel se recuperou rapidamente e revidou, acertando o rosto de Ricardo.

Senti minhas pernas fraquejarem, meus olhos se banharam de

lágrimas, meu coração começou acelerar suas batidas. Aquilo estava me desesperando... Eles trocaram mais socos, e ninguém estava dando conta de segurá-los. Foi assim que gritei, perdendo o total controle sobre mim.

— Ricardo, para, por favor — pedi, chorando, e só nesse momento, quando ele olhou para mim, com o canto da boca sangrando, que o arrependimento recaiu sobre mim. Era tudo minha culpa.

Não dava conta mais de ficar naquele ambiente, por isso saí correndo o mais rápido que pude para o vento gelado da noite de Rancheiro. Alguns minutos se passaram, e eu já havia me sentado no chão, ao lado do carro de Ricardo, quando ouvi alguns passos. Por um momento achei minha atitude idiota, pois eu acabara de ficar sozinha em um estacionamento deserto, mas logo vi que os passos eram do meu namorado. Mesmo não querendo, respirei aliviada.

— Ei, levanta daí. — Estendendo a mão em minha direção, Ricardo fez uma carinha de cão arrependido que não adiantou muito para melhorar o meu humor.

Mesmo assim aceitei sua mão e, ao ficar de pé, desabei em mais uma onda de choro, questionando em seguida:

— Por que fez isso? Não devia ter brigado com seu amigo por minha causa. Ele está certo, eu sou um perigo constante em sua vida. Nunca deveria ter deixado me envolver tanto... — fui jogando as palavras uma atrás da outra, como se estivesse libertando minha alma, no entanto, eu só estava com medo de tudo que aconteceu. — Eu só crio estragos por onde passo.

— Amor, acalme-se. — Ricardo me abraçou e aconchegou minha cabeça em seu peito. — Nathalie, entenda uma coisa, não importa o seu passado, eu nunca desistiria de viver o que estou vivendo com você para me colocar em segurança... — Respirou por um momento e me afastou de seu peito. Segurou meu rosto em suas mãos, dizendo: — E eu nunca deixaria que aquele imbecil, que eu chamava de amigo, fizesse aquilo com você, mesmo se fosse uma desconhecida. Homem nenhum deveria impor sua força para uma mulher da forma que ele fez. A vontade que eu tinha era de deixá-lo pior do que está, mas o seu grito me impediu.

— Mas, Ricardo...

— Amor, nada que você disser mudará o que penso sobre isso. Só Emanuel que não entendeu que você é importante para mim — respondeu, me cortando.

— Eu só queria que você vivesse sua vida tranquilamente sem que eu chegasse e mudasse toda a sua rotina. Ele deve estar se sentindo trocado, por isso fez o que fez — ainda tentei defender o *amigo* idiota de Ricardo.

— Minha vida — continuei encarando seus olhos enquanto ele falava —, eu não era feliz há muito tempo. Você trouxe algo a mais para ela, então, não se sinta culpada por nada. — Abriu um sorriso, afastando meus cabelos que voaram em meu rosto por causa do vento irritante que estava começando. — Vamos para casa. Lá poderemos preparar algo para comer, tomar um bom vinho e escutar uma música de qualidade. E eu quero te pedir desculpas por minha perda de controle há alguns minutos, só não podia deixar que ele te tratasse daquela forma.

— Quero ir para casa mesmo. — Sorri e respondi. — Te desculpo, só não faça mais isso, não quero que se machuque novamente. — Toquei no corte no canto de sua boca.

— Isso não é nada, o que importa é que você está bem.

— Graças a você — comentei assim que entrei no carro, e Ricardo deu a volta, sentando-se ao volante, dando a partida após colocar o cinto de segurança.

— Só fiz o que devia. Agora vamos prolongar nossa noite na paz do nosso lar.

Tentei deixar a preocupação de lado, sorrindo para ele. Era a única coisa que podia fazer naquele momento: aceitar o que o futuro estava nos oferecendo. Mas, no fundo, sentia que aqueles dias de felicidades estavam contados.



Capítulo 15

Ricardo

Eu perdi o controle, não negaria, mas quando vi Emanuel afugentando-a, só agi. Eu já me sentia muito íntimo de Nathalie para deixar que um cara que se dizia meu *amigo* fizesse algo com ela. A vontade que tinha era de socá-lo até deixá-lo inconsciente, mas fui impedido pelo grito da mulher por quem estava completamente apaixonado.

Vê-la desesperada por causa da minha atitude era o único arrependimento que tinha, porém, devia tentar esquecer, ao menos por um momento, o que havia acontecido, já que o que se passava à minha frente era muito melhor.

Nathalie estava um pouco alterada devido à quantidade de vinho que tomamos, e já estava rebolando de forma sensual no quintal da minha casa. Eu também sentia que havia passado um pouco do limite, mas ainda estava no meu controle.

A pequena caixa de som apoiada no chão tocava Careless Whisper, e enquanto Nathalie se remexia-se durante o solo da guitarra – já que estávamos ouvindo uma versão completamente diferente da de George Michael –, eu a observava, sentado no chão do quintal dos fundos, onde ficavam algumas plantações da minha pequena horta. Mas quando ela começou a cantar no seu próprio inglês, pois aquilo que saía de sua boca não podia ser considerado realmente o idioma gringo, comecei a rir.

— Para de curtir comigo, Ricardo — ronronou como uma gatinha

manhosa.

— É porque é muito bom ver você feliz assim, amor — comentei, enquanto ainda gargalhava da carinha emburrada que me direcionou.

Ela havia trocado de roupa assim que chegamos, optando por um vestidinho leve e chinelos, e realmente Nathalie ficava perfeita de qualquer jeito, nem quando acordava tinha algum defeito. Era uma dádiva em forma de mulher.

— Sabe, eu não sei o motivo de você ainda estar aí parado. Vem dançar comigo — chamou, fazendo um sinal com o dedo indicador, o que me fez levantar-me do chão e ir para perto dela. — Ainda bem que veio, senão eu ia chamar a cerejinha para dançar.

Comentou de forma charmosa quando enlacei sua cintura.

— Amo a cerejinha, mas nunca deixaria que tomasse o meu lugar. — Desci meus lábios para perto dos de Nathalie, e ela não se fez de rogada.

Colocou seus braços em volta do meu pescoço e me beijou. E toda vez que isso acontecia parecia que era a primeira vez, já que eu sempre sentia a atmosfera mudar, o tempo parar, tudo se calar. Aquela mulher era algo único e mágico na minha vida.

E mesmo que eu soubesse que ela estava segura em meus braços, e prometendo a ela que nada lhe aconteceria novamente, eu sentia dentro do meu coração que vivíamos em uma longa contagem regressiva onde perderia Nathalie em breve.

Beijei seus lábios com euforia, necessidade, desejo. Deixei nossas línguas se amarem do jeito que parecia que só elas sabiam.

Desde quando conheci Nathalie, eu soube que algo muito maior havia nos conectado, e eu passei a entender, naquele momento, beijando seus lábios, segurando seu rosto com minhas mãos para aprofundar nosso contato – ela era o grande amor da minha vida, o que eu sempre procurei.

Eu tinha provas, já que ela era a mulher que tinha me feito apaixonar em pouco tempo, e eu sabia que era um amor que eu não queria entregar a ninguém, para não sofrer, mas com nosso encaixe perfeito foi inevitável não dar meu coração de bandeja àquela mulher.

Afastei meus lábios dos seus e encarei aqueles olhos que me conquistaram no dia em que nos conhecemos e ainda mais depois de conhecê-la melhor.

— Eu te amo — sussurrei, mesmo que não tivesse ninguém por perto. Eu queria que, naquele momento, só ela escutasse minha voz. Sob o céu estrelado, o vento fresco que batia em nosso corpo, com cerejinha de testemunha. — Não sei como você fez isso, Nathalie, mas eu te amo tanto.

— Eu também te amo, mais do que você possa imaginar. Você era tudo que eu procurava em toda minha vida, Ricardo.

— Ainda bem que você me achou — respondi, sorrindo.

— Agradeça ao cheiro de comida maravilhoso que me chamou atenção. — Ela também sorriu com seu jeito doce.

— Ainda bem que minha *nonna* me ensinou a como fazer uma comida maravilhosa. — Fiz um gesto para o céu, o que fez Nathalie gargalhar, mas ao mesmo tempo se desequilibrou em um elevado que tinha no chão do quintal e só não caiu porque novamente enlacei sua cintura com meus braços. — Acho que alguém bebeu mais do que devia.

— Eu também acho.

— Vamos nos deitar? — sugeri para ela que assentiu. Contudo perguntou em seguida.

— Você melhorou, amor? — ela não especificou, mas sabia que falava sobre o aniversário de morte da minha mãe.

— Melhorei, você me fez esquecer. — Sorri e estendi a mão, para que a pegasse, e caminhamos para dentro da casa, depois de eu pegar a pequena

caixa de som e desligá-la.

— Posso dormir com você? — sussurrou baixinho, enquanto subíamos as escadas. Olhei para ela, que estava com uma expressão travessa, o que fez me sorrir ainda mais.

— Claro que pode.

Antes de entramos em meu quarto, olhei em direção ao do meu pai, mas parecia que não havia sinal de seu Giovanni. Ele tinha comentado que sairia novamente com Carmem, então, não deveria ter voltado. Entramos, e Nathalie tirou seu vestido, calcinha e sutiã, toda sexy. Mas eu sabia que a pose de garota fatal não ia durar muito, pois ela havia bebido demais. Certamente, assim que relaxasse seu corpo na cama, iria dormir.

E foi só dar as costas para guardar a caixinha de som em meu aparador que ficava ao lado da porta, que a minha pequena garota sexy caiu adormecida. Ajeitei-a na cama e a cobri com meu edredom. Retirei minha roupa, ficando só de cueca e deitando-me ao lado daquela beleza que me fascinava.

Abracei-a e, sentindo o seu perfume e o cheiro do seu xampu, deixei meus olhos se fecharem. No fundo eu só pedia que tudo desse certo. Tinha que ser capaz de protegê-la, pois não suportaria perder mais uma mulher em minha vida, ainda mais uma que eu amava tanto.

Eu esperava ser forte o suficiente para protegê-la...

∞∞∞∞



Nathalie

Senti um mamilo sendo sugado, o que me fez abrir a boca em um gemido silencioso. Ser acordada por essa forma de prazer me pareceu muito maravilhoso, e eu queria ser despertada assim mais vezes.

Quando os dedos de Ricardo desceram por minha barriga, arrepiando minha pele, chegando no ponto que eu necessitava tanto, soltei uma leve lufada de ar. Um dedo me penetrou, e outro acariciou meu clitóris.

— Bom dia, dorminhoca. — Fui agraciada com a voz rouca do homem que estava me dando prazer. Parecia um sonho do qual eu não estava com vontade de acordar; só queria liberar aquela vontade gritante que crescia dentro de mim.

— Bom di... — Não dei conta de terminar, pois Ricardo enfiou um segundo dedo em mim e estocou com força, fazendo-me chegar a um ponto sem volta.

— Grita para todos te ouvirem. — Mordeu o lóbulo da minha orelha ao falar.

— A culpa é sua — gemi, tentando controlar minha entonação para que não ficasse constrangedor quando saísse do quarto dele.

— Só tô querendo te dar prazer para deixar o seu dia ainda melhor, minha linda.

Se não bastasse os seus dedos, Ricardo resolveu descer seus lábios

por meu corpo, que estava despido, e eu me lembrava bem de que havia tirado minha roupa, mas também lembrava que apaguei assim que me deitei, então entendo o meu namorado estar tão necessitado.

Assim que sua língua tocou minha vagina, contorci-me de desespero, pois a cada segundo que passava eu queria mais e mais até gozar. E assim que Ricardo fez com que eu visse estrelas, meu corpo todo amoleceu. Mesmo que eu tivesse satisfeita, sabia que tinha que retribuir aquele bem matinal. Por isso, quando se afastou para pegar um preservativo, resolvi ousar.

Virei-me na cama, empinando minha bunda, e, pelo silêncio sepulcral que recaiu sobre o ambiente, eu certamente o surpreendi.

— Amor, assim você acaba comigo, não vou conseguir me controlar.

— Perca o controle.

E realmente Ricardo perdeu. Ele estava furioso, totalmente diferente da nossa primeira vez – não posso mentir que não senti nenhum desconforto, mas à medida que fui ficando mais excitada, tudo passou.

Estocava forte e puxava meu cabelo, chegando a um momento em que perdi a força nos meus braços, e ele se retirou de dentro de mim, girando-me na cama e voltando a me penetrar com força, enquanto eu colocava minhas pernas em volta do seu corpo.

Foi bruto, foi perfeito, foi... Sem palavras para explicar.

Depois de gozarmos, eu fiquei ofegante, ainda deitada sobre seu peito, tentando encontrar as forças para me levantar e tomar um banho, já que tínhamos que trabalhar.

Quando decidimos sair da cama, tomamos novamente um banho juntos, e assim que estava saindo sorrateira do quarto de Ricardo, seu Giovanni surgiu no corredor. Senti todo o sangue do meu corpo subir e se apossar das minhas bochechas.

— Bom dia, querida — Seu Giovanni me cumprimentou sorridente, e

eu engoli em seco.

— Bom dia! — respondi quase que sem deixar nenhum som sair por minha boca.

— Espero que tenha tido uma ótima noite.

Somente assenti enquanto seu Giovanni se afastava. *Que vergonha!*

Sacudi minha cabeça e fui para o meu quarto. Eu estava apaixonada demais e não conseguia esconder mais isso, no entanto, não queria ter sido pega no flagra pelo pai do meu *namorado*. Nossa! Como essa palavra ainda mexia comigo.

Eu nunca pude ter um namorado de verdade, mas com aquela liberdade que me fora oferecida eu estava podendo vivenciar coisas que nunca tive oportunidade. A cada segundo agradecia ao destino por ter me colocado no caminho de Ricardo.

Mas eu tinha medo. Estava feliz demais e diziam por aí que quem fica feliz demais logo se decepçiona em um futuro próximo. Esperava estar enganada.

No caminho para o restaurante, resolvemos deixar o mal entendido da boate para lá. Depois, com os ânimos mais calmos, Ricardo e Emanuel conversariam para tentar se acertarem. Entendia que ele estava me defendendo, mas brigas nunca foram aceitas por mim. Já vivi tempo demais com abusadores para saber que violência não leva a lugar algum.

Assim que chegamos ao restaurante, eu senti uma pontada no peito, mas não entendi o motivo.

— Tudo bem, amor? — Ricardo perguntou quando parei ao sentir o choque.

Amava ouvi-lo me chamar de amor, mas naquele momento eu sabia que algo ia acontecer. Não tinha a menor ideia do quê, porém, tinha certeza. *Era um presságio.*

— Não sei, senti uma coisa estranha no peito.

Assim que entramos na cozinha do restaurante, com Ricardo me amparando, Eva nos olhou como se percebesse que tinha alguma coisa estava errada.

— Eva, querida, traz um copo de água para Nathalie. Ela meio que sentiu um mal estar. — Seu Giovanni, que vinha em seu próprio carro, chegou junto com a gente, então, viu quando tudo aconteceu. Como veio logo atrás de nós, foi se adiantando com Eva.

Ricardo me colocou sentada em um dos bancos dispostos no canto da cozinha e segurou minha mão.

— Acho que sua pressão deve ter abaixado, amor, está com as mãos geladas. — Ricardo agachou-se em minha frente e pegou o copo de água que Eva havia trazido até mim. — Toma um pouco.

— Obrigada! — Agradei, tanto para ele, que cuidava tão carinhosamente de mim, quanto para Eva.

— Amorzinho, não tem de quê. — Eva acariciou minha bochecha ao falar. — Você tomou café da manhã?

— Sim — respondi para tranquilizá-la, já que parecia tão preocupada quanto Ricardo.

— Logo deve melhorar — comentou antes de se afastar e começar a preparar a cozinha.

— Eu tive um pressentimento ruim, Ricardo — resolvi me abrir com ele.

— Amor, não vai acontecer nada, você só deve estar impressionada pelo que aconteceu ontem.

— Eu sei, mas a nossa mente adora nos pregar peças.

— Então não deixe que ela pregue em você. Estou aqui para te

proteger. — Abriu aquele sorriso lindo para mim.

— Eu te amo — assim que sussurrei, o restante dos funcionários do restaurante começaram a adentrar a cozinha.

E logo que provei que estava bem, Ricardo, deixou que eu comesse a fazer o meu serviço. Limpei as mesas do restaurante e troquei os forros que as cobriam. O balcão e o aparador de bebidas do bar também foram limpos.

— Você melhorou mesmo, querida? — Seu Giovanni perguntou, e eu assenti, sorrindo, porém ele se aproximou e me questionou: — O que aconteceu ontem na boate que Ricardo está com a boca machucada?

Pensei em não falar nada, mas ele merecia saber, pois envolvia seu filho que foi se meter em confusão.

— Ele e Emanuel brigaram, por minha culpa, depois que aquele amigo dele me falou algumas coisas pesadas.

— Entendi. — Suspirou, passou a mão pelos cabelos meio grisalhos e continuou: — Emanuel é um bom rapaz, mas muito estressado, sempre foi assim desde que conheceu Ricardo, ele se sente no direito de mandar na vida do meu filho.

— Pois é, só me sinto chateada de ele brigar com o amigo, seu Giovanni. — Ele sorriu e negou com a cabeça.

— Se Ricardo partiu para agressão é porque Emanuel mereceu. Conheço meu filho, e ele odeia violência.

— Eu sei...

— Não se culpe. Você não fez nada — comentou, cortando-me.

— Não sabe como foi importante ouvir isso, Seu Giovanni.

— *Bambina*, você é uma boa pessoa, tem que parar de se depreciar tanto. — Afagou minha bochecha e sorriu. Saber que no fundo ele já confiava em mim fez com que eu melhorasse ainda mais.

Depois do nosso momento de bate-papo, fui colocar o lixo nas latas que ficavam no corredor atrás do restaurante. Assim que despejei os sacos dentro delas, ouvi o que não queria.

— Oi, filha!

Olhei para trás, assustada, constatando que era meu pai, e eu me xinguei mentalmente milhares de vezes nos poucos segundos que encarava aquele homem. Por que não prestei a atenção necessária para sair do restaurante?

Eu tinha certeza de que se ele estava aqui, toda aquela maldita corja já sabia onde me encontrar. Não respondi seu cumprimento, só o encarei e esperei que dissesse o que queria. Sabia que tudo que falasse acabaria com o pouco de felicidade que conquistei.

— Vou ser breve. Ainda não contei para Eric onde você está, pois ainda não voltei a Vila Nova, mas ele está ameaçando a minha vida. Então pare de fazer essa pirraça e volte para onde pertence. — Ele se aproximou de mim, e eu recuei dois passos, mas isso não o impediu de agarrar o meu braço e dizer: — Você pertence a Eric e não a esse cozinheiro.

— Não pertenço a ninguém — sussurrei, tentando convencê-lo de que agora as coisas tinham mudado.

— Querida, aí já é uma escolha sua. Você sabe muito bem que quando eu disser para Eric que você está com outro ele irá matá-lo. Tome a escolha certa, imagina outra vida inocente se findar por sua culpa?

— O senhor não tem o direito de me privar de viver, como fez durante anos quando me vendeu para aquele monstro.

— Tenho a partir do momento em que você deixou sua mãe morrer, eu tenho.

— Eu vou ter que repetir quantas vezes mais que a culpa não foi minha? — questionei, evitando deixar as lágrimas caírem.

— Se você tivesse chamado o socorro mais depressa ou se a ajudasse ela não teria se estressado tanto e não teria tido a doença, além do estresse, tinha a hipertensão e ao invés de ajudá-la, você simplesmente se dedicava a outras coisas. Foi tudo culpa sua, assassina. — Suas palavras sempre me abalavam, então, fiquei calada enquanto ele continuava, não adiantava fazer com que ele entendesse que eu nunca tivera culpa na morte de minha mãe. — Último aviso, você tem até amanhã de manhã para decidir voltar comigo, ou eu vou avisar a Eric. Você sabe meu número de telefone. Decida-se!

— Papai, por favor... — pedi, mas ele nem ligou.

Soltou meu braço e odiei-me mais por ficar com tanto medo. Eu era uma fraca que sempre ia depender de alguém para me proteger. Enquanto o via se afastar pelo corredor que dava até a rua, deixei que as lágrimas caíssem, e nesse momento entendi o meu mau presságio.

Novamente estava na mira de Eric e daquela vez eu sabia que iria morrer quando voltasse para aquela prisão.

Sim, eu ia voltar, já que nunca colocaria Ricardo em perigo. Ao menos eu vivi poucos meses de um amor incondicional que me mostrou que a vida podia, sim, ter raros momentos de felicidade.



Capítulo 16

Ricardo

Olhei novamente para Nathalie, que estava atendendo uma mesa. Nos poucos meses em que estava vivendo em minha casa, aos poucos foi surgindo uma luz encantadora sobre ela, mas hoje, após seu mal estar, essa luz começou a ser apagada. E há exatamente quatro horas a luz desaparecera por completo. Ela estava igual quando apareceu a primeira vez em minha frente – assustada, olhando para todos os lados –, e quando seus olhos recaíam sobre mim eu via o medo neles.

Estava em meu escritório quando recebi uma mensagem no whatsapp. Era de Eva, e ela me alertava que algo tinha acontecido, já que Nathalie voltara para dentro do restaurante completamente abatida, após colocar o lixo para fora.

Eu até tinha questionado algumas horas atrás se estava tudo bem, mas, ela simplesmente afirmou que estava. Só que podia fazer poucos meses que eu a conhecia, porém já sabia lê-la por completo, tinha acontecido algo, e eu precisava saber o que era.

— Por que você não a leva para o escritório e pergunta realmente o que está havendo? — *Papà* sugeriu ao meu lado.

— Não quero obrigá-la a nada que não queira, acho que eu posso esperar ela decidir se abrir — respondi de forma sensata, mas eu queria muito fazer o que meu pai disse.

— Querido, às vezes devemos agir de um jeito que não nos agrada, pois pode ser tarde demais se esperarmos o tempo certo.

— Eu sei que o senhor tem razão, mas e se ela se sentir coagida? — Estava me sentindo inseguro demais com essa situação e sem muitas opções de como agir.

— Ela te ama, vi isso nos olhos dela hoje, quando saiu do seu quarto. — Fez uma pausa, sorrindo descaradamente em minha direção. Meu pai não tinha jeito. — Na verdade eu já havia percebido que ela te amava, só que hoje eu vi o que sua mãe tinha nos olhos quando olhava para mim; aquele amor que você não sabe o motivo de existir, mas que é tão forte que você só sente. Nathalie está completamente apaixonada por você, então nunca se sentiria coagida com suas perguntas.

— O senhor está certo.

Bateu a mão em meu ombro, como uma forma de apoio, e assim que Nathalie terminou de servir a última mesa e voltou-se para o balcão, eu a puxei pelo braço – delicadamente.

— Amor, vem aqui comigo. — Ela me olhou sem entender nada, mas me seguiu sem questionar.

Assim que entramos no escritório, fechei a porta e caminhei com Nathalie para o sofá. Coloquei-a sentada em meu colo e segurei seu queixo para que olhasse em meus olhos.

— Nathalie, eu já conheço você o suficiente para saber que tem algo errado, então, por favor, me diga o que é.

A forma como me encarou como nunca antes gritava que havia algo que ela queria me falar, mas as únicas palavras que saíram de sua boca foram:

— Eu te amo mais que tudo, Ricardo.

Após dizer isso, me abraçou tão forte que fiquei sem nenhuma ação

por algum tempo. Depois que se afastou, abriu um sorriso que não chegava aos seus olhos e falou novamente:

— É só aquele mal estar, mas estou bem, de verdade. — Colocou suas mãos em minhas bochechas, completando: — Confia em mim.

— Claro, amor. Eu só fiquei apreensivo que algo tivesse acontecido.

— Eu sei, porque você se importa demais comigo, mas eu não sou de cristal — brincou beijando levemente meus lábios.

— Claro que não é, na verdade é a garota mais forte que já conheci.

— Não sou forte.

— Você não se enxerga mesmo. — Apertei a ponta do seu nariz com meus dedos. Só que Nathalie estava disposta a me evitar, pois disse:

— Temos que atender muitos clientes. Devíamos estar lá fora ajudando todo mundo. — Disse, tentando se levantar do meu colo.

— Eles dão conta sozinhos — respondi, sentindo uma vontade imensa de prendê-la em meus braços e protegê-la de tudo que a afligia. E foi exatamente o que fiz.

— Sei que dão, mas não precisamos deixar isso em evidência, não é mesmo? — perguntou, mesmo sem querer conversar muito.

— Queria ficar um tempinho com você. Posso?

— Claro que pode, amor. — Nathalie se aconchegou em meus braços, desistindo de se levantar, e me abraçou.

Eu amava ficar com ela colada ao meu corpo. Desde o nosso primeiro beijo, que foi tão especial para mim, não deixei que ela se afastasse mais, contudo, o nosso primeiro sexo foi algo surreal.

Nathalie me enfeitiçou com seu jeito inocente... Era até constrangedor ficar lembrando algo do tipo, pois sentia meu corpo

correspondendo aos pensamentos, por isso, tentei desviar minha atenção para algo que importava no momento.

O motivo de Nathalie estar mentindo.

Passamos algum tempo no escritório, e além de conversar amenidades ela não me disse mais nada. O que me deixou realmente chateado, mas eu iria respeitar seu espaço. Nunca a obrigaria falar alguma coisa, isso ela já tinha feito por muito tempo com aqueles abusadores.

Ao pensar neles, lembro-me de que tenho que entrar em contato com o detetive particular que contratei, para saber se ele já havia conseguido mais algumas provas sobre a família alemã que fez tanto mal para a mulher inocente que estava em meus braços. Não tinha comentado com Nathalie sobre o assunto, afinal, queria resolver este problema sem colocá-la de novo dentro dessa história. Logo a família Scheidemann estaria tão encrencada que não conseguiria escapar da justiça.

E mesmo que Nathalie quisesse voltar ao trabalho, não deixei, sentia que deveria ficar com ela do jeito que estávamos por mais tempo. E foi isso que fizemos.

Quando chegamos em casa, à noite, fomos para meu quarto e tomamos banhos juntos para tirar o cansaço que estava sob nosso ombros. Mesmo que tivéssemos trabalhado só uma parte do tempo, a carga do dia foi muito pesada.

Eram duas horas da manhã quando nos deitamos. Abracei Nathalie fortemente, sentindo o cheiro de seus cabelos. Fechei meus olhos, e nada mais importava porque ela estava aqui comigo.

— Boa noite, amor! — sussurrei.

— Boa noite, meu amor! — respondeu da mesma forma, em um sussurro mais baixo que o meu, que só escutei por não ter nenhum barulho à nossa volta.

Não queria dormir, mas em algum momento da madrugada me perdi em

um sono profundo. Acordei escutando os pássaros cantarem na árvore próxima à minha janela. Abri meus olhos lentamente, sentindo a falta de Nathalie em meus braços, mas seu perfume ainda estava no travesseiro.

Sentei-me na cama e espreguicei-me. Ela deveria estar preparando o café. Desde que lhe ensinei a fazer panquecas – que foi algo que ela aprendeu melhor do que o nhoque –, ela pegara o hábito de se levantar antes de mim e prepará-las para se sentir útil, o que era uma bobagem, mas minha Nathalie era uma cabeça dura.

Fui ao banheiro e fiz minha higiene matinal. Depois voltei para o quarto, olhei para todos os lados e sorri, pois parecia ser um dia bom. Sai do quarto somente com minha calça de moletom e desci para encontrar a loira dos olhos azuis mais linda que eu já tinha visto.

Só que nem tudo no mundo são flores. Assim que desci as escadas, estranhei, pois o cheiro característico que eu sempre sentia – de café e panquecas – não estava me esperando. Foi aí que meu coração começou a disparar. Caminhei a passos largos para a cozinha e não vi ninguém, muito menos alguma coisa fora do lugar que indicasse o preparo do café da manhã.

— Nathalie? — chamei em um tom normal. Não iria me desesperar, mesmo que quisesse mandar a calma ir se foder. Voltei para as escadas em uma velocidade quase proibida para se perambular por uma casa e abri a porta do seu quarto abruptamente, esperando encontrá-la.

Tudo estava impecável, todas as suas roupas estavam no armário, seus utensílios de higiene. Eu não podia me desesperar, não podia...

Desci novamente as escadas e olhei pela sala, no escritório do andar de baixo, fui para o quintal, mas além da minha horta não tinha mais nada. Nada... nem um sinal de Nathalie.

Saí para a rua do condomínio, e ela também não estava. Vi quando Emanuel saiu de sua casa. Ele me olhou, estava pronto para correr como fazíamos toda manhã, mas eu nem dei tempo de ele falar algo – se é que iria dizer.

Até que tomei a decisão de ir do jeito que estava até a portaria do condomínio.

— Oi, seu Rodrigo! — cumprimentei um dos porteiros que ficavam lá.

— Bom dia, seu Ricardo. Como vai? — sempre muito educado, respondeu.

— Não muito bem, o senhor por acaso poderia acessar as câmeras do condômino para que eu verificasse uma coisa?

— Claro, mas olha... desculpa ser intrometido, só que acho que sei o que o senhor tá procurando. — Olhou-me com o cenho franzido.

— O que estou procurando? — perguntei, quase não querendo saber a resposta.

— Quando tava trocando de turno, vi a menina que está morando com o senhor saindo. Dei bom dia, mas ela nem me respondeu. As câmeras devem ter registrado o momento em que ela saiu em um carro preto, vou mostrar para o senhor.

Não respondi mais nada. Não estava querendo acreditar nas palavras do homem à minha frente. Ele estava enganado. Nathalie, nunca faria tamanha idiotice.

Aproximei-me da tela que Rodrigo me mostrava e, por volta das cinco da manhã, ela surgiu na rua que levava à portaria. Foi andando até o portão do condomínio, e a última imagem que vi dela foi entrando por vontade própria no tal carro preto.

O meu mundo parou nesse exato momento. Tive certeza de que a respiração também ficou presa no pulmão. Eu me sentia morto. Jurei que ia protegê-la de tudo, por que ela saiu da minha proteção?

Voltei para casa sem nem me despedir e muito menos agradecer ao porteiro. Caminhei, meio sem saber o que fazer.

Abri a porta da sala, sentindo minha garganta se fechar. Subi as escadas indo em direção ao quarto do meu pai. Bati na porta, e, assim que ele abriu, com a cara amassada de sono, percebeu que eu estava destruído.

— *Bambino*, o que houve? — questionou, meio sonolento.

— Ela se foi, *papà*.

Foi a única coisa que disse antes de perder minhas forças e chorar. Sabia que tinha que me manter forte, mas não resisti. Era a mulher que eu amava, e eu a tinha perdido, só que não sabia o motivo.

— Filho, vamos dar um jeito. — *Papà* tentou me acalmar, mas eu não queria ficar calmo, eu queria achar Nathalie. Sabia que ela nunca sairia da minha casa por vontade própria. Algo acontecera, e eu não sabia o quê.

— Ela vai morrer, *papà*... — sussurrei, abraçado ao meu pai, deixando que minhas lágrimas caíssem. Não tinha vergonha de chorar, ainda mais em uma situação daquela magnitude.

— Vamos manter a calma para sabermos o que fazer...

E foi com as palavras de meu pai que fui me acalmando, tentando pensar com racionalidade. Depois de passar um tempo em seu quarto, voltei para o meu, tomei um banho e refresquei a cabeça. Com mais calma, liguei para Camilo – o detetive que tinha contratado e contei o que havia acontecido. Ele disse que iria apurar os fatos e que entraria em contato comigo em menos de uma hora.

Sentei-me na beirada da cama e só então percebi algo que não tinha visto. Havia um papel no chão – que provavelmente eu deveria ter deixado cair enquanto dormia. Abaixei-me e peguei-o.

Quando o abri, reconheci imediatamente a letra de Nathalie. Fechei meus olhos, respirando profundamente. Quando os abri, comecei imediatamente a ler o que estava escrito.

Amor, antes de tudo quero te pedir desculpas pelo o que sei que estou te fazendo passar. Você é a pessoa que mais se preocupou comigo em todos os meus últimos anos de sofrimento, a pessoa que me conhece mais que todo mundo – mesmo que não me conheça a vida toda –, e eu não deveria ter mentido para você. No entanto eu não podia contar a verdade. Porque eu me importo demais com você para te colocar em risco, por isso, fiquei calada sobre o que aconteceu (hoje/ontem ou aquele dia, não sei bem quando você irá ler essa carta), mas, por favor, só peço que não me odeie e que saiba que eu fiz isso por te amar demais e por colocar sua segurança em primeiro lugar. Como você colocou a minha em todo esse tempo que passei ao seu lado.

Desde a primeira vez que te vi no restaurante, eu disse que não queria te colocar em risco, mas coloquei. Deveria ter ido embora naquele dia, não ter deixado nossos sentimentos crescerem, não ter permitido que construíssemos um amor... um amor tão forte que não sei como estou suportando escrever essa carta escondida no banheiro, mas saiba que estou em prantos. Já que você é meu raio de sol no meio da escuridão, o homem dos olhos mais encantadores que já vi – que apresentam um mar escuro em uma noite sem estrelas. Ricardo, eu nunca irei te esquecer.

Como diz aquela música que você me apresentou, no dia que estávamos fazendo panquecas pela primeira vez na cozinha da sua casa, “nada se compara a você”, Ricardo, pois você é único, o homem mais doce, gentil, cuidadoso, carinhoso, perfeito ao seu modo.

E é exatamente por isso que escolho te deixar para eles não te perseguirem mais, afinal, meu pai me achou e me ameaçou, disse que contaria a Eric sobre você, e eu sei que se ele fizesse isso nós poderíamos morar em outro país que ele nos acharia, e eu teria que ver sua vida ser findada. Então, eu te amo tanto que preferi te deixar, para não viver em um mundo que você não respire o mesmo ar que o meu. Você é meu tudo, meu mundo, meu salvador. Obrigada por ter me dado os melhores meses da minha vida. Te amo e te amarei para sempre!

Não estava preparado para ler aquelas palavras e, depois de lê-las, sentia

ainda mais ódio da vida que Nathalie vivia. Ela me deixou por eu ter sido ameaçado. Eu a tiraria daquele inferno e a faria viver em paz.

A paz que ela tanto merecia, e isso aconteceria o mais breve possível.



Capítulo 17

Nathalie

Eu sentia meu estômago doer de fome, mas me recusava a comer aquela comida cheia de sonífero. Caí na besteira de alimentar-me nos primeiros dias que voltei para a mansão, porém percebi que estava sendo manipulada e desisti de ingerir algo. Já fazia dois dias que eu não colocava um grão de comida na boca. Só ia à torneira do banheiro do meu quarto e tomava água, ao menos isso eu ainda tinha o direito.

Antes da minha fuga, eu possuía mais liberdade. Se pensava que aquilo era o inferno era por que eu não imaginava como seria quando voltasse depois de poucos meses para minha prisão. No dia em que saí do condomínio, meu pai já estava me esperando no carro com alguns capangas de Eric. Quando fiz a ligação para meu pai, na qual informei onde deveria me encontrar, quase, por um milésimo de segundo, chamei Ricardo. Mas ao vê-lo adormecido, em uma paz que estava longe de habitar meu corpo, desisti. Parti, deixando a carta que explicava, ao menos por alto, o motivo de eu abandoná-lo.

Horas depois chegamos à mansão e, obviamente, eles não me receberam felizes e cheios de abraços. Na verdade uma bofetada foi o “olá” de Eric, um chute – quando cai no chão pelo impacto do tapa – foi o “quanto tempo, querida”. Prefiro não me lembrar de mais nada, pois ainda sinto a dor do espancamento daquele dia.

Cinco dias... cinco dias! Cinco míseros dias, mas eu já sentia saudade dos meses felizes que passei ao lado de Ricardo. Estava deitada em minha cama, tentando me lembrar dos momentos alegres – pois os tristes já estavam dominando minha mente –, quando a porta se abriu. Agora quem tinha o

direito da chave era ele... O homem que eu morria de medo que entrasse em meu quarto e fizesse coisa pior comigo: *Eric*.

— Levante-se, agora. — Ouvi sua voz, mas não queria me movimentar, tanto pela fraqueza da falta de alimentos quanto por não saber quais eram suas intenções.

Por isso, não fiz sequer um movimento, mas Eric não estava com muita paciência, me puxando pelo pé até que caí da cama, despencando no piso. Depois de gemer, sabendo que iria me deixar com mais algum hematoma no corpo, ele me pegou nos braços e levou-me para fora do quarto. Tentei me desvencilhar, mas ele era muito mais forte do que eu. Desceu as escadas e levou-me para a cozinha. Quando chegamos lá, ele simplesmente me jogou no chão.

O que me fez gritar de dor com uma torção no pé. Eu realmente estava pagando por minha fuga e da pior forma. Deixei que as lágrimas caíssem dos meus olhos, sem medo de escondê-las. Era a pior provação pela qual já havia passado, então, me manter forte não era uma opção.

— Traga a comida — murmurou para uma das empregadas, que trouxe o prato e colocou-o em minha frente.

Era sopa de frango e estava com um aroma delicioso, mas eu não queria.

— Nathalie, ou você come agora, ou eu juro que te mato. — Olhei para cima, e Eric estava com a mão na arma que se encontrava disposta na sua cintura.

Sem muita opção peguei a colher e coloquei um pouco na boca, provando o sabor. Não era o tempero do homem que eu amava, mas estava comestível.

— Ainda bem que agora você está vendo a quem pertence — disse, se referindo a eu estar no chão me alimentando. No entanto, em meus pensamentos, eu jurava que os animais tinham mais direitos do que eu. Acho que até os que moravam na rua eram mais felizes que eu, já que tinham

liberdade.

Assim que tomei toda a sopa, Eric puxou meu braço, levantando-me do chão e arrastou-me para fora. Eu estava sentindo dor no meu pé, mas ele não se importou. Chegando ao quintal, encontrei Armin, seus homens e meu pai. Não sabia o que estava acontecendo, porém não me cheirava nada bem.

Meu pai me olhou assustado, e eu não entendi o motivo. Eric puxou-me para próximo da reunião e acenou para um de seus capangas. Este lhe estendeu uma corda e logo depois Eric me fez ajoelhar no chão.

— O que vai fazer? — questionei ao apoiar meus joelhos na grama.

Não respondeu, mas amarrou meus braços para trás – de uma forma tão bruta que senti quando a corda começou a machucar minha pele –, fazendo outro aceno para um homem que era novo na segurança – tinha percebido que havia muitas caras novas por ali, e eu imaginava que se dera ao fato de eu ter quebrado a segurança da mansão com minha fuga. Ele segurou minha cabeça na direção do meu pai, e eu não estava entendendo nada.

— Marcos, você foi muito útil achando Nathalie para nós, um ótimo exemplo de lealdade, coisa que sua filha não teve no dia em que fugiu. Só que você me prometeu, quando a vendeu para mim, como pagamento da sua dívida, que ela era uma garota dócil, tipo um cachorrinho de estimação daqueles de madame, mas Nathalie sempre me deu trabalho. — Ele respirou, e dois homens seguraram os braços do meu pai que se assustou ainda mais.

Armin observava, um pouco afastado, com um leve sorriso nos lábios, e eu tinha quase certeza do que iria acontecer. O segurança ainda segurava a minha cabeça para que eu não pudesse desviar os olhos da cena que estava se desenrolando.

— Eric, não sei o que está fazendo, mas você sabe que não pode fazer nada contra mim, eu faço tudo o que pedem... — Ouvi o estampido do tiro e pensei em fechar meus olhos, mas não quis.

Eu me senti vingada ao ver o corpo do homem que devia me amar caído sem vida, com um tiro no meio da testa. Deveria estar em prantos por

vê-lo morto, mas era só Marcos, o meu *pai* que me vendeu aos dezessete anos para um bandido que só queria abusar de mim. Eu o odiava e agora era menos um demônio em minha vida.

— Que bom que olhou tudo, Nathalie. — Encarei os olhos gélidos de Eric e respondi com altivez, mesmo que estivesse meio impossibilitada por nossas posições:

— Você acha que isso me faz sofrer? — Sorri com escárnio. — É por culpa dele que eu estou aqui, neste inferno.

Mas o feitiço voltou contra o feiticeiro quando ele se agachou em minha frente e me mostrou aquele sorriso monstruoso que sempre vinha antes de declarações que destroçavam o meu coração.

— Não, querida. Não foi por isso que fiz você assistir à morte do seu amoroso papai. — Sorriu e passou a mão por uma de minhas bochechas. — Isso foi só um exemplo do que farei com aquele cozinheiro, caso você tente outra fuga. — Meu sorriso morreu aos poucos, e meu coração se tornou descompassado. — Afinal, esta semana iremos nos casar, meu amor, e você será minha por completo.

— Eu nunca serei sua — sussurrei.

— É o que vamos ver. — Levantou-se e comunicou para os homens ao redor: — Alguém leve-a para o quarto e deixem-na com as mãos amarradas. Esse é mais um castigo para você aprender quem manda no seu corpo — finalizou olhando em meus olhos.

Assim que me jogaram em minha cama, eu comecei a chorar. A cada segundo que passava parecia que a corda que estava em volta dos meus braços apertava ainda mais. E só de pensar em Ricardo tendo o mesmo final de Marcos meu coração se despedaçava... Teria que me casar com quem eu abominava para mantê-lo a salvo.

Todos os dias eu perguntava a ninguém em especial o que eu tinha feito em uma vida passada – se é que existia uma – para estar passando por isso?

Eu amava um homem tão bom, tão diferente daquele com quem seria obrigada a me casar. Por que, meu Deus?

Mal terminei meu raciocínio, e a porta foi aberta. Armin entrou, com aquela sua barriga proeminente em meu quarto. E o medo dominou ainda mais meu corpo, já que estava completamente submissa, somente com as minhas pernas livres. Arrastei-me para longe dele da melhor forma que pude, já que nunca confiaria naquele homem no mesmo ambiente que eu.

— Olá, querida! — disse, sentando-se em um canto da minha cama, bem afastado, graças a Deus. — Serei breve, pois uma amiga minha me visitará para eu me aliviar. — Era um porco, nojento.

— O que quer? — perguntei, sem muita vontade.

Ele jogou algumas fotos em minha direção, e eu vi uma mulher. Bonita, jovem... seus olhos transpareciam alegria, no entanto, logo mais fotos foram jogadas em minha direção, de um casamento entre a mesma moça e Eric. O sorriso e alegria de antes estavam mortos. Depois eu a vi toda machucada e, pelo que entendi, morta.

— Essa era Verena, a primeira mulher de Eric. Ele a conheceu na Alemanha, ou melhor, o pai dela também perdeu em um jogo e deu a filha de presente para Eric. Morávamos em uma pequena cidade, tipo essa aqui. Compramos a polícia do local, afinal, o que uma cocaína por mês não faz, não é mesmo?! Adorávamos o lugar, pois cidadezinhas esquecidas do mapa são maravilhosas. Podemos transportar nossas drogas para onde queremos sem que a polícia encha o nosso saco. — Parou para sorrir diabolicamente em minha direção. O seu sotaque alemão me enojava. — Enfim, essa última foto de Verena morta, foi tirada alguns meses depois de ela cometer a mesa idiotice que você. Ela fugiu. Meu irmão e nem eu imaginávamos que ela poderia fazer isso, pois confiávamos em Verena – até a dividimos em nossas noites de sexo quente, e eu espero que Eric me deixe fazer isso com você também. — Sorriu com seus devaneios, e eu senti todos os meus pelos se arrepiarem. Ainda assim, mesmo me vendo tremer de medo, ele prosseguiu. — E ela teve a capacidade de nos mostrar que não podemos confiar em ninguém. — Passou a mão por sua barriga e continuou, no entanto eu já estava em choque suficiente para não dar muita atenção em mais nada. —

Mas onde quero chegar com isso, Nathalie? — Neguei sem saber quais eram suas intenções. — Você está tendo a sorte de não ser morta, meu irmão te apreciava muito para fazer o mesmo que fez com Verena quando a encontrou. Então não estrague a oportunidade, pois até o seu namoradinho italiano sofrerá as consequências se você fizer isso, mesmo depois de morta.

Ele saiu do meu quarto, e eu olhei novamente para a foto da mulher que parecia estar com o corpo repleto de cortes, não existia uma parte de pele que não estivesse coberta de sangue. Meu Deus! Eu nunca tiraria aquela imagem da minha cabeça. Ainda mais que eles insistiam em ameaçar Ricardo a cada instante que se passava.

Dessa vez, quando comecei a chorar, não consegui parar até que dormi. Era muita coisa para assimilar, mas a única que passava com veemência por minha mente era que não podia pisar fora dos trilhos mais, para que eles não fizessem mal ao amor da minha vida. Eu teria que me tornar a esposa de Eric, sem pestanejar dessa vez.



Capítulo 18

Ricardo

Tráfico de pessoas, drogas e assassinatos foram algumas das coisas que consegui escutar de Camilo, mas só prestava atenção na foto que me foi entregue, de Nathalie toda machucada. Eu queria sair correndo no mesmo momento para a casa onde ela estava e tirá-la de lá, mas sabia que isso a colocaria ainda mais em perigo.

Camilo era um ótimo investigador, e como ele tinha contatos diretos com a Polícia Federal tudo ficou um pouco mais fácil para o nosso lado. Ainda bem, pois eu não saberia o que fazer se deixasse Nathalie passar mais tempo naquela casa. Na verdade ela nem deveria ter voltado para lá. Se tivesse esperado...

No tempo em que passou comigo, Camilo, juntamente com o investigador Rodrigues, colocou alguns agentes infiltrados na mansão, e eles eram os informantes que mandavam toda a rotina dos irmãos Scheidemann para a polícia e também que fizeram as provas contra os abusadores serem concretas. E agora que fazia seis dias que Nathalie estava presa eu já queria colocar todo o plano abaixo.

A minha mulher estava sofrendo, fora espancada e pelo que me foi passado, pois Camilo, escondido dos agentes da polícia, me contava tudo, o pai fora morto em sua frente. Não que eu estivesse preocupado com ele, só com o fato de que Nathalie pudesse estar assustada por ter presenciado tamanha brutalidade.

No entanto, mesmo sentindo meu instinto protetor gritar, eu tinha que me concentrar, pois o plano seria o seguinte: no dia seguinte aconteceria o tão esperado casamento de Eric Scheidemann, e era nesse momento que a polícia iria invadir a sua casa. Eles deixaram que eu os acompanhasse, mas não iriam permitir que entrasse com eles.

Bom, eles achavam que eu não iria entrar, só que nunca deixaria a minha Nathalie desamparada nesse momento. Sabia que poderia haver um tiroteio, e ela não podia estar sozinha. Vê-la ferida não era uma opção, mas também não iria revelar o que iria fazer para Camilo.

Pois só de pensar que ela estaria passando de novo por tudo que passou há alguns meses, eu ficava transtornado.

— Então amanhã iremos juntos para o distrito de Vila Nova, tudo bem? — Camilo questionou antes de sair.

— Tudo. — Estendi a mão em despedida e assim que abri a porta para ele sair, Emanuel estava pronto para tocar o interfone.

Quando Camilo se afastou, Emanuel se aproximou meio cabisbaixo, provavelmente ainda envergonhado pelo que tinha acontecido na boate.

— E aí, cara — cumprimentou.

— E aí? — respondi sem muita vontade.

— Ricardo, eu já queria ter vindo pedir desculpas pelo que fiz — começou a falar, e pelo jeito nada o impediria. — Mas estava sem coragem, você sabe que eu sou meio idiota então, desculpe-me. Só que o que me fez tomar a coragem de vir aqui hoje foi que seu pai me disse o que aconteceu. — Estava pronto para dizer que se ele fosse falar mal de Nathalie ele poderia ir embora, só que éramos amigos há anos, e ele conseguia ler as minhas expressões. — Não irei julgá-la mais, sei que você a ama e eu sou um idiota por querer te afastar dela, e sem motivos, por puro ciúmes. Desculpa, cara, e eu sinto muito por ela ter ido embora.

Pelo jeito meu pai não havia contado sobre a polícia, e assim era

melhor, pois não queria que muitas pessoas soubessem, afinal, era a vida de Nathalie que estava em jogo.

— Tudo bem, ainda somos amigos, só espero que não se repita. — Estendi a mão em sua direção, e ele correspondeu ao gesto.

— Espero que com o tempo voltemos a ser confidentes, sinto falta das nossas corridas... — Ele passou a mão por seus cabelos e pronunciou. — Preciso te contar algo... — Emanuel parou, olhou para os lados e logo disse o que nunca imaginei. — Eu sou gay, Ricardo, e acabei confundindo nossa amizade, jurei que em um futuro você perceberia que gostava de mim, e aí eu poderia viver um romance com você.

Fiquei atônito pela revelação, sem conseguir expressar sequer uma palavra.

— Sei que nunca contei a ninguém. Na verdade eu sou o típico gay que morre de medo de revelar ao mundo minha orientação, já que venho de uma família de médicos renomados, e principalmente machistas. — Respirou, voltou seus olhos para os meus. — Foi puro egoísmo meu, me apaixonar por um hétero e pensar que poderíamos ficar juntos.

Foi nesse momento que decidi sair do modo letárgico para falar alguma coisa para aquele homem que deveria seguir sua felicidade.

— Nunca percebi, desculpa. — Coloquei a mão em seu ombro, prosseguindo: — Sinto muito se algum dia eu te fiz ter a impressão errada. Não queria magoar seu coração.

— Você não tem culpa de nada, Ricardo.

— Emanuel, não acho certo que esconda sua orientação só porque vivemos em um país machista, ou por causa de sua família. Você precisa ser feliz, e como não posso te dar essa felicidade... Só corra atrás dela, encontre alguém que fará com que enxergue o mundo de outra maneira, que faça você sentir tudo em órbitas diferente quando essa pessoa está do seu lado.

— É assim que você se sente com a Nathalie? — questionou.

— Ela é o amor da minha vida.

— Espero que ela volte, então.

— E eu espero que você seja feliz, pare de se importar com a opinião alheia.

— Obrigado — respondeu, bateu a sua mão em meu ombro, assentiu uma vez e se afastou. — Até mais!

— Até!

Ainda observei enquanto ele se afastava. Como o mundo era cheio de surpresas! Nunca havia imaginado que ele pudesse ser homossexual, mas torcia muito que ele pudesse ser feliz. Emanuel não era uma pessoa ruim, pelo visto era somente incompreendido por todos.

Voltei para dentro de casa e vi meu pai na sala.

— Tudo bem, *papà*?

— Sim, *bambino*, só preocupado com você amanhã. — Aproximei-me dele e sorri. — Fico angustiado, mas só não estou pirando, pois sei que ficará seguro esperando salvarem Nathalie das mãos daqueles monstros. Sinto falta daquela doidinha.

Assim como para Camilo, não havia comentado com meu pai – para não preocupá-lo mais –, que daria um jeito de invadir a mansão, então para ele eu só ficaria esperando Nathalie em segurança do lado de fora.

— Eu também — comentei, encarando o quadro com a imagem da minha mãe. Papai estava fazendo o mesmo, e eu não entendi como ele podia admirar tanto aquela imagem.

— Sabe por que eu gosto tanto desse quadro? — ele me perguntou, depois de um tempo em silêncio.

— O senhor nunca me disse, só falava que tinha um amor muito grande por ele.

— Sua mãe pode ter tirado a vida dela, mas eu sempre quis que você soubesse o quanto eu a amei, por isso, deixei esse quadro aqui por tanto tempo. Agora que você sabe o quão forte pode ser um amor, acho que está na hora de tirá-lo da parede, seguir a vida com ela em nossos corações. — Ele abaixou a sua cabeça e revelou: — E eu queria ter te falado antes, mas voltei a amar alguém. Você estava tão em uma redoma com a Nathalie que não quis me intrometer, mas a Carmem ganhou o meu coração, filho. E mesmo que não queira que eu vá amanhã, só posso dizer que te apoio.

Senti-me emocionado com as palavras do meu pai; ele era a minha única família viva, e saber do seu apoio era o que eu precisava.

— Obrigado, *papà*, por ser tão verdadeiro comigo. Amo o senhor e sei que a mamãe está feliz que esteja seguindo o seu caminho. — Aproximei-me dele e o abracei. — Quero que saiba que concordo em retirar esse quadro, sei o quanto amou minha mãe e sei que não está manchando a imagem dela. Imagino também que Carmem não vai gostar de frequentar uma casa que tenha uma imagem dessas, pelo menos eu não iria gostar. — Assim que nos afastamos do nosso abraço, ele sorriu de um jeito sacana, me informando.

— Trouxe ela aqui em casa alguns dias, e ela não se importou, mas eu me importo, entende, *bambino*?

— Claro, *papà*.

Ficamos conversando por mais algum tempo até que ele decidiu fazer outra coisa. Sei que tentou me distrair com sua revelação, no entanto, assim que se afastou, o nervosismo tomou meu corpo novamente. Eu precisava que o plano desse certo no dia seguinte, senão minha mulher podia morrer.

E essa não era uma hipótese aceitável.





Nathalie

Não acreditava que mais uma vez estava vestida de noiva para me casar com o homem que eu mais odiava na vida. Só que esse não era o maior dos meus temores, e, sim, o que aconteceria depois do casamento.

Eu não queria ser usada por ele, não queria que encostasse um dedo em meu corpo, só que eu estava sem saída, dessa vez não teria alguém dando bobeira, pois o bufê já havia trazido toda a comida pronta e estavam ali só para servirem.

Estava como da outra vez, com um outro vestido que também era tomara que caia e um buquê de tulipas rosa, ridículo. Passei a odiar tulipas. Os maquiadores fizeram um ótimo trabalho, pois ainda havia resquícios de hematomas pelo meu corpo, mas toda a maquiagem, que passaram tanto em meu rosto quanto em algumas partes dos braços, foram milagrosas; deixaram-me sem os tons mais escuros da agressão.

Saí do meu quarto, e um dos seguranças novos, o mesmo que segurou o meu rosto para ver meu pai morrer, estava no corredor. Eu queria muito saber onde estava a maioria dos antigos, mas, aparentemente, com minha fuga, assinei o decreto de morte deles.

Ele olhou em minha direção e fez um aceno com sua cabeça, acho que Eric ainda não havia falado para ele que não podia trocar cumprimentos comigo. Tinha pena dele, pois seria o próximo a morrer se continuasse com aquele tipo de coisa.

Eu não queria dar mais nenhum passo em direção ao meu fim, no entanto, que escapatória eu poderia ter? Olhei novamente para o segurança que me encarava com mais intensidade a cada segundo.

— Qual o seu nome? — perguntei, pois, se já estava atolada até o pescoço, podia ao menos tentar passar os minutos que me faltavam tentando ser uma pessoa normal e conversar com outro ser humano.

— Creio que não posso lhe informar, senhorita — respondeu até de forma educada, se o comparasse com os outros seguranças que passaram por minha vida.

— Claro que não, e talvez você também não me ajude a fugir novamente, não é mesmo? — tentei brincar, porém, ele fechou sua expressão e não voltou mais a me dirigir a palavra.

Assim que comecei a seguir meu caminho, ele segurou cuidadosamente a minha mão que não estava com o buquê, e, sem fazer muito alarde, passou-me um pequeno papel. Continuei olhando para frente, para que, assim, as câmeras não percebessem o que estava acontecendo.

— Ande dez passos, depois incline-se para a direita, assim a câmera não te pegará e você poderá ler o que está escrito — sussurrou de forma que só eu podia escutar. As câmeras nem deveriam ter pegado seus movimentos, já que foram mínimos, e elas não tinham adaptadores de som.

Assim que ele soltou a minha mão, fiz o que mandou. contei dez passos, inclinei-me para a direita e, sem fazer muito movimento, desenrolei o papel que era um recado que me deu uma das maiores esperanças na vida.

Quando descer as escadas, terão dois agentes lá embaixo te esperando. Não faça alarde, pois eles vão ajudar você a se esconder enquanto a polícia toma o lugar.

Guardei o papel da melhor forma possível, dentro do decote do vestido, e parti em direção às escadas, mas nada na vida era perfeito, pois assim que cheguei ao corredor que me levaria aos degraus Armin estava lá, parado e sorrindo em minha direção. Senti toda a felicidade de segundos atrás se esvair.

— Você está linda, futura cunhada — comentou quando me viu.

— O que quer?

— Nada, só garantir que desta vez você chegue ao altar, por isso, irei lhe fazer companhia até o jardim.

Engoli em seco e senti o meu coração disparar, na verdade, desde que li as palavras no bilhete que me foi entregue ele entrou em um compasso mais rápido, só que agora o meu pobre órgão estava desesperado.

— Não irei fugir desta vez — murmurei.

— Ah, querida, eu sei, afinal, se você pensar em fugir, o seu cozinheiro acabará como o seu pai. — Abaixei meus olhos e passei por ele, que saiu de onde estava e começou a caminhar ao meu lado.

Ao nos aproximarmos da escada, eu não queria descer, pois o medo de não ter outra oportunidade de escapar estava me matando. Foi aí que um lapso passou por minha mente.

E se fosse tudo uma armadilha?

Eu sabia que era ingênua, mas não a esse ponto. Claro que eles estavam fazendo piada com minha cara, para ver se eu fugiria e depois me castigarem, já que Armin estava ali para completar o serviço.

Por isso deixei minhas esperanças caírem por terra e comecei a descer os degraus com Armin acompanhando-me lado a lado. Assim que terminei de descer, havia realmente dois seguranças, que não demonstraram nada. Deveria ser um blefe.

Mas nada me preparou para o que aconteceu alguns segundos depois de descer as escadas. Os dois seguranças altos, e com expressões malvadas, tiraram suas armas dos coldres e apontaram para Armin, que tentou revidar o ataque retirando a sua própria, porém um dos homens foi mais rápido e o desarmou, colocando a pistola na cabeça de Armin.

— Você está preso, Armin Scheidemann, por tráfico ilegal de drogas, assassinato, abusos sexuais, tráfico de mulheres e crianças. Tem o direito de permanecer calado, pois tudo que será dito poderá ser usado contra você. — Enquanto um dos homens foi algemando Armin, eu fiquei estática olhando a cena.

Sentia que meus olhos estavam arregalados, e consegui até soltar a respiração que estava presa.

Ele me olhou com ódio, porém, pela primeira vez, eu vi a altivez do homem que tanto me ameaçou por anos desabar. E mesmo ainda em choque com o que se desenrolou tão abruptamente, eu sorri. Parecia que realmente daquela vez o destino estava ao meu favor.

— Senhorita Nathalie, sou o Oficial Albuquerque. — Olhei para o policial ao meu lado, e ele continuou. — A casa está sendo tomada, por isso devemos ser rápidos, para que eu a tire daqui em segurança.

Assenti, mas antes voltei minha visão para Armin. Nunca, nem nos meus melhores sonhos passou por minha cabeça que veria aquele homem perder alguma de suas batalhas. Estava me sentindo vitoriosa demais, o que não devia, afinal, o jogo ainda não estava ganho.

Vi que o outro homem caminhou com Armin para um lado diferente do que o oficial que estava ao meu lado apontou, no entanto eu nem me importei. Só que comecei a ouvir tiros, e isso me desesperou.

O policial foi conduzindo pelo caminho rapidamente, enquanto falava em algum microfone que eu não conseguia ver. Assim que estávamos chegando à cozinha, ele me fez parar abruptamente, pois ouvimos passos vindos de lá – eu estava morrendo de medo por dentro, só que tentava não

demonstrar por fora. Ele, com sua arma em mão, apontou na direção do som. Mas assim que o homem – dono dos passos apressados – se fez presente, eu quase gritei para que o oficial não fizesse nada.

— Pelo amor de Deus, para. — Saí de onde estava e me coloquei na frente da arma.

— Nathalie! — Voltei meus olhos para Ricardo, que exclamou de forma surpresa. — A gente precisa parar de se encontrar quando você estiver vestida de noiva — tentou brincar no meio do caos.

Eu dei um leve sorriso, mas logo foquei meus olhos naquele homem que estava vestido igual aos funcionários do bufê. O buquê de tulipas ainda estava na minha mão, só que, naquele momento, eu o joguei fora, sem titubear. E realmente nem pensei, nem me importei que estava correndo risco, não liguei para mais nada, pois o que me interessava no momento era Ricardo, corri até ele e o abracei tão forte.

— Amor... — ele sussurrou, correspondendo ao meu abraço, só que, rápido demais ele se afastou, mas colocou suas mãos em minhas bochechas. — Eu nunca deixaria você se casar com aquele monstro.

Correspondi ao sorriso que ele me direcionou e respondi:

— Eu te amo! — E mesmo que estivesse acontecendo uma troca de tiros lá fora, nós unimos nossos lábios, em um beijo cadenciado, diferente dos sentimentos gritantes dentro do meu corpo. Porém sabíamos que não podíamos nos entregar ao nosso amor e a saudade de uma semana separados, então, novamente nos afastamos rápido demais.

— Esse não é o momento, você nem deveria estar aqui, rapaz — o policial comentou assim que tomou a frente para ir à cozinha.

— Como você entrou? — questionei, pois estava curiosa e muito feliz de tê-lo ao meu lado.

— Enquanto eles invadiam junto com a equipe do bufê, eu me infiltrei e vim com eles. Viu? Além de cozinheiro eu também serviria para ser um

agente. — Deu uma leve piscadinha. Só Ricardo para brincar em um momento como esse.

Sabia que ele estava tentando me passar calma e tranquilidade, mas o seu cenho franzido demonstrava que estava tão nervoso quanto todos.

— Você deveria ter ficado em segurança. — O policial continuou bravo com Ricardo, mas eu entendia, agora ele deveria se preocupar com duas pessoas ao invés de uma.

Assim que chegamos à cozinha, fomos surpreendidos por dois capangas de Eric, que atiraram contra a gente. Ricardo me empurrou para o chão, se colocando sobre mim para me proteger.

Na troca de tiros nós saímos vitoriosos, pois Albuquerque foi mais rápido e matou os dois homens. Aquela mansão, que já era uma piscina de sangue, agora estava coberta por ainda mais.

Assim que Albuquerque falou que podíamos nos levantar, eu ouvi o som que poderia ser o fim de todo aquele resgate. O tiro acertou Albuquerque e o fez cair no mesmo momento. Gritei, assustada pelo que vi acontecer.

Virei quase em câmera lenta para onde tinha escutado o som do tiro e era ele, o meu pior pesadelo.

— Parados! — Ele sorriu em desdém, e a vontade de matá-lo me inundou, mas quem possuía a arma não era eu.

Eric estava com a pistola apontada em nossa direção, e Ricardo não se fez de rogado, colocando-se em minha frente, mas eu preferia morrer, do que presenciar essa cena.

— Ah, querida! — Eric sorriu outra vez, ainda com a arma apontada para nós. — Você achou que conseguiria escapar de novo, mesmo que o seu cozinheiro viesse te salvar?

Eric destravou a arma, e eu fechei meus olhos, pois realmente achei que conseguiria fugir dele. Mas, pelo visto, o destino realmente não sorria

duas vezes ao seu favor, e agora eu corria o risco de perder o homem da minha vida bem na minha frente. Era o meu pior pesadelo se concretizando.



Capítulo 19

Ricardo

Eu havia cometido loucuras em minha vida, várias. Mas aquela, na qual tinha acabado de me enfiar era inédita, só que era por Nathalie, era para ter a minha mulher em meus braços o mais rápido possível... Porra! Eu amava aquela mulher e não podia perder mais um amor.

Por isso, quando Camilo me deu as costas, eu vi a oportunidade. Muitos dos agentes estavam vestidos com roupas do bufê e ainda havia algumas espalhadas pelos cantos do lugar, onde eles tinham armado uma base. Peguei algumas peças e me infiltrei junto com todos. Simples assim. Foi tão fácil que até me surpreendi.

Mas quando o tiroteio começou, eu vi o tamanho da burrada que havia cometido, pois nem mesmo uma arma eu tinha. Estava começando a ficar desesperado, já que só sairia daquela casa sem Nathalie se estivesse morto.

Corri desesperado pela cozinha – que estava vazia – à sua procura, pois me lembrava do mapa com a rota de fuga que eles fizeram para tirá-la da casa, e graças ao destino nos encontramos no corredor. Quando a vi bem, consegui respirar aliviado. Ela estava linda, perfeita, de noiva novamente, então, não aguentei até que fiz uma piada infame. O momento não pedia aquilo, mas provavelmente eu só estava falando o monte de asneira que saía por minha boca por estar nervoso.

Caralho! Estava *mesmo* muito nervoso, e tinha a completa convicção de que só sentiria melhor e em meu total juízo quando ela estivesse bem

longe daquela casa.

Mas quando ela se jogou nos meus braços, o mundo voltou ao lugar certo, mesmo que nós estivéssemos no lugar errado.

E agora estávamos aqui, com uma arma apontada em nossa direção, e quem a portava era o homem que eu conhecia muito bem por foto – o tal de Eric Scheidemann. Sabia que ele não tinha motivos para não atirar em nós, por isso, me coloquei na frente de Nathalie. Se o tiro pegasse em mim, ela conseguiria fugir ou ao menos tentar.

— E aí, cozinheiro, qual a sensação de ter seus últimos minutos de vida? — o alemão questionou, e eu não respondi, apenas levantei meu queixo com altivez. Não tinha medo da morte, tinha era medo de que ele fizesse algo a Nathalie, por isso era seu escudo.

— Eric, você perdeu, a casa está cercada, nunca sairá ileso daqui. Eles já pegaram Armin, o próximo será você — Nathalie disse, tentando convencer o homem à nossa frente a nos deixar em paz, mas eu sabia que ele não ia fazer isso.

— Querida, eu prefiro matar vocês e me sentir vingado por essa traição do que deixar que escapem. — Realmente eu estava na frente de um dos piores seres humanos que existia na face da Terra. — Ricardo. — Sobressaltei-me por Eric saber meu nome, ele prosseguiu: — Já que você prefere levar o primeiro tiro, tudo bem!

E foi assim, quando ele puxou o gatilho, que eu vi, como as pessoas dizem que acontece, a minha vida passar em um segundo. Nas cenas, em sua maioria, estavam meu pai e Nathalie, pois eram eles que faziam meus dias mais felizes, que faziam minha vida ter algum sentido. Esperava que me perdoassem por me entregar à morte tão fácil, porém não podia deixar a mulher que amava ser baleada.

Só que, do nada, o oficial, pulou em Nathalie e em mim, fazendo com que nós três fôssemos ao chão. Assim que bati meu corpo no piso, ouvi mais dois tiros. Nathalie gemeu, por eu ter caído em cima dela, e o mais rápido que pude me afastei para não machucá-la ainda mais.

Quando olhei para ver o que tinha acontecido, Albuquerque estava sentado no chão, com um sangramento no braço, só que mesmo assim ele apontava uma arma para Eric, que agora se encontrava também caído.

— Ricardo, meu amor, você está bem? — Nathalie perguntou com lágrimas escorrendo por seu rosto. — Meu Deus! Você está sangrando.

Olhei para minha camisa e vi alguns resquícios de sangue, mas não era meu, provavelmente assim que Albuquerque se jogou sobre mim ele fora atingido, o que fez sujar minha roupa.

— Não é meu, amor. Você está bem? — sussurrei meio atordoado. Acho que a adrenalina estava me deixando um pouco desorientado.

— Estou. — respondeu meio chorosa. — Precisamos de um médico. — disse ao olhar para o agente.

— Como você está? — perguntei para ele e podia ver que estava pálido.

— A primeira bala pegou no meu colete, só que não tive muita sorte com a segunda que pegou no meu braço, mas já estão trazendo os paramédicos para cá. Conseguimos tomar a casa, com algumas perdas, mas conseguimos. — Ele olhou para Nathalie, que estava ao meu lado, meio assustada, e murmurou: — Armin já está lá fora, preso. — Fez uma careta, e um som estranho saiu de sua boca, provavelmente era devido ao seu ferimento.

Ouvimos um gemido atrás de nós e percebemos que Eric não estava morto. Nathalie deu um passo na direção do corpo caído no chão, mas eu não permiti que ela se aproximasse. Já tinha sido forte o suficiente para encarar esse homem por todos os anos que passara presa, agora eu estava ali para enfrentar tudo por ela.

Aproximei-me sozinho de Eric e percebi que a bala havia pegado no meio do seu tórax. Sangue saía por sua boca e nariz. E, mesmo sem querer admitir, gostei do que vi. Eric Scheidemann estava afogando em seu próprio sangue. Olhei para a arma que estava caída ao seu lado, enquanto ele

agonizava, e observei em volta. Nenhuma das câmeras de segurança me focava.

— Albuquerque, eu agi em legítima defesa — foi a única coisa que disse ao pegar a arma e atirar no meio de sua cabeça, acabando com sua agonia e com a minha, pois a única coisa que passava por minha mente era que aquele homem poderia sobreviver e vir atrás da minha mulher e eu nunca daria essa chance para o destino.

Os olhos do homem que fez tão mal a tantas pessoas, pela primeira vez, estavam assustados e logo perderam a vida. Deixei a arma onde estava e voltei-me para perto de Nathalie. Ela me olhava assustada, mas sem julgamentos evidentes.

— Rapaz, você não deveria ter feito isso. — Albuquerque comentou assim que os paramédicos entraram pela mesma porta que eu entrei algum tempo antes. Perto de onde os dois capangas que haviam sido mortos pelo agente estavam.

— Legítima defesa — foi a única coisa que respondi, antes de Albuquerque ser levado pelos paramédicos, para que cuidassem do seu ferimento.

Abracei Nathalie, e mesmo que ela ainda estivesse abalada por tudo que tinha acontecido, eu senti um peso sair dos meus ombros.

Agora ela teria paz para viver.

∞∞∞∞



Nathalie

Ele havia atirado em Eric. O homem mais carinhoso, doce e perfeito havia matado aquele monstro. Sentia uma paz tomar tudo ao meu redor, mas agora outra preocupação tomava meu coração. Em nosso país os bandidos, em sua maioria, se davam bem, e eu tinha medo de Ricardo ser preso por isso.

Ouvi também quando Albuquerque – antes de ser levado para a ambulância, mas seu estado não parecia ser grave –, comentou com o seu superior que foi legítima defesa, mas eu sabia que uma perícia podia não constatar aquilo.

Assim que pisei fora dos portões da casa de Eric, abraçada a Ricardo – ainda meio aérea –, sorri. Sentia, literalmente, o cheiro de liberdade, o vento da libertação atingindo meu corpo. Várias pessoas de Vila Nova estavam em volta da casa, entre convidados e curiosos. A maioria me olhava como se eu fosse a criminosa, foi aí que aproveitei que havia alguns repórteres presentes para gritar, pois agora eu tinha essa autorização:

— Vocês conviveram com essa corja por anos, sem saber o quão ruim eles eram. — Olhei para o carro onde Armin estava e continuei. — Eles mataram várias pessoas, estupraram várias mulheres, ainda me faziam de refém e mesmo assim vocês eram todos sorrisos, um bando de abutres só interessados em dinheiro.

Cansei de falar com pessoas que nunca se importaram comigo. Algumas que possuíam vergonha na cara ao menos tiveram a decência de

abaixarem o rosto. Mas eles não me importavam mais, a única pessoa que estava naquele lugar e que obtinha toda minha atenção era o homem mais generoso que eu havia conhecido. O homem que se colocou na frente de uma arma por mim. O homem maluco que pegou a mesma arma e findou a vida do ser inescrupuloso que me machucou por anos. *O meu Ricardo!*

Olhei para ele que estava ao meu lado e sorri. Nós nos afastamos da multidão e fomos para perto de alguns agentes, que provavelmente Ricardo conhecia, pois alguns o cumprimentaram.

Ele me envolveu em seus braços e isso era o que eu precisava no momento. Deixei que as lágrimas novamente comesçassem a cair, já que ainda não acreditava que depois de tudo que aconteceu, estávamos relativamente bem.

— Obrigada por não desistir de mim — sussurrei com a cabeça encostada em seu peito.

— Eu nunca poderia desistir do amor da minha vida.

Sorri enquanto ainda o abraçava.

— Você é tudo para mim, Ricardo.

— Ainda bem, pois você está no mesmo nível. — Apertou ainda mais os seus braços ao redor do meu corpo, o que me fez perceber novamente que estava livre.

Depois disso eu dei meu testemunho, Ricardo o dele e ganhamos uma carona de Camilo para a casa de Ricardo. Sabíamos que ainda não havia terminado, mas naquele momento estávamos felizes e em paz.

Seguimos a pé da portaria do condomínio até a casa. Algumas pessoas que passaram perto de nós nos encaravam sem entender. Se não fosse tão trágico, poderia parecer cômico. Um homem, com sua camisa suja de sangue, e uma maluca toda suja com um vestido de noiva. Poderia parecer cena de filme de comédia daqueles bem ruins, mas só era uma história real de uma vida completamente diferente da ficção.

Assim que abrimos a porta, seu Giovanni veio em nossa direção.

— *Bambino*, o que aconteceu? — Questionou assim que se aproximou mais. A preocupação era visível em sua voz, e eu me senti culpada mais uma vez por colocar a vida de Ricardo em risco.

— Não foi nada, *papà*. Tá tudo bem. Depois explico melhor para o senhor — Ele deu um sorriso encantador, que só Ricardo tinha, para tranquilizar o seu pai.

— *Bambina*! — exclamou, me puxando para um abraço. — Que susto nos deu indo embora daquela maneira, não faça mais isso.

— Não farei, prometo. — Desabei mais uma vez em lágrimas.

Quando cheguei naquela casa, ele não gostava nenhum pouco de mim e agora eu era sua *bambina*. Não conseguia aguentar tanto carinho em um dia que fora tão turbulento.

— Não precisa chorar. Fui um velho chato no início, mas aprendi a te amar também, você faz o meu filho feliz, e isso é o que deve importar.

— Obrigada, seu Giovanni. — Segurei a mão do meu sogro e sorri, mesmo que ainda tivesse resquícios de lágrimas em meu rosto.

— Está tudo bem, querida.

Olhei para Ricardo, que nos olhava emocionado, e sorri para ele também.

— Vocês são a minha família — sussurrei constrangida, mas era a verdade.

— E você faz parte da nossa. — Ricardo se aproximou ao dizer e enlaçar minha cintura.

Conversamos mais um pouco com seu Giovanni, mas o vestido de noiva nojento começava a me incomodar mais do que o normal. Por isso, Ricardo e eu precisávamos de um banho.

Fomos direto para o seu quarto, enquanto ele colocava a banheira para encher. Ele me ajudou a tirar aquela monstruosidade, e, depois de tirar suas próprias roupas, caminhou comigo para o banheiro.

Entramos na banheira e ficamos nos encarando por um tempo. Mesmo depois de minutos, continuamos calados. Com suas mãos, Ricardo começou a tirar a maquiagem do meu rosto e a do corpo. Assim que visualizou os hematomas, vi seu maxilar cerrar, e aproveitou o momento para dizer:

— Você nunca mais correrá perigo. — Ele respirou fundo e prosseguiu, lavando minha pele. — Sei que você me ama, mas quero que saiba que se desejar viver em paz por um tempo, sozinha... Se pretender conhecer outros lugares, não irei interferir. Mas, também, se quiser, pode ficar aqui em casa, ou morar em outro lugar eu posso tentar conseguir algo para você. O que eu mais anseio, Nathalie, é que você se sinta bem e que saiba que agora terá liberdade para fazer o que desejar.

Ricardo, com sua declaração só conseguiu fazer com que eu o amasse ainda mais. Aproximei-me do seu corpo, sentando em seu colo, e olhei dentro dos seus olhos para falar tudo o que devia.

— Ricardo, pode ter certeza que eu nunca imaginaria algo do tipo de você. Eu também sei que me ama e sei que agora tenho liberdade para viver meu amor em paz com você. — Beije seus lábios suavemente e continuei ainda com minha boca encostada na dele. — Não quero te dar trabalho, mas eu prefiro ter um cantinho só meu para conhecer o gosto desta descoberta, se não for ruim para você e se puder me ajudar em um primeiro momento. — Afastei-me para observar sua expressão e ela era a de mais pura paz, *homem perfeito*.

— Claro, que posso, amanhã mesmo vamos começar a procurar um lugar para você ficar. Tudo bem?

— Tudo ótimo! — Beije novamente seus lábios.

— Nathalie, eu pensei que iria morrer sem você aqui nessa semana que passou.

— Ainda bem que tudo acabou *bem*, pois não sei o que faria da minha vida sem você.

— Nem eu, Nathalie. Porque eu te amo tanto que chega ultrapassar as barreiras da realidade, então, me explica como eu iria viver sem você?

As pessoas podiam falar o que quisessem, mas Ricardo era o homem perfeito para mim. Com toda a sua educação, delicadeza, carinho, honestidade e amor. Eram homens assim que deveriam aparecer na vida das mulheres, e eu tinha certeza de que agora, com vinte e dois anos, havia encontrado o amor da minha vida. E provavelmente ele seria dono do meu "felizes para sempre".

Pelo visto eu realmente caí em um conto de fadas. E não é que ele teve um final maravilhoso?



Epílogo

Ricardo

Dois anos haviam se passado desde que Nathalie realmente teve a sua paz instaurada, sua liberdade reconquistada, e ela parecia cada vez mais feliz. Fui inocentado da morte de Eric, e tinha certeza de que fora por causa de Albuquerque que corroborara com a alegação de legítima defesa. Eu o agradeceria pelo resto da vida.

Por um tempo jurei que iria ficar com algum trauma pelo que fiz, mas não fiquei, me senti vingado tanto por Nathalie quanto por todas as mulheres que sofreram nas mãos daqueles crápulas. Armin foi condenado e nem mesmo fiança o liberaria, ao menos uma vez a justiça tinha acertado em algo. Há algum tempo descobri que ele fez o pedido para cumprir a pena em seu país, e assim foi liberado para voltar à Alemanha. O que eu agradecia sempre, afinal, o quanto mais longe melhor.

Hoje vivíamos em paz. Havia conseguido uma casa para Nathalie no mesmo condomínio que o meu. Ela ainda morava lá. No início eu banquei todas as suas despesas, mas atualmente já conseguia ter sua independência.

Já que a incentivei a respeito da culinária, e quando ela começou a fazer cursos de confeitaria me deixou extremamente orgulhoso. Com isso abrimos uma sociedade, do outro lado da rua do restaurante, chamada Dolceria Grinani, e estava rendendo bons frutos. Nathalie fez questão de, nos primeiros meses de lucro, me devolver tudo que havia gastado com ela, mesmo que eu tivesse insistido que não queria. Mas aquela pequena pessoa de cabelos loiros sabia me convencer de tudo.

E agora estávamos aqui em Veneza, na primeira viagem internacional de Nathalie, e eu a admirava sorrindo para tudo o que via. Era realmente uma turista nata. Eu havia bolado um plano completo com Emanuel – que voltou a ser o meu melhor amigo e que conseguiu conhecer sua alma gêmea; um residente que trabalhava no mesmo hospital que ele. Em nossas férias a pediria em casamento e estava nervoso demais, pois sabia que já estávamos juntos há bastante tempo, só que o medo de estar me precipitando me dominava.

— Amor, que lugar lindo — comentou, assim que chegamos a Praça de São Marcos.

Eu também estava amando a volta à Itália. Meu pai não quis nos acompanhar, pois preferiu ficar com Carmem no Brasil. Os dois, aliás, já haviam se casado no civil. Quem diria que Seu Giovanni se casaria de novo e antes de mim. Mas isso me fazia feliz demais, pois eu sabia que meu pai estava amando novamente.

— Sim, amor, a Praça de São Marcos é maravilhosa, uma das maravilhas de Veneza. Na verdade, na minha opinião, aqui é o lugar mais perfeito de toda Europa, o único lugar onde realmente podemos escutar pessoas e não automóveis, igual nas grandes metrópoles. — Nathalie olhou fascinada em minha direção e sorriu.

Ela estava usando uma bermuda creme, com uma blusa larguinha branca, e um chapéu tapava o sol de seu rosto. E tudo o que essa mulher usava me fascinava.

Esperei que estivesse em frente à torre do relógio, enquanto ela estava distraída, para me ajoelhar ao chão. Algumas pessoas que estavam por perto pararam para olhar o momento, já que o que todo mundo desse planeta mais admirava eram pedidos de casamento em público. Quando Nathalie se virou para mim, sorrindo, provavelmente para questionar alguma coisa, ela congelou. Seu sorriso foi sumindo aos poucos, e eu vi seus olhos se enchendo de lágrimas – os mesmo olhos que me fascinaram desde o início, o mar de um dia ensolarado, como o que estávamos presenciando naquele dia.

— Amor, em que situação que te meti — comentei para quebrar o

clima e funcionou, pois ela voltou a sorrir. — Sei que você tem certo trauma de casamentos, e eu já te vi vestida de noiva mais do que gostaria, embora não fosse comigo que você estava prestes a se casar. — Ela negou com a cabeça, ainda sorrindo e deixando as lágrimas caírem por seu rosto, pois aquele assunto se tornara uma piada para nós. — Só que eu quero constituir uma família ao seu lado, quero que seja realmente minha mulher, quero o meu sobrenome no seu, quero poder morar com você sob o mesmo teto, quero ter filhos com você. Porque eu te amo tanto que não consigo viver só coisas pela metade com você. Nathalie, não sei se sou merecedor do seu sim, mas gostaria mesmo assim de tentar, então... — Respirei mais uma vez, sentindo meu coração saltar em meu peito. — Você aceita ser o meu para sempre?

— Só se você me prometer que teremos um pé de tomates cereja em nossa casa — brincou.

— Podemos ter uma plantação de tomate cereja. — Sorri, sentindo minha voz embargar.

— Claro que aceito, você sempre foi o meu sim — respondeu ajoelhando-se a minha frente.

Coloquei o anel de ouro rosé com um pequeno diamante em seu dedo — Nathalie nunca gostou de ser exibicionista —, e coube perfeitamente. Levantei-me, trazendo-a para meus braços e dei um leve beijo em seus lábios para finalizar o nosso momento. Teve até algumas palmas das pessoas que estavam observando o pedido. Assim que afastei os lábios dos dela, Nathalie sorriu.

— Eu tenho uma surpresa — disse, fazendo uma expressão carinhosa. — Ia deixar para contar quando chegássemos ao Brasil e estivéssemos reunidos com nossa família, mas acho que o momento é esse. — Ela respirou fundo e disse: — Estou grávida.

Meu mundo por um momento parou, eu só podia estar sonhando.

— Como... — tentei dizer algo, mas ela me contou, mesmo que eu nem tivesse perguntado. A gente se conhecia demais para saber o que o outro

estava pensando.

— Eu passei mal um dia antes da viagem, então resolvi fazer um teste e deu positivo, desde então venho tentando evitar que você perceba meus enjoos matinais e até minhas leves tonturas. — Sorriu.

E eu esqueci todos os meus modos, avançando sob ela, enlaçando sua cintura, erguendo-a do chão e a rodando de tanta alegria que eu sentia naquele momento. Coloquei-a de volta no chão e a beijei com euforia, desespero, amor, desejo... Eram vários sentimentos juntos.

— Eu agradeço ao destino por meu caminho ter sido traçado até você — Nathalie comentou assim que separei nossos lábios.

— Eu tenho uma dívida enorme com ele, meu amor. — Sorrímos com meu comentário e resolvemos bater uma foto no ponto exato onde fiz o pedido para deixar esse dia registrado para sempre. Depois resolvemos partir para o hotel, para comemorarmos as nossas alegrias.

Podíamos ter tido uma vida de merda antes de nos conhecermos, mas agora o nosso futuro estava traçado e tinha altas doses de amor e felicidade, e era só disso que precisávamos.

Fim

Agradecimentos

Obrigada por ter chegado até aqui, por confiarem no meu trabalho e por me darem uma chance de cada dia escrever mais obras para vocês.